



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS EM LINGUÍSTICA APLICADA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DE PRÁTICAS DISCURSIVAS

PENSO E (RE)POSTO, LOGO EXISTO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA
DAS IDENTIDADES ATRAVÉS DO SIGNO #ENEMFEMINISTA

DANIELLE BRITO DA CUNHA

NATAL/RN

2020

DANIELLE BRITO DA CUNHA

**PENSO E (RE)POSTO, LOGO EXISTO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA
DAS IDENTIDADES ATRAVÉS DO SIGNO #ENEMFEMINISTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora. Área de concentração: Estudos em Linguística Aplicada.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Archanjo

NATAL/RN

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras

Cunha, Danielle Brito da.

Penso e (re)posto, logo existo: uma análise dialógica das identidades através do signo #enemfeminista / Danielle Brito da Cunha. - Natal, 2020.

201f.: il. color.

Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Archanjo.

1. Identidade - Tese. 2. Twitter - Tese. 3. Dialogismo - Tese. 4. Feminismo - Tese. 5. Enem - Tese. I. Archanjo, Renata. II. Título.

DANIELLE BRITO DA CUNHA

**PENSO E (RE)POSTO, LOGO, EXISTO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA
DAS IDENTIDADES ATRAVÉS DO SIGNO #ENEMFEMINISTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora. Área de concentração: Estudos em Linguística Aplicada.

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Renata Archanjo (UFRN)
Orientadora/Presidente

Prof.^a Dr.^a Maria da Penha Casado Alves (UFRN)
Examinador Interno

Prof.^a Dr.^a Cellina Rodrigues Muniz (UFRN)
Examinador Interno

Prof.^a Dr.^a Luciane de Paula (UNESP)
Examinador Externo

Prof.^o Dr.^o Hélio Márcio Pajeú (UFPE)
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

Agradecer, sim, sempre agradecer. Mais do que agradecer, quero dizer “obrigada”, um jeito único que nossa língua portuguesa nos dá para falar de como nos sentimos obrigados a retribuir ao mundo as coisas boas que nos são dadas, e até mesmo os desafios que nos são impostos. Por isso, sinto-me não somente grata, mas também obrigada a devolver a sociedade todo o investimento feito em mim, por meio de minhas pesquisas e de meu trabalho na área.

Quero agradecer e a lista é grande. O caminho não foi fácil, esteve povoado de espinhos, pedregulhos, penhascos, desafios e surpresas. Tantas inseguranças, incertezas e, ao mesmo tempo, tanta força que me foi emprestada por pessoas maravilhosas que foram entrando na minha vida e mudando tudo.

Nesse percurso fui rebelde, insegura, pragmática, estrategista, ativista, feminista, professora, orientanda, filha, noiva, estudante, pesquisadora, mulher. Fui sujeito fragmentado, líquido, conflituoso. Fui como esse sujeito de múltiplas identidades, fui sujeito composto pelas minhas experiências de vida, mas também pela minha relação com os outros sujeitos que permearam minha pesquisa. Vozes familiares, vozes amigas, vozes de autores que só conheci pelo discurso no papel. Discurso que me inquietaram, discursos com os quais discordei em determinado momento, discursos outros que me apropriei e tornei tão meus quanto deles – os outros que me rodeiam.

E é nessa direção que começo a agradecer aos que ressoaram em minha vida.

Quero agradecer ao meu bondoso Deus, embora para muitos um texto acadêmico não dê espaço para pensamentos religiosos, minha crença faz parte de quem eu sou e é também minha identidade.

A meu pai e a minha mãe, meus baluartes, minhas rochas, minhas razões para me manter firme e forte. Posso dizer com toda certeza que Deus me presenteou com os melhores pais do mundo inteiro. Agradeço pelo amor e pela confiança diários, pelas preocupações, vocês são o meu referencial, eu sou aquilo que vocês fizeram de mim, essa conquista não é minha, é nossa.

À Renata Archanjo, minha orientadora, e uma das melhores pessoas que já conheci neste mundo. Sua ética, paciência, temperança e humanidade se tornaram pontos de referência para mim. Obrigada de todo coração por me acolher e me aceitar, mesmo vindo de maneira abrupta e cheia de manias e de leituras e querendo o tempo todo fazer uma grande mistura teórica na minha cabeça e no texto.

Aos meus amigos, pelos questionamentos, abraços e pensamentos positivos. Amigos de perto, amigos de longe, amigos antigos, amigos novos que conheci durante o doutoramento, amigos que foram passageiros, mas que deixaram um pouco de si em mim.

Ao meu amigo mais próximo, João Paulo Alexandre Dantas, que me aguentou com toda paciência. Aguentou todas as reclamações, todos os choros, todos os desabafos e toda a loucura nossa de cada dia. De verdade, nem sei como ele conseguiu esse milagre. Sempre fazendo com que eu me sentisse melhor, sorrisse, mesmo nas horas em que eu só queria desistir de tudo.

Aos torcedores de plantão: minhas irmãs, Débora Quezia e Angela Maria, meus sobrinhos, Matteo e John, que sempre colocam um sorriso na minha boca e leveza no meu coração. Amo muito vocês.

Aos professores da UFRN, em especial, à Prof^a. Dr^a. Maria da Penha Casado Alves, pelas grandes contribuições e orientações que redesenharam o meu trabalho. E a Prof^a Dr^a. Cellina Rodrigues Muniz, por aceitar nosso convite para banca de defesa.

À professora Dr^a. Luciane de Paula, uma pessoa incrível que contribuiu com meu trabalho, inclusive como aporte teórico para esta tese, obrigada pela confiança e participação na nossa qualificação e defesa.

Ao Prof^o. Dr^o. Hélio Márcio Pajeú, por aceitar nosso convite para banca de defesa e pelos excelentes apontamentos.

À Bete e a Gabriel, pelo acolhimento e solicitude na Secretaria do PPgEL/UFRN.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Cada um desembaraça-se como pode, entre aquilo que quer e aquilo que deve, com sua mescla de verdade e de mentira, de lucidez e de astúcia, de retidão e de comprometimento. Para permanecer Sujeito, é preciso ora fechar os olhos sobre si mesmo, ora abri-los.

(Guy Bajoit, 2009)

RESUMO

Nesta pesquisa, elabora-se uma análise qualitativa-interpretativa da (re)significação das identidades, através do discurso na ciberesfera *Twitter*, ancorada na fundamentação teórico-metodológica inscrita na linha sócio-histórica da constituição da linguagem e do sujeito, sobretudo nos trabalhos de Bakhtin: sua concepção de linguagem, de enunciado e de gênero do discurso. Para Bakhtin e seu Círculo, a partir do momento que algo é enunciado, passa a significar, refratar e refletir. É a partir dessa pluralidade identitária que emerge o discurso e nele percebemos uma constante tensão, isto é, os enunciados estão embebidos em: ideologias, responsabilidade/responsividade, alteridade e memória discursiva. As (des)construções desses sujeitos são fruto dessa tensão e, para tentar resolvê-la, o sujeito sente a necessidade de falar sobre ela. Dessa maneira, a dinâmica da identidade, fluída e plural, perpassa o discurso, mostrando a relação que o sujeito constrói consigo e com o outro – apontada por Bakhtin como uma relação dialógica. Ou seja, há uma necessidade crescente e urgente do sujeito de pertencer, de ser, de estar e de ter sua verdade ouvida, seja por meio de reivindicações – como, por exemplo, pela adesão a movimentos sociais, movimentos feministas, movimentos partidários – , por meio de desconstruções desvinculadas a esses movimentos ou por meio de posicionamentos oriundos de experiências pessoais, mostrando as imposições sociais, construções e subversões de padrões, ideologias acolhidas e rejeitadas. A fragmentação se faz no tempo e no espaço, numa relação de exotopia e cronotopia. O formato velho e o novo coexistem de forma líquida, tornando novas as estruturas ou retornando às mesmas assim o sujeito deseje. Por isso, meu eu físico e meu eu virtual, minha vida pessoal e minha vida pública, minhas relações reais e íntimas e minhas relações apenas através de uma tela já se misturam de tal forma que podem ser confundidas entre si. Nessa fragmentação que nos leva a pensar para além dos aspectos estruturais e composicionais da linguagem, percebemos a necessidade de analisar e compreender como determinados discursos são (re)produzidos, circulam e são (ou não) aceitos nas práticas sociais, como eles contribuem ou não para essa (re)significação identitária. Sendo assim, com o intuito de analisar essa dimensão multifacetada, tomamos um *corpus* de cinquenta *tweets* sob a hashtag #enemfeminista, dos quais foram escolhidos vinte e quatro como amostragem, signo esse que surge a partir do tema da redação do Enem 2015: “a persistência da violência contra a mulher”. O objetivo deste trabalho é, assim, compreender como determinados discursos são (re)produzidos, circulam e são (ou não) aceitos nas práticas sociais, como eles contribuem ou não para essa (re)significação identitária. Para subsidiar a pesquisa, recorreremos aos Estudos Culturais, aos Estudos Feministas e à Linguística Aplicada,

partindo do arcabouço teórico metodológico da Análise Dialógica do Discurso, e, principalmente, aos textos de Bakhtin e Círculo. A pesquisa nos apontou, em primeira instância, a confirmação das identidades fragmentadas, coexistindo em meio a uma turbulenta conjuntura político-social. Em segunda instância, percebemos a forte necessidade de pertencimento emitida pelos sujeitos em seus enunciados, assim como a forte influência das esferas comunicativas, por meio de discursos que mostram macrogrupos – feministas x antifeministas –, ao mesmo tempo em que se fragmentam em micro identidades plurais.

Palavras-chave: Identidade. Twitter. Dialogismo. Feminismo. ENEM.

ABSTRACT

In this research, a qualitative-interpretative analysis of the (re) meaning of identities is elaborated, through the discourse in the cybersphere *Twitter*, anchored in the theoretical-methodological foundation inscribed in the socio-historical line of the constitution of language and the subject, especially in the works of Bakhtin: his conception of language, statement and discourse genre. For Bakhtin and his Circle, from the moment that something is stated, it starts to mean, refract and reflect. It is from this plurality of identity that the discourse emerges and we perceive a constant tension in it, that is, the statements are embedded in: ideologies, responsibility/responsiveness, otherness and discursive memory. The (de)constructions of these subjects are the result of this tension and to try to resolve it, the subject feels the need to talk about it. In this way, the dynamics of identity, fluid and plural, permeates the discourse, showing the relationship that the subject builds with himself/herself and with the other, which Bakhtin already pointed out as a dialogical relationship. That is, there is a growing and urgent need for the subject to belong, to be, to stay and to get his/her truth heard, either through demands – for example, by joining social movements, feminist movements, partisan movements, – or by deconstructions disconnected from these movements or by positions, derived from personal experiences, showing the social impositions, constructions and subversions of patterns, accepted and rejected ideologies. The old and new format coexist in a liquid form, enabling the structures new, or returning to them as soon as the subject wishes, therefore, my physical self and my virtual self, my personal and public life, my real and intimate relationships and my relationships only through a screen are already mixed in such a way that they can be confused with each other. In this fragmentation that leads us to think beyond the structural and compositional aspects of language, we realize the need to analyze and understand how certain discourses are (re) produced, circulate and are (or are not) accepted in social practices, how they contribute or not for this identity (re)signification. Thus, in order to analyze this multifaceted dimension, we took a corpus of fifty Tweets below the hashtag #enemfeminista, of which twenty-four were chosen as samples, a sign that arises from the theme “The persistence of violence against women ” by the ENEM (acronym for *Exame Nacional do Ensino Médio*; translation High School National Exam) 2015 essay. The objective of this paper is, therefore, to understand how certain discourses are (re) produced, circulate and are (or are not) accepted in social practices, how they or not to this (re)identity meaning. To subsidize the research, we will use Cultural Studies, Feminist Studies and Applied Linguistics, starting from the theoretical methodological framework of Dialogic Discourse Analysis, and mainly, the texts

of Bakhtin and Circle. The research showed us, in the first instance, the confirmation of fragmented identities, coexisting in the midst of a turbulent political-social conjuncture; in the second instance, we perceive the compelling need for belonging emitted by the subjects in their statements, as well as the considerable influence of the communicative spheres, through discourses that show macrogroups – feminists x anti-feminists–, at the same time that they are fragmented into plural micro identities.

Keywords: Identity. Twitter. Dialogism. Feminism. ENEM.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche, une analyse qualitative-interprétative de la (re) signification des identités est élaborée, à travers le discours dans la cybersphère *Twitter*, ancrée dans le fondement théorico-méthodologique inscrit dans la ligne socio-historique de la constitution du langage et du sujet, notamment dans les travaux de Bakhtine: sa conception du langage, de l'énoncé et du genre de discours. Pour Bakhtin et son Cercle, à partir du moment où quelque chose est énoncé, cela commence à signifier, réfracter et réfléchir. C'est de cette pluralité des identités que le discours émerge et on y perçoit une tension constante, c'est-à-dire que les énoncés sont enchâssés dans : idéologies, responsabilité/réactivité, altérité et mémoire discursive. Les (dé) constructions de ces sujets sont le résultat de cette tension et pour tenter de la résoudre, le sujet ressent le besoin d'en parler. De cette manière, la dynamique de l'identité, fluide et plurielle, imprègne le discours, montrant la relation que le sujet construit avec lui-même et avec l'autre, ce que Bakhtine désignait déjà comme une relation dialogique. En d'autres termes, il y a un besoin croissant et urgent pour le sujet d'appartenir, d'être, d'être et de faire entendre sa vérité, soit à travers des revendications - par exemple, en rejoignant des mouvements sociaux, des mouvements féministes, des mouvements de partis, - ou par des déconstructions déconnectées de ces mouvements ou par des positions, dérivées d'expériences personnelles, montrant les impositions sociales, les constructions et les subversions de schémas, les idéologies acceptées et rejetées. L'ancien et le nouveau format coexistent sous une forme liquide, rendant les structures nouvelles, ou y revenant dès que le sujet le souhaite, donc, mon moi physique et mon moi virtuel, ma vie personnelle et publique, mes relations réelles et intimes et mes relations uniquement à travers un écran sont déjà mélangées de telle manière qu'elles peuvent être confondues les unes avec les autres. Dans cette fragmentation qui nous conduit à penser au-delà des aspects structurels et compositionnels du langage, nous nous rendons compte de la nécessité d'analyser et de comprendre comment certains de discours sont (re) produits, circulent et sont (ou ne sont pas) acceptés dans les pratiques sociales, comment ils y contribuent ou non pour cette (re) signification identitaire. Ainsi, pour analyser cette dimension multiforme, nous avons pris un corpus de cinquante *Twitter* sous l'hashtag #enemfeminist, dont vingt-quatre ont été choisis comme échantillons, signe qui découle du thème « la persistance des violences faites aux femmes » de la rédaction Enem 2015. L'objectif de ce travail est donc de comprendre comment certains discours sont (re) produits, circulent et sont (ou ne sont pas) acceptés dans les pratiques sociales, comment ils contribuent ou non à ce sens de (ré) identité. Pour subventionner la recherche, nous utiliserons les études culturelles, les études féministes et la

linguistique appliquée, à partir du cadre méthodologique théorique de l'analyse du discours dialogique, et principalement, les textes de Bakhtine et Cercle. La recherche nous a montré, dans un premier temps, la confirmation d'identités fragmentées, coexistant au milieu d'une conjoncture politico-sociale turbulente ; dans un second temps, on perçoit le fort besoin d'appartenance émis par les sujets dans leurs déclarations, ainsi que la forte influence des sphères communicatives, à travers des discours qui montrent des macrogroupes - féministes x antiféministes -, en même temps qu'ils se fragmentent en micro-identités plurielles.

Mots-clés : Identité. Twitter. Dialogisme. Féminisme. ENEM.

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1: A confluência do sujeito.....	57
Figura 2: Esquema macro das categorias de análise.....	104
Figura 3: Esquema das categorias de análise: visão micro.....	106
Figura 4: Imagem de uma pessoa tentando ouvir melhor algo dito.....	116
Figura 5: Movimento centrípeto e centrífugo das identidades	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Movimento social baseado em Tejerina.....	72
Quadro 2: Tipologia analítica dos movimentos feministas.....	81
Quadro 3: Identidades Coletivas feministas e Antifeministas.....	129

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: <i>#COMOTUDOCOMEÇOU</i>	18
1 #ESTADODAAARTE: UM PASSEIO PELAS PESQUISAS QUE ABORDAM O OBJETO	26
1.1 PASSEIO PELA: <i>#VIOLÊNCIADEGÊNERO</i>	27
1.2 PASSEIO PELA: <i>#IDENTIDADEFEMININA</i>	31
1.3 PASSEIO PELO: <i>#TWITTER</i>	35
1.4 APRESENTANDO A TESE: <i>#PASSEIOPANORÂMICO</i>	37
2 POR UM CAMINHO TEÓRICO DIALÓGICO <i>#PARTEI</i>	40
2.1 CAMINHANDO PELAS <i>#ESFERAECAMPO</i>	42
2.2 CAMINHANDO PELA <i>#ESFERADIGITAL</i>	45
2.3 CAMINHANDO PELO <i>#TEMPOEESPAÇO</i>	51
2.4 CAMINHANDO PELO <i>#DIALOGISMO</i>	53
2.5 CAMINHANDO PELO <i>#ENUNCIADO</i>	54
2.6 CAMINHANDO PELA <i>#IDEOLOGIA</i>	61
3 POR UM CAMINHO TEÓRICO DIALÓGICO <i>#PARTEII</i>	66
3.1 CAMINHANDO PELA <i>#SOCIEDADEEGLOBALIZAÇÃO</i>	66
3.2 CAMINHANDO PELA <i>#IDENTIDADEESUJEITO</i>	73
3.3 CAMINHANDO PELO <i>#FEMINISMO</i>	80
4 METODOLOGIA OU <i>#COMOCHEGUEIAQUI?</i>	89
4.1 O MEC, RAMIFICAÇÃO OU NUTRIENTE? OU <i>#COMOCHEGUEINOMEURIZOMA</i>	98
4.2 O CARÁTER ÉTICO DA PESQUISA OU <i>#COMOCHEGUEINASCATEGORIASDEANÁLISE</i>	101
5 #PARTIUCORPUS: PERCURSO DE ANÁLISE	110
5.1 PERCURSO INICIAL: <i>#EUEOOUTRO</i>	114
5.2 PERCURSO INTERIOR: <i>#EUEMEUOUTROEU</i>	133
5.3 PERCURSO EXTERIOR: <i>#ESFERASDECOMUNICAÇÃO</i>	140

5.4 PERCURSO FINAL: #ASSIMEXISTO?	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS: #SERÁ?.....	156
REFERÊNCIAS	168
ANEXOS	174
GLOSSÁRIO	202

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado
Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro.

(Trecho da letra da música *Sujeito de Sorte* de Belchior)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: #comotudocomeçou

O Brasil tem passado por muitas mudanças nos últimos anos. Muitas dessas são fruto de uma busca para trazer equidade aos processos de ensino. Outras são mais antigas, como as lutas contra o racismo ou em favor dos direitos das mulheres, ou ainda pelos direitos de outras minorias, como é o caso das comunidades lgbtq+. Essas lutas geraram bons frutos no decorrer dos anos, mas ainda não podemos falar de uma trégua, ou de um sessar fogo, pois estamos sempre em movimentos de avanço e retrocesso nessas pautas.

No campo da educação observamos que o acesso ao ensino superior tem sido uma grande bandeira para tentar diminuir as desigualdades atávicas deste país, Brasil, sobretudo para aqueles que veem na educação a única forma eficaz e duradoura de transformação de um povo. Nessa luta, à despeito de todas as críticas que podemos fazer, medidas como regime de cotas e financiamentos públicos para bolsas de estudo (FIES, PROUNI) são algumas das políticas públicas implementadas. Dentre essas, a própria transformação da forma de acesso ao ensino superior, do antigo vestibular para a atual forma de ingresso por meio do ENEM, é também um exemplo. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) utiliza-se de dois mecanismos distintos em sua avaliação, a saber, as questões de múltipla escolha e a redação. É de praxe que o tema dessas redações envolva um assunto provocante para atender à estrutura de um texto dissertativo-argumentativo, o qual possui como marca a presença de uma proposta de intervenção na sua conclusão, colocando-o como um gênero novo utilizado somente no Exame em questão.

No decorrer dos anos, muitos temas ditos polêmicos tornaram-se pauta, não somente para dar suporte ao gênero, como também para promover a discussão de assuntos importantes para a sociedade, dada a repercussão que esse exame possui no país, uma vez que é a porta de entrada para os estudantes ao ensino superior e isso ajudou a dar notoriedade aos temas abordados. É nessa direção que, em 2015, a redação trouxe um tema não somente instigante e controverso, como também um tema considerado *irreal* para muitos¹, o que causou uma avalanche de reações, narrativas e argumentos não somente nas provas, mas extrapolando esse espaço e adentrando nas redes sociais – um espaço que parece amplificar tudo o que por lá circula e no qual, não por acaso, verificou-se a sua maior repercussão.

¹ Nota afirmação retirada da análise.

Assim sendo, a presente pesquisa se debruça sobre enunciados que surgiram a partir da proposta de redação do ano de 2015, cujo tema, “a persistência da violência contra a mulher no Brasil”, foi considerado bastante controverso, gerando uma comoção nacional sobre o que o exame deveria assumir como ideologia. Várias questões foram levantadas pelos usuários das redes: se o Enem deveria ser neutro ideologicamente; se haveria de fato uma influência do feminismo no governo; e se a violência contra mulheres seria ou não algo real no Brasil. Tantas dúvidas, afirmações e resistências provocaram nos sujeitos a necessidade de narrar e de se posicionar frente esse embate social, e a arena de luta escolhida foram as redes sociais.

Emergia, assim, o interesse por essa temática. Para buscar compreender como se constituíam as identidades por meio desses posicionamentos, buscamos utilizar os seguintes métodos de coleta: optamos pela mídia *twitter* e, no vasto universo das *hashtag*², optamos pela *#enemfeminista*, considerando ser essa “coleção de enunciados” um *corpus* suficientemente significativo para discutir a construção identitária a partir da afirmação de que a mulher ainda era objeto de violência, ao mesmo tempo em que esse tema mantinha diálogo com outras narrativas presentes nas redes virtuais.

Por ser uma pesquisa ancorada na ferramenta *twitter*, trabalharemos com um teor de conteúdo público, acessível virtualmente, sem necessidade de ocultar nomes, datas ou ligações com pessoas reais. Dada essa escolha, a imprevisibilidade também é uma forte variável, uma vez que não há como prever a localidade específica dos usuários, pois abrange um território internacional, a faixa etária da população estudada também varia, segundo a autodenominação dos usuários, assim como a verificação entre nomes reais e fictícios, o que também nos desobriga a fazer uma pesquisa que lide com estatísticas.

Dessa forma, esta tese pretende analisar um *corpus* de cinquenta enunciados, sendo detalhados um escopo de vinte e quatro para fins de exemplificação das demais, presentes no *twitter*, sobre a hashtag *#enemfeminista* e seus diálogos com outras narrativas prestadas também em mídias sociais. Portanto, optamos por uma pesquisa ancorada firmemente em uma perspectiva dialógica, para a qual o estudo da linguagem evidencia uma prática social, sendo assim, uma relação entre significados, traduzindo o diálogo entre linguagem, memória discursiva e alteridade.

Há pelo menos três grandes motivações para a escolha desse objeto de pesquisa e do *corpus* aqui analisado: a primeira, enquanto professora de língua portuguesa e conhecedora do Exame Nacional do Ensino Médio; a segunda, enquanto mulher e feminista; e a terceira,

² O conceito será explicado nas seções seguintes.

enquanto pesquisadora na área dos estudos da linguagem como prática social, com ênfase na identidade.

Pois, assim como aponta Manuel de Barros (2002, p. 79) em seu poema:

A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.

Como professora, estamos sempre envoltos com as deliberações das instâncias que normatizam as práticas educativas. Nesse sentido, dadas as provas de larga escala apresentadas em nosso país, reconhecemos seu impacto tanto na educação quanto sua importância social e igualmente política, na vida de todos os brasileiros, principalmente aqueles que veem exames como o ENEM, por exemplo, como a única forma de transformar sua atual realidade, uma vez que é a principal porta de acesso ao ensino superior na promessa de um futuro melhor. As provas distribuídas e aplicadas em todo o Brasil começam desde a infância (Provinha Brasil) e chegam até a vida adulta (ENEM). Não estamos aqui como defensoras ou desaprovadores das referidas provas. Entendemos que, embora a intenção seja a melhor, essas avaliações constituem instrumentos que ainda possuem diversas falhas, as quais poderão ser analisadas em um outro trabalho. Contudo cabe aqui ressaltar que, mesmo com falhas, essas provas fazem parte do cotidiano de muitos brasileiros, seja direta ou indiretamente, e por esse motivo também se faz presente como um dos recursos do sujeito na constituição da sua própria identidade.

Se pensarmos exclusivamente nas provas do ENEM, veremos adolescentes, jovens e até adultos que põem sua esperança de transformação, e quiçá ascensão social, no resultado dessa

avaliação, pois é o único caminho, para alguns, de continuar sua formação em um curso superior. Por isso, embora a prova e a sua redação não sejam aqui objeto de análise, elas foram sem dúvida as principais fomentadoras na discussão que gerou as narrativas e, conseqüentemente, as identidades assumidas pelos autores das postagens objeto de análise deste trabalho.

Em 2015, tivemos uma temática bastante emblemática, “a persistência da violência da mulher no Brasil”, que levou pessoas influentes da área da política e até do judiciário a se posicionarem ora contra, ora a favor do assunto. Essa discussão foi alvo de reportagem no portal G1, no dia 24 de outubro de 2015³, cujo título era “Enem 2015: questão sobre feminismo é comentada nas redes sociais”.

O efeito colateral desses questionamentos elevou os ânimos e levou ao posicionamento de muitos políticos, tanto do legislativo, quanto do executivo⁴. Essas tomadas de posição mostram como o exame é uma vitrine importante que, a depender daquilo que se está expondo, pode levantar questões nem sempre cômodas a justificar. Essa importância reforça o papel da linguagem em ser capaz de materializar, em suas mais variadas formas – por vezes verbal, por vezes vocal, por vezes visual, ou ainda verbivocovisual – os sentidos que os indivíduos adaptam em suas vidas, na conduta de suas práticas, no modo de significar suas ações, pensamentos e ideologias de vida. A partir de um símbolo (doravante signo), a #, várias pessoas passaram a expor suas opiniões, dando voz tanto aos candidatos que se sentiram injustiçados pela temática, quanto àqueles que viram a temática como um assunto social importante que merecia ser posto em cheque por meio de um exame de abrangência nacional, sentindo-se à vontade para debater sobre ele.

É justamente nesse cenário que muitos desses alunos – provindos da escola pública, marginalizados, cujo ambiente familiar, por vezes, é cercado de violência de gênero – viram uma oportunidade de se expressar e ter sua voz ouvida, ainda que de forma engessada pelo gênero discursivo requerido. Isso provocou ecos nas redes sociais, uma vez que a temática também retirou de seus esconderijos os pensamentos reacionários e favoráveis à violência de

³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/questao-sobre-feminismo-no-enem-2015-e-lembrada-nas-redes-sociais.html>>. Acessado em: 10 ago. 20.

⁴ Reportagem do portal G1, publicada em 25 de outubro de 2015, disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/deputados-bolsonaro-e-feliciano-acusam-enem-de-doutrinação.html>>. Acessada em: 10 ago. 20.

gênero, o que provocou muitas notas baixas ou mesmo zeradas por ferirem os direitos humanos⁵. Como aborda Telles (2012, p. 33):

Somente em 1993, na Conferencia Mundial de Direitos Humanos, promovida pelas Nações Unidas, em Viena, a violação dos direitos das mulheres, mesmo que ocorra no âmbito privado, foi reconhecida como violação dos direitos humanos, pois cabe ao estado garantir segurança e proteção à vida das mulheres.

Nessa direção, enquanto feminista e, sobretudo, mulher, não seria possível não ser atraída pelo tema, assim como pelo então momento político e pelos ecos formados a partir desses dois primeiros. Era impressionante perceber como o preconceito e a discriminação baseadas no gênero, tão discutidos na academia e em fóruns políticos, ainda são algo tão profundamente arraigados em nossa sociedade. Mais impressionante ainda como vocifera de forma tão tangente e atual, ou como sugere o próprio tema, “persiste” sendo a violência o único meio que uma determinada camada da sociedade tem para se manter no poder.

É através da percepção da quantidade de comentários dentro de uma ferramenta como o *twitter* que notamos como o feminismo, como pauta de justiça social, ainda tem um papel importante a ser cumprido e que não é possível pensar em mudanças sociais sem levar em conta a luta pela manutenção e pela busca de direitos básicos que nós mulheres, ou melhor, nós seres humanos ainda necessitamos. Como aponta Cunha (2015, p. 15), “percebemos que dar ou receber ‘voz’ para gritar contra a violência gera tensões identitárias que precisam ser estudadas para que se possa atingir, se não a solução, um princípio para ela”.

Por fim, é também com a identidade de pesquisadora que me identifiquei e me interessei em estudar o presente objeto. As escolhas pelo material, pelo método e pelas teorias são também reflexo de estudos, leituras e apontamentos anteriores que ecoam agora nesta tese. Estudar o processo de (re)significação da identidade, a maneira fluída como elas se movem, bifurcam-se, estruturam-se a partir de determinadas esferas comunicativas, para novamente entrar em colapso. E, é como pesquisadoras⁶ que também atentamos para a complexidade do “fazer pesquisa”, uma vez que o trabalho do pesquisador nem sempre é uma estrada tranquila salpicada de flores pelo caminho. Há buracos, curvas fechadas, entrocamentos diante dos quais não sabemos que direção tomar e que nesse percurso nossa identidade vai sendo forjada. Sendo, pois, uma das razões para esta pesquisa.

⁵ Foi a partir desse episódio que começou um movimento, consolidado efetivamente em 2017, para retirar o critério “ferir os direitos humanos” como anulação da prova, esse critério passou a baixar somente a nota na competência 5 e não mais zerar a redação do candidato.

⁶ Tanto orientanda, quanto orientadora.

Essas motivações são, antes de tudo, o primeiro sopro de uma pesquisa, aquilo que nos impulsiona e a chave para continuar a análise. Como bem ressalta Moita Lopes várias vezes em sua obra, existe uma subjetividade inerente e da qual o pesquisador não consegue fugir em sua pesquisa, principalmente quando trabalha em LA. Isto é, não estamos aqui dizendo que não exista objetividade, pelo contrário, trabalhamos com o máximo de objetividade e de critérios em nossas pesquisas, pois são eles que garantem o rigor científico e a certeza de estarmos fazendo algo relevante academicamente, entretanto, sempre haverá resquícios, sombras, traços de nossa ideologia, sempre haverá a presença do autor-pesquisador, a começar pelas nossas escolhas de análise. Como nos mostram Denzin & Lincoln,

três atividades genéricas, interligadas, definem o processo da pesquisa qualitativa. Elas seguem uma variedade de rótulos diferentes, incluindo os de teoria, método, análise, ontologia, epistemologia e metodologia. Por trás desses termos, está a biografia pessoal do pesquisador, o qual fala a partir de uma determinada perspectiva de classe, de gênero, de raça, de cultura e de comunidade étnica (DENZIN&LINCOLN, 2006, p 32).

É nesse sentido que não podemos ter a utopia de um trabalho puro (no sentido bioquímico da palavra), principalmente em se tratando da linguagem como objeto de pesquisa, pois ela também não é pura – se entendemos por pureza o caráter de algo que seja uniforme, monocromático, monológico. Há, indubitavelmente, em nossas análises outras vozes, sons ecoando, gerando interferência, sejam por nossas ideologias, experiências, preconceções ou desejos de mudança. Como ressalta Signorini (1998), optamos por uma LA que não se detém a fazer pesquisas higienizadas que necessitam de um objeto “purificado”, pois sua busca está nos “resíduos”, sem medo de investigar o “objeto híbrido”. A impureza é do humano. E talvez isso é que faça com que sejamos tão complexos e tão belos.

Como mostrado acima, temos dois grandes blocos que cooperam para a formação desse *corpus*, ambos se complementam e agem de maneira codependente: o MEC lança o tema da prova de redação do ENEM, enquanto o *twitter* é o meio usado para permitir a reação das pessoas sobre esse tema. Essa codependência não é direta, uma vez que o MEC não é responsável, nem tem a intenção de fazer as pessoas comentarem sobre suas escolhas em suas respectivas mídias sociais, sua preocupação não está no “o quê/como/onde” as pessoas irão reagir. Mas são duas instâncias de promoção do tema: a que representa a figura dos órgãos oficiais na promoção desse e a que veicula as opiniões das pessoas comuns (pessoas que não fazem parte do cenário político, ou artístico), ou seja, da sociedade a respeito desse tema.

Nessa perspectiva, as narrativas presentes no *twitter* são possíveis, pois, primeiramente, o tema é lançado pelo MEC. Entretanto, ao colocar as narrativas em um ambiente virtual de grande abrangência, no qual os participantes podem ter sua face protegida, é que chegamos à contribuição para uma análise dialógica da (re)significação identitária. Assim, destacamos dois conceitos oriundos da perspectiva da análise dialógica do discurso, a saber, cronotopo e exotopo, importantes para situar e compreender nosso objeto de estudo.

De fato, o espaço-tempo é de suma importância para entender a análise aqui proposta, pois não é possível dissociar o tempo político em que se desenrolam os fatos, e nem seu espaço. Em outras palavras, se o MEC é, em primeiro plano, a ignição que gera o movimento para posicionamentos que identificam, é o *twitter* o fio condutor para esse e para novos movimentos.

Podemos dizer que não achamos apenas um caminho, mas um emaranhado de trechos, ruelas, bifurcações e até mesmo alguns becos sem saída, sem, contudo, ver atalhos para chegar aos nossos resultados. Como explicado anteriormente, a escolha do objeto e do método dialógico partiu de nossas motivações profissionais e pessoais, chegando a *#enemfeminista* como nosso objeto de estudo, contudo, sem nos limitarmos a ela, uma vez que acreditamos na linguagem como um processo dialógico – a qual está sempre se relacionando com outros objetos, desdobrando-se por esferas/campos dos mais variados.

Nesta pesquisa, procuraremos traçar os caminhos para a construção identitária, suas subjetividades e os embates sociais (arenas nas quais se digladiam as vozes sociais) que podem ser observadas e/ou disseminadas por meio da linguagem. Sendo assim, temos como objetivo geral analisar, sob o viés da análise dialógica do discurso, os textos veiculados como construções discursivas de sujeitos sociais, por meio de e no ciberespaço do *twitter* com a *hashtag* *#enemfeminista*, assim como a emergência de identidades que ora convergem, ora divergem pela e na linguagem. Buscando circunscrever esse objetivo geral, estabelecemos alguns passos, definidos como os objetivos específicos, os quais buscam: (i) identificar e nomear nos discursos analisados a construção ou a desconstrução de identidades em sua ressignificação na mídia social em análise; (ii) examinar e identificar nos discursos analisados a emergência dos posicionamentos ideológicos que permeiam os enunciados postados na mídia social em análise; e, por fim, (iii) ressignificar os enunciados das postagens nas relações que se estabelecem entre as identidades assumidas e os posicionamentos valorados, buscando compreendê-los no mais amplo contexto das esferas de comunicação em que se inserem, instigados pelas questões de pesquisa.

Assim, chegamos a um total de cinquenta⁷ postagens sob a mesma *hashtag*, ainda que outras *hashtags* tenham surgido simultaneas a essa, optamos por elencar aquela com mais impacto social⁸ e maior número de *tweets e retweets*. Dentre essas cinquenta, retiramos uma amostragem de vinte e quatro *tweets* para fins de análise representativa.

Como veremos no decorrer desta tese, a fim de examinar a construção de identidades múltiplas presentes nos comentários sob a *#enemfeminista*, fizemos uso de um referencial teórico-metodológico com base na teoria Dialógica do Discurso, que por sua vez mantém um profícuo diálogo com outras áreas do saber, ancorando esse estudo nos pressupostos da LA.

Com esse arcabouço teórico-metodológico, para apresentação da pesquisa, o texto foi dividido em três sessões: 1) Por um caminho teórico *#dialógico*; 2) Metodologia ou *#comochegueiaqui?* e 3) *#partiucorpus*: percurso de análise. Por fim, temos as considerações finais, que trazem um arremate para a análise. Mas, como nossos “ditos” estão sempre embebidos em já ditos, traremos, antes de tudo, um breve panorama dos trabalhos nacionais sobre as temáticas aqui abordadas.

⁷ A justificativa está na seção teórica.

⁸ Engajamento, interação, curtidas, repostagens, comentários, etc

1 #ESTADODAAARTE: UM PASSEIO PELAS PESQUISAS QUE ABORDAM O OBJETO

A presente seção visa mapear e discutir algumas das produções acadêmicas de diferentes campos do conhecimento nos últimos anos⁹ acerca das identidades femininas nos embates sociais e em situação de violência, o que chamamos aqui de estado da arte. Este inventário pretende trazer uma descrição sobre como o tema já mencionado está sendo abordado em outras produções, porém não tem a pretensão de trazer toda a vasta literatura acerca desse.

Para o levantamento foram utilizadas cinco bases de dados diferentes, quais sejam: o Google Acadêmico¹⁰, o portal de dissertações e teses da USP¹¹ e da UFRN¹², assim como o portal da Capes¹³ e o repositório da UFSC do evento “Fazendo Gênero”¹⁴. Para fazer a busca desses trabalhos, colocamos as palavras-chave de nossa pesquisa, sendo elas, violência de gênero, construção das identidades femininas e *twitter*. *A priori*, começamos pelo portal da USP, por ser um dos mais visitados, entretanto, percebemos que o portal da USP não tinha muitos trabalhos nos moldes dos filtros empregados, o que nos levou a buscar outros portais, tais como UFRGS¹⁵ e os demais já citados. Consequentemente, encontramos e coletamos dezessete trabalhos de diferentes áreas do conhecimento, sendo eles: artigos acadêmicos escritos para revistas científicas reconhecidas e divulgadas entre os pares e dissertações e teses de diferentes estados e instituições superiores reconhecidas no país.

Dito isso, nas próximas subseções, cada uma corresponde a uma das palavras-chave. Passaremos, então, a abordar os trabalhos escolhidos, resumindo as pesquisas por meio de seus objetos, teorias, objetivos, metodologias e resultados e discutindo suas contribuições para a arena discursiva.

⁹ Uma variável de vinte anos.

¹⁰ É uma ferramenta de pesquisa do Google que permite pesquisar em trabalhos acadêmicos, literatura escolar, jornais de universidades e artigos variados.

¹¹ Universidade de São Paulo.

¹² Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹⁴ Evento que acontece a cada dois anos, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura.

¹⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1.1 PASSEIO PELA: #VIOLÊNCIADEGÊNERO

Essa seção possui um total de sete trabalhos inseridos na temática violência de gênero, mais precisamente a violência praticada contra a mulher. Especificamente são dois artigos, quatro dissertações e uma tese.

No artigo, *Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento*¹⁶, as autoras Ana Cláudia Wendt dos Santos e Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (2011) mostram um estudo exploratório-descritivo, cuja metodologia qualitativa tem a participação de 10 mulheres agredidas que prestaram queixa em uma Delegacia da Mulher. A coleta de dados realizou-se por meio de entrevista semiestruturada, tendo a análise sido feita por meio do software Atlas/ti 5.0. O estudo se baseia, segundo as autoras, na Teoria Fundamentada Empiricamente.

O objetivo do trabalho era caracterizar a repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento. Por meio da análise, identificou-se “a repercussão da violência na mulher por meio da insônia, da instabilidade emocional, da ideação suicida, do isolamento social e das estratégias de enfrentamento que foram focadas no diálogo com amigos, familiares e colegas de trabalho; na busca de encontros sociais e no uso de medidas, tais como: tentativa de separação, saída de casa e denúncia”. O estudo apontou para a necessidade de intervenções e o atendimento às mulheres agredidas.

Esse trabalho nos ajudou a identificar algumas formas de enfrentamento que podem gerar a(s) identidade(s), mesmo como ramificação/repercussão da violência sofrida, embora não trabalhe a linguagem da forma como pretendemos abordar nesta tese, o trabalho das pesquisadoras traz importantes dados sobre a violência de gênero.

É a importância de se falar sobre a violência específica que sofrem as mulheres que motiva o artigo *Violência cometida contra a mulher compreendida como violência de gênero*¹⁷, das autoras Caroline Fockink Ritt, Cláudia Taís Siqueira Cagliari e Marli Marlene da Costa (2009). *A priori*, temos uma breve abordagem sobre a violência, no seu aspecto de demonstração de poder, em vários meios sociais, e *a posteriori*, a conceituação e a contextualização da violência doméstica, assim como de suas principais causas e

¹⁶ Publicado na revista Paidéia (Ribeirão Preto), vol. 21, nº.49, Ribeirão Preto, May/Aug, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200010>>. Acessado em: 10 ago. 20. Revista que publica trabalhos originais relacionados à Psicologia e áreas afins.

¹⁷ Disponível no site: <http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo_violencide%20genero>, do Núcleo Indisciplinar de Estudos sobre Mulher e Gênero/NIEM, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ FRGS, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Acessado em: 10 ago. 20.

consequências. Os resultados apontados mostram a violência doméstica como uma violência de gênero, sendo uma consequência da sociedade patriarcal.

Segundo as autoras, esse tipo de violência é uma afronta direta aos direitos humanos da mulher agredida. Assim como em nossa tese, o artigo de Ritt, Cagliari e Costa mostra, ainda que embrionariamente, que a identidade é (des)estruturada a partir da violência e da reação a essa. Além disso, ressalta que não pode ser vista apenas como um problema privado, mas sobretudo como “social”, o qual precisa ser tratado, uma vez que a situação de violência que prejudica a integridade física e psicológica da mulher atinge sua dignidade.

Nessa mesma direção, a dissertação *Histórias de “mulheres”: a violência vivenciada singularmente e a lei 11.340 como possível recurso jurídico*, da mestra Maria Eduarda Ramos (2010), investigou a utilização da Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) por mulheres que sofreram violência doméstica e familiar. Adotando uma metodologia qualitativa, foram entrevistadas mulheres que frequentavam um grupo de reflexão no Centro de Atendimento a Vítimas (CEAV), na cidade de Florianópolis/SC, no período de seis meses. Durante a pesquisa, foram realizadas observações das participantes em todas as atividades e reflexões do grupo e registradas em diário de campo. Como resultado foi dado destaque às resistências e às descontinuidades que fizeram com que essas mulheres, na forma como utilizaram (ou não) a Lei Maria da Penha, criassem suas próprias situações de fuga.

O objetivo dessa pesquisa estava focado principalmente na vivência dessas mulheres agredidas e em como elas lidavam com isso, fosse utilizando ou não o canal da lei Maria da Penha como recurso de sobrevivência. Podemos, assim, inferir que, embora a questão da construção da identidade não seja abordada, a pesquisa pode nos ser útil na compreensão dos processos que levam uma vítima a buscar ou não a assistência jurídica, fazendo um diálogo proveitoso com os outros dois textos, embora com foco na questão jurídica.

No texto *Relações de poder e parentalidade: uma abordagem de gênero à luz da guarda compartilhada*, dissertação da mestra Renata Rangel Spelta Hackbardt (2016), podemos verificar uma análise das conquistas feministas nas divisões sexuais desses papéis na família e sua provável influência no surgimento da guarda compartilhada. Como fonte primária, foram utilizados os discursos parlamentares oriundos do Projeto de lei nº 6.850/2002, o qual instituiu esse modelo de custódia no ordenamento jurídico brasileiro, além de processos judiciais oriundos das Varas de Família, cujo trâmite se deu na Comarca de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, no período compreendido entre os anos de 2007 e 2012.

A metodologia, assim, parte das análises das fontes legislativas e judiciais para investigar a influência da emancipação feminina na democratização da família e na

ressignificação dos papéis sociais de homens e mulheres, evidenciando sua importância para o exercício da corresponsabilidade parental, por meio do instituto jurídico da guarda compartilhada. O principal objetivo nessa pesquisa era investigar as possíveis causas apontadas pelos parlamentares para a criação da guarda compartilhada no Brasil. Assim como a investigação da mestra Maria Eduarda Ramos (2010), o enfoque dado recai nas leis, o que nos ajuda a recuperar alguns dados sobre os caminhos jurídicos na formação da identidade, mesmo que a questão identitária não seja aqui uma categoria de análise.

Por sua vez, a dissertação *Uma reflexão sobre a formação da identidade feminina em mulheres vítimas de violência doméstica*, da mestra Ana Paula Mallet Lima (2010), com base na Psicologia aliada à Psiquiatria, procurou investigar a história de vida de mulheres agredidas, buscando investigar se essas tiveram mães agredidas, para assim verificar de que forma alguns aspectos da identidade feminina e da maternidade se relacionam na construção e na formação da mulher em situação de violência intrafamiliar. Ademais na pesquisa também se investiga como o Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) pode ocorrer nesses casos.

A metodologia adotada, nesse caso, foi a qualitativa, tomando com a técnica de coleta de dados entrevistas semiestruturadas com roteiro de perguntas que nortearam os temas da pesquisa. Também foram usados instrumentos para diagnosticar ou não o TEPT, assim como para avaliar a gravidade do quadro e verificar a presença de histórico de abuso e de trauma durante a infância e a adolescência dessas mulheres. As colaboradoras eram pacientes em atendimento no ambulatório, referência para o tratamento de violência, e pacientes encaminhadas da Delegacia da Mulher, provenientes da coleta de dados da pesquisa de outra autora (a psicóloga Adriana Cristine Fonseca Mozzambani). O principal objetivo era estudar a relação de alguns aspectos da construção da identidade feminina como possíveis fatores predisponentes e facilitadores da violência intrafamiliar, a partir da relação mãe-filha. A análise dos dados ocorreu a partir dos fundamentos da psicologia analítica, aliado ao contexto histórico-social, e os resultados mostraram que há uma estrutura psicofisiológica propensa a desencadear o TEPT na vida adulta dessas filhas, vítimas de violência doméstica.

Nessa perspectiva de investigação, verificamos um encaminhamento referente a construção da identidade feminina, mesmo que seja por meio de parâmetros da psicologia/psiquiatria, a linguagem, aqui concebida como apenas instrumento, ou mesmo canal, é também analisada, embora em menor escala, pois é por meio das entrevistas que o laudo e o prognóstico são lançados.

A quarta dissertação, *“Ninguém fala que o cara é culpado”*: *identidades de gênero feminino a partir do signo violência no site da revista Marie Claire*, da mestra Fernanda

Aparecida Israel (2015), foi também muito valiosa para a nossa pesquisa. Sendo a única da área de linguística, a dissertação procurou promover discursões acerca da identidade de gênero feminino inserida em um contexto de escrita na pós-modernidade.

Já pelo título encontramos o posicionamento da autora quanto à construção identitária feminina, ou seja, a análise caminha para a atestação de que existe uma culpabilidade social e que essa sempre recai sobre a mulher. A metodologia apresentada é qualitativa e utiliza os pressupostos bakhtinianos de análise, utilizando como suporte o site da revista Marie Claire e, mais especificamente, apresentando como objeto de análise a seção Mulheres do Mundo. Para dar conta do gênero discursivo, Israel (2015) faz uso de Bakhtin, bem como de Hall, para dar conta do conceito de identidade. Além disso, a autora utiliza Louro (2012) e Butler para conceituar a identidade de gênero social.

O principal objetivo era mostrar a evolução da identidade feminina na pós-modernidade, a qual deixava a esfera privada para adentrar a esfera pública, assumindo múltiplas identidades, fosse de vítima, líder, militante, política, dentre outras. Os resultados obtidos mostram como a construção identitária e a própria linguagem servem como instrumentos das relações de violência. Os conceitos de esfera, identidade e gênero social, assim como os pressupostos do Círculo Bakhtiniano utilizados pela autora, também compõem a nossa tese, embora iluminando diferentes conjuntos de dados.

A tese a seguir apresenta a violência sob um novo prisma, pois mostra que essa pode ser sofrida também de uma mulher por outra mulher. Com o título *Histórias do corpo negado: uma reflexão educacional sobre gênero e violência feminina*, da doutora Lígia Pereira dos Santos (2005), verificamos que, embora não trabalhe com a ideia de identidade, a autora apresenta os conceitos de corpo, violência e ser mulher.

A pesquisa, de metodologia qualitativa, situa-se entre os anos de 1999 a 2002 e mostra a influência do corpo na gênese da violência de gênero. Para tanto, ela coleta histórias, por meio dos jornais da época e dos registros de ocorrência policial cedidos pela Delegacia, de mulheres presidiárias/agressoras e de mulheres agredidas/vítimas que puderam denunciar seus agressores na Delegacia da Mulher. Para preservar a identidade das colaboradoras, foram utilizados pseudônimos de flores. A teoria perpassa os conceitos de corpo e dispositivos de poder de Foucault e do amor de Fromm, assim como as leis presentes no Código Penal Brasileiro. A autora aponta o principal objetivo da pesquisa, utilizando metáforas referentes ao corpo, sendo eles dar voz, mostrar, desnudar para que as identidades femininas fossem percebidas. Os

resultados apontam para a necessidade de perceber o corpo como parte da identidade¹⁸ feminina e sua relação com o que é aprendido e perpetuado no seio familiar e referendado pela sociedade.

1.2 PASSEIO PELA: #IDENTIDADEFEMININA

Esta seção compreende um total de sete trabalhos que se inserem na temática identidade feminina. Sendo assim, encontramos três artigos¹⁹, três dissertações e uma tese. A seguir, um resumo de cada um dos trabalhos.

No artigo primeiro artigo, *A identidade transfeminista através da rede*²⁰, o doutorando Raul Nunes (2017) aborda um espaço de militância feminista e, segundo ele, especial, pois tem despontado como *locus* do transfeminismo no Brasil: o ciberespaço. Para o autor, o *transfeminismo.com*, site surgido em 2011, tornou-se um coletivo e uma fonte de informações sobre o feminismo direcionado às questões trans e, conseqüentemente, o objeto de sua pesquisa. O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado utilizando o conceito de identidade coletiva, advindo da sociologia dos movimentos sociais, e o conceito de relações de poder, também provindo da Sociologia, para aplicação no estudo do ciberativismo e, nesse caso, do ciberfeminismo. Como resultados em sua pesquisa, o autor informa que a produção de conteúdo funciona como uma cartilha militante, a despeito das sucessivas reformulações e tensionamentos internos, o que gera indidentidades que se posicionam ou contra ou a favor da transgeneridade. Além disso, a pesquisa evidencia que a visão de mundo, a concepção de mudança social, os elementos éticos, as escolhas estratégicas, os adversários, as demandas, tudo está presente nesse ciberespaço.

No artigo *Ciberfeminismo no Brasil: construindo identidades dentro dos limites da rede*²¹, a mestra Débora Albu (2017) aborda também o conceito de ciberespaço, sendo seu objetivo entender como e porque mulheres jovens vem se engajando com o ciberfeminismo no Brasil na última década. Para a autora, o conceito oferece três enquadramentos possíveis para

¹⁸ Embora o termo *identidade* não seja utilizado pela autora, os conceitos apresentados nos encaminham para compreendê-lo por meio da leitura da tese.

¹⁹ Por apresentar a temática de gênero, Seminário Internacional Fazendo Gênero, da UFSC, possui um acervo de artigos científicos muito vasto que poderia ser utilizada em, pelos menos, duas das subseções aqui elencadas. Assim, do repertório de artigos, escolhemos três que serão aqui apresentados pela sua proximidade com o objeto desta pesquisa, sendo, pois, trabalhos que abordam as identidades femininas dentro de um universo virtual e/ou midiático, sob um viés feminista, escritos mais recentemente, ou seja, fazem parte do repertório do último evento do Fazendo Gênero 11.

²⁰ Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

²¹ Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

o desenvolvimento de narrativas sobre feminismo, seus significados e (re)produções. Dessa forma, o artigo mostra que o ciberfeminismo é entendido e utilizado em três dimensões: como uma plataforma, como uma identidade e como uma forma de ativismo. Nessa direção, as diferentes formas de engajamento online sugerem que diferentes mulheres têm diferentes necessidades, identidades e possibilidades. Para tanto, a autora utilizou como base metodológica e teórica conceitos oriundos da Sociologia e de estudos feministas.

No artigo *O corpo feminino como capital e o mercado da moda: espaço de produção de vulnerabilidade e de identidades*²², a mestrande e a doutora, respectivamente, Mariana Paiva Frizzera e Cristina Grobério Pazó (2017) colocam em xeque um padrão de corpo que é considerado superior aos demais, diferencia aquele que o possui dos demais, e, por isso, é tido tanto como um capital quanto um objeto de consumo, baseadas em construtos de Mirian Goldenberg (2010) e de Baudrillard (2014). Nessa direção, o artigo procurou estudar a atuação do mercado da moda na formação da vulnerabilidade das mulheres e de suas identidades. Como resultado, elas mostraram que é a partir do produto consumido que as mulheres constroem a sua identidade e, quando essa já não se adequa ao padrão estabelecido, ela é descartada e uma nova imagem é adquirida. Dessa maneira, a identidade que deveria ser plural é minimizada a uma identidade única para todas as mulheres que passam pela concepção social de beleza.

Os três artigos supracitados apresentam uma ideia de identidade plural, além de abordar as significações identitárias por meio da linguagem e de como essa se insere em práticas sociais, principalmente aquelas que resultam de engajamentos em redes virtuais e/ou midiáticas, o que as coloca na mesma direção semiótica desta tese. Outro elemento que compactua com a pesquisa aqui realizada é a maneira como essas identidades dialogam com os movimentos feministas em seu processo de (re)significação. Portanto, embora não trabalhem sob a teoria/metodologia dialógica do discurso que provém de Bakhtin e seu Círculo, esses artigos serviram como diálogo com outros campos e formas de pesquisa dentro da linguagem, assim como mostraram perspectivas para a formação identitária.

Na dissertação *“Meu corpo, minhas regras”*: construções identitárias em panfletos da *Marcha das Vadias*, do mestre Erinaldo da Silva Santos (2017), temos um objeto de estudo bem atual que é a Marcha das Vadias. O autor tem como objetivo investigar a construção de identidades das mulheres a partir de embates dialógicos em panfletos de divulgação da Marcha.

Para tanto, o autor traz os posicionamentos valorativos presentes em dez panfletos de divulgação da *Marcha das Vadias*, para, a partir dos recursos linguístico-discursivos e

²² Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

semióticos utilizados, interpretar quais identidades das mulheres são construídas. Como um estudo oriundo do campo da Linguística Aplicada, ele se ancora em uma concepção sócio-histórica da linguagem, entendendo-a como uma prática discursiva constitutiva e constituinte da vida social. O autor utiliza-se do arcabouço teórico de Bakhtin e Círculo (2013, 2015) e de Bakhtin/Voloshinov (2002).

Ademais, estabelece interconexões com estudos sobre identidades de gênero (BUTLER, 2013; LOURO, 2010, 2015; MOITA LOPES, 2002, 2003) e com os Estudos Culturais (HALL, 2014; WOODWARD, 2014). Por meio desses quadros teórico-metodológicos, a análise revelou posicionamentos valorativos que constroem identidades de uma mulher livre, crítica, participativa, que problematiza a violência, assim como questiona estereótipos de gênero ao se apoderar do próprio corpo. Por fim, a análise ainda mostrou que essas identidades buscam desconstruir discursos que responsabilizam as mulheres pelas violências de que são vítimas.

Assim como o primeiro, no texto, *O jogo das identidades como fator de mobilização político-eleitoral nas campanhas de Dilma Rousseff e Rosalba Ciarlini em 2010*, dissertação²³ da mestra Janaina Tomaz Capristano (2014), inspirada pela explícita relação entre mídia e política no âmbito da sociedade do espetáculo, temos uma investigação sobre as identidades que emergem nas práticas discursivas midiáticas das campanhas eleitorais de 2010 para presidente da República e governadora do estado do Rio Grande do Norte, protagonizadas pelas então candidatas Dilma Rousseff (PT), para presidente, e Rosalba Ciarline (DEM), para governadora.

A autora, que se situa nos quadros da Linguística Aplicada (LA), fundamenta-se na teoria do Círculo de Bakhtin, entrelaçando as concepções de relações dialógicas, vozes sociais e cronotopo, bem como estabelece uma interconexão com as teorias advindas dos Estudos Culturais (HALL, 2014; WOODWARD, 2014) acerca da identidade. O *corpus* da pesquisa é constituído por 20 vídeos de propaganda eleitoral, veiculados pela TV no Horário Eleitoral Gratuito da campanha de 2010. Dentre esses, 14 vídeos são da propaganda da candidata Dilma Rousseff e 06 são da candidata Rosalba Ciarline. Os objetivos destacados pela pesquisadora são: (i) investigar as construções discursivas das identidades em evidência nas práticas discursivas midiáticas de campanhas eleitorais protagonizadas por candidatas a cargos do poder Executivo; (ii) analisar o diálogo que se estabelece nos discursos sobre essas candidatas; e (iii) examinar o eixo axiológico em que se situa essa construção identitária.

²³ Defendida pelo programa de Pós da UFRN.

Como resultado, a análise chega não a uma, mas a múltiplas identidades culturais das candidatas em campanha que surgem de seus discursos, circulantes na propaganda eleitoral veiculada pela TV, sendo essas: de mulher pioneira, competente, sensível, mãe, avó, religiosa, e, ainda, que elas são cambiantes à medida que as demandas eleitorais, ou seja, a necessidade de se obter apoios e votos, delineiam um construto identitário que muda a respeito da candidata ao cargo em questão.

Assim como a dissertação da mestra Fernanda Aparecida Israel (2015), exposta na seção anterior, essas duas dissertações também trabalham a identidade, porém a partir de um *corpus* motivado por eventos sociais e políticos. Assim como em nosso *corpus*, a construção das identidades emerge a partir de um estopim social e de influências externas, do público para o privado.

A terceira dissertação não está ancorada nas teorias desenvolvidas por Bakhtin e Círculo, contudo, pela temática, acreditamos ser uma importante referência problematizadora do tema. Com o título *A constituição de identidades de mulheres: práticas discursivas e relações de poder*, a pesquisa do mestre Cássio Eduardo Rodrigues Serafim (2006) diz respeito à constituição discursiva de identidades, em especial, a constituição de identidade de mulheres a partir de práticas discursivas e relações de poder quotidianas que as afetam.

Para isso, o autor teve a colaboração de mulheres adultas que retomaram a sua trajetória escolar, após certo período sem frequentar estabelecimentos de ensino. Isso lhe rendeu um *corpus* composto por relatos de vida concedidos por três mulheres, coletados por meio de entrevista semidirigida, entre 2004 e 2005. O escopo teórico apresentado foi: Pêcheux (1993, 2002), Foucault (1979, 1988), Butler (2003), Scott (1992, 1995), Hall (2000, 2004, 2005), Bauman (1999, 2005). Os objetivos traçados foram: (i) investigar a constituição discursiva de identidades de mulheres na contemporaneidade; (ii) apontar práticas discursivas e relações de poder; por fim, (iii) explorar a materialidade discursiva e seus efeitos de sentido.

Como resultados apresentados, por meio dos relatos de vida, verificou-se: a constituição de identidades de gênero a partir de práticas discursivas e relações de forças vivenciadas na cena familiar; posicionamentos identitários assumidos a partir de práticas discursivas em contextos urbanos globalizados; posições de poder na esfera doméstica; posições de poder na esfera extradoméstica e novos posicionamentos identitários.

No que se refere às teses, vamos verificar o tema da identidade feminina no trabalho *Persuasão e multimodalidade na construção da identidade feminina na propaganda de*

*produtos de beleza: uma perspectiva sistêmico-funcional*²⁴, da doutora Viviane Yamane da Cunha (2016). O objetivo principal da tese é fazer um exame crítico da persuasão que percorre a propaganda de produtos de beleza destinados ao público feminino, veiculada por vários setores da mídia, com enfoque na multimodalidade que lhe serve como meio de divulgação, e que, em última instância, determinam a identidade da mulher brasileira.

Isto posto, a pesquisa recorre à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), Estudos Culturais e noções de heteroglossia e monoglossia de Bakhtin (1981) para dar conta das análises. Como resultados de sua pesquisa, a autora aponta para uma identidade pré-fabricada pela indústria midiática e inserida nas propagandas, levando as possíveis consumidoras a se identificarem e se projetarem nessa identidade. Ademais a tese também mostrou que essa identidade é possível, uma vez que um “mundo textual” é criado com a finalidade de persuadir a leitora e enquadrá-la por meio de recursos retóricos e imagéticos. Por trabalhar a identidade feminina perpassada pelo fator midiático, temos uma ponte entre a tese supracitada e a presente pesquisa, a qual também aborda a identidade a partir de uma ferramenta midiática, no caso o *twitter*, e como o processo de significação está entrelaçado ao processo de dialogismo.

1.3 PASSEIO PELO: #TWITTER

Nesta subseção, trataremos de três trabalhos, sendo eles duas dissertações e uma tese, essa última tendo o *twitter* como objeto de estudo.

O texto *O canto dos vestibulandos em 140 caracteres: linguagem e construção de identidades no Twitter*²⁵ é a dissertação apresentada por Alan Eugênio Dantas Freire (2014), cujo objetivo é analisar o uso do *twitter*, por vestibulandos, elaborando uma reflexão acerca da construção das suas próprias identidades no ciberespaço. Seu *corpus* é construído por *tweets* de alunos do Educandário Nossa Senhora das Vitórias, escola da rede privada do município de Assú/RN, todos eles concluintes do Ensino Médio.

A partir do discurso veiculado no *twitter*, expresso nas postagens selecionadas, o estudo revelou as identidades de vestibulandos que dele emergiram. As evidências observadas permitiram ao autor verificar as dimensões de percepção dos estudantes quanto à escola, às disciplinas, ao ritmo de estudos, ao interesse com as práticas escolares e, a partir de tais indícios,

²⁴ Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 2016.

²⁵ Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no ano de 2014.

levou à percepção de como o vestibular modifica o seu cotidiano e afeiçoa suas identidades enquanto vestibulandos. Em seu trabalho, o autor conta com a metodologia e teoria aplicada no Círculo de Bakhtin.

A segunda dissertação, *Twitter e ciberativismo: o movimento social da hashtag #ForaMicarla em Natal-RN*, da mestra Raquel Souza da Silva (2012), a pesquisa problematiza teoricamente a importância do *twitter* e dos movimentos que emergem na plataforma e por meio dela, utilizando-a para compreender as reivindicações sociais e políticas do mundo contemporâneo e dessa esfera pública, o que inclui o ciberespaço. O objeto se constitui de *tweets* produzidos a partir do movimento *#foraMicarla*, a luz de construtos teórico-metodológicos da antropologia, com figuras como Gohn (1997) e Lévy (1999).

O objetivo principal era analisar a *hashtag* como um movimento e, portanto, como uma rede de relações, criando um tipo novo de cultura política. Como resultado apresentado, verificamos a importância dos estudos sobre esse novo campo, o ciberespaço, e como ele influencia e é influenciado pela sociedade moderna. Assim como essas duas dissertações, nossa tese também entende o *twitter* como um ciberespaço que influencia e é influenciado, mais que um suporte, trata-se de uma importante ferramenta na construção identitária.

Por fim, temos uma tese apresentada por Leticia Beatriz Gambetta Abella (2012), sob o título *O poder hegemônico das redes sociais: uma análise crítica do discurso de quem "vai pra rua"*. A pesquisa aborda criticamente as manifestações discursivas do movimento *Vem pra Rua* nas suas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, tomando como ponto de partida o posicionamento do grupo na sua apresentação no seu site oficial.

Nessa direção, a pesquisa se ancora na Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), braço teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso (ACD) (FAIRCLOUGH, 2001, 2003), bem como a Comunicação para a Mudança Social (CMS) (GUMUCIO-DAGRON, 2008, 2011), a Sociologia Aplicada à Mudança Social, a Gramática da Multimodalidade (COPE; KALANTZIS, 2009), a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 2004), e, por fim, a Representação dos Atores Sociais proposta por Theo Van Leeuwen (1997; 2008).

A pesquisa levou a autora à seguinte constatação: o discurso de apresentação no site do movimento não é reflexo da construção identitária que o *Vem pra Rua* tem feito nas suas redes sociais, particularmente no período pré-votação do impeachment da presidenta Dilma. Além disso, a autora chegou também à conclusão de que as novas Tecnologias de Informação e Comunicação são, ao mesmo tempo que ferramentas potenciais de novas vias de expressão para grupos minoritários, elementos de grande valia para consolidar grupos hegemônicos com fortes

interesses ideológicos. Essa última, faz referência ao *Twitter* como importante ferramenta para mudança social e fomentador de novas identidades.

Embora seja um recorte da vasta produção teórica acerca de temas discutidos nas mais diversas áreas do conhecimento, nossa revisão tem um plano real e bem distribuído dos últimos trabalhos realizados na área que interessam a esta pesquisa. Observamos que nesta seção os trabalhos não se detêm apenas a pesquisas feitas na área de Linguística, mas também àquelas oriundas de campos de saber bem diferentes, como enfermagem, direito, psiquiatria, educação, dentre outras. No entanto, a seleção buscou trabalhos que tratam de problemas similares e/ou correlatos. Cada referência está acompanhada das especificidades do problema abordado, objetivos, metodologia empregada, teoria utilizada e possíveis resultados e limitações.

Podemos relacionar cada uma das pesquisas aqui apresentadas a nossa tese, seja por meio do objeto, da teoria/metodologia empregada ou dos conceitos utilizados. Com relação aos conceitos, podemos verificar que diferentes disciplinas abordam e definem de maneiras diferentes, como é o caso do construto “identidade” que aparece em diversos campos de conhecimento, ora se aproximando, ora convergindo. Dessa forma, ao apresentarmos leituras dos trabalhos que versavam por disciplinas diferentes, pudemos ver os pontos de congruência e de divergência, ou seja, algumas se aproximaram de forma mais estreita, outras se distanciam um pouco mais. Entretanto, todas procuraram mostrar como os conceitos e seus respectivos objetos se constituíram, mostrando resultados que se debruçaram em uma investigação que obedecia a uma metodologia, sob os postulados de uma estrutura teórica. Logo, a literatura aqui revisada, mostrou-se profícua, trazendo pesquisas que correspondiam a pelo menos uma das facetas estudadas nesta tese, seja a construção de identidades, a violência de gênero como propulsora de novas identidades, ou, ainda, o ciberespaço como um novo campo de atuação para a criação dessas identidades.

Por fim, cada pesquisa apresentada nesta seção nos ajudou a entender um pouco mais do objeto a que nos propomos estudar, trazendo novas e relevantes informações para nosso arcabouço teórico, metodológico e mesmo para nossas análises, uma vez que nos mostrou a vasta floresta na qual nossa árvore (objeto de pesquisa).

1.4 APRESENTANDO A TESE: #PASSEIOPANORÂMICO

Nossa tese seguirá uma estrutura de uma seção compondo os caminhos pelos quais a pesquisa se constitui. Assim sendo, traçamos um percurso histórico-conceitual no qual revelamos os caminhos desde a inserção na Linguística Aplicada (de caráter indisciplinar,

autônoma e mestiça), até a ancoragem em conceitos-chave como dialogismo, enunciado, esfera/campo, identidade e feminismo, utilizados para sustentar teórica e metodologicamente a pesquisa apresentada.

Em seguida, veremos a constituição metodológica da pesquisa. Para tanto, são apresentadas as questões norteadoras da pesquisa, assim como o objetivo geral e objetivos específicos, a apresentação do objeto de estudo, a justificativa na escolha pelo objeto e pelo método da pesquisa e, finalmente, os procedimentos de análise utilizados. Uma discussão sobre a ferramenta *Twitter* foi suscitada para compreender a esfera comunicativa em que a narrativa do eu²⁶ se exprime e é desenvolvida.

Já a seção “*#partiucorpus*: percurso de análise”, é o cerne da pesquisa, trazendo as análises e suas reflexões. Para responder as questões de pesquisa, a seção está dividida em três subseções: (i) os signos refletem e refratam a realidade na (re)significação ideológica; (ii) as identidades presentes na *hashtag*; e (iii) a relação dialógica e ideológica entre as identidades e suas esferas de comunicação.

Por fim, chegamos aos apontamentos finais e as possíveis respostas para as dúvidas suscitadas a partir das leituras e pesquisas aqui apresentadas, ainda que inconclusas, pois o ser humano é inconcluso, pleno de incertezas. Entendemos, assim, a pesquisa como uma atividade não estanque e finalizada, ao passo que refletem um percurso de pesquisa e os resultados das questões suscitadas por meio dos objetivos traçados, mas que não são imutáveis, mesmo que relativamente estáveis.

²⁶ “Narrativas do EU” é uma nomenclatura postulada por Hall (2005). Com base nas leituras, percebemos que os demais autores utilizam diferentes nomenclaturas para o mesmo conceito, dentre eles: “narrativas pessoais”, “parresia”, “narração de si-próprio”, “narrativas autobiográficas” ou ainda “narrativas da vida cotidiana”. Entretanto, é importante destacar que todas possuem a mesma premissa, tratam-se de contar algo sobre si em diálogo com o mundo exterior. Sendo assim, em alguns momentos do texto utilizaremos o termo “narrativa” como sinônimo para *tweets*, *post*, *repost* ou ainda enunciado.

Mergulhei no mar azul
No vento avoei
Eu quis ser o sol
Pra entrar pela janela
Dos olhos de quem não vê
Que eu sou eu e sou fulano
Sou sicrano sou você
Eu sou você
Sustenta esse coro Eu sou você
No pé da garganta Eu sou você
A chuva chovendo Eu sou você
Poeira alevanta Eu sou você
Um sopro na rua Eu sou você
Poeira levanta Eu sou você
Sustenta a pisada Eu sou você
No pé da garganta Eu sou você

(Trecho da letra da música *Eu sou você* de Alceu Valença)

2 POR UM CAMINHO TEÓRICO DIALÓGICO #PARTEI

Esta seção pretende apresentar os postulados teóricos norteadores da pesquisa apresentada nesta tese. Pensar em uma teoria que se debruce sobre o discurso não garante uma unidade homogênea, antes é preciso pensar em pluralidade, uma vez que podemos navegar por uma variedade de abordagens transdisciplinares que tratem da linguagem e do discurso, ou discursos, dentre elas a Análise Crítica do Discurso (ACD), a AD francesa e a Análise Dialógica do Discurso (ADD). Mesmo assumindo a análise dialógica como nosso norte, pretendemos, por certo, considerar a literatura em um diálogo teórico, refletindo sobre a responsabilidade e responsividade que as teorias têm umas sobre as outras, propondo, assim, um diálogo entre campos como o da Linguística Aplicada, dos Estudos Culturais e da Sociologia, assim como os postulados dos movimentos feministas, ou outras linhas de pensamento que possam contribuir na busca de uma compreensão sobre o objeto em foco.

Assim, buscaremos tecer considerações acerca das práticas discursivas em diferentes abordagens, ressaltando aquelas que servirão como bússolas para nossos estudos. Logo, se estamos inseridos em uma LA que trafega entre diferentes áreas do conhecimento, podemos pensar na ADD como uma complexa teoria que mergulha em diferentes conceitos e definições. Ao utilizar a ADD, estamos também nos posicionando quanto ao que Paula (2013, p. 249) apresenta como uma forma de distinguir Bakhtin e suas contribuições de “outros pensadores de outras perspectivas teóricas (como Pêcheux, Foucault, Maingueneau, Charaudeau, Amossy na AD francesa, por exemplo), sem apagar a singularidade de suas posições teóricas”.

A ADD é relativamente nova, uma vez que foi apresentada aqui no Brasil, sob essa nomenclatura, por Brait (2006). A autora aponta para

a pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico (BRAIT, 2006, p. 29).

Tanto Paula (2013) quanto Brait (2006) nos mostram a perspectiva de uma Análise Discursiva produzida no Brasil que não pode “se centrar apenas externa nem, tampouco, apenas internamente” (PAULA, 2013, p. 252), antes busca construir um ponto de vista dialógico, vendo todas as dimensões em que o sujeito está inserido. Pensar em uma ADD produzida no Brasil, é ver nos postulados bakhtinianos a própria proposta teórico-analítica nascida do diálogo, não

engessada em uma teoria limitadora, pois, vale ressaltar que a filosofia bakhtiniana não deve ser entendida como uma teoria/análise fechada, pronta e acabada, uma vez que tanto pesquisador quanto pesquisado não devem ser emudecidos e constroem conjuntamente as (re)significações. Todavia, por ser dialógica e adentrar por diversas teorias, precisa também respeitar as peculiaridades de todas elas.

Por essa razão, identificamos a ADD como uma abordagem que, segundo Sobral e Giacomelli (2018), no tocante as teses do Círculo, seu *modus operandi* e sua prática analítica dos fenômenos humanos,

funda-se no reconhecimento da provisoriedade da condição humana, provisoriedade do sentido, cuja base é uma permanente tensão dialógica em que estabilidade e variação se confrontam, em que eu e outro, pessoal e social, geral e particular, fixidez das formas e ressignificação, se constituem e configuram mutuamente, em que a irrepetibilidade irreduzível do sensível – base do Ser – e a repetibilidade necessária do sensível se interdefinem. A teoria bakhtiniana do discurso, do sentido, ao trabalhar com oposições sustentadas, consegue, assim, teorizar sobre aquilo que não se repete sem se perder na especificidade do concreto e, ao mesmo tempo, sem engessar os atos concretos, unioorrentes, num teoreticismo estéril tão buscado ainda hoje em nome da suposta necessidade de estabilidade (SOBRAL; GIACOMELLI, 2018, p. 313-314).

Dessa forma, é preciso ficar atento a alguns conceitos empregados em uma análise dialógica, entre elas, respectivamente (em ordem empregada nesta tese), a de esfera e campo, tempo e espaço, enunciado, ideologia. Esses construtos podem em alguns momentos terem pontos de encontro umas com as outras, mas, utilizando a mesma alegoria, esses pontos podem se distanciar – como é o caso de termos como ideologia e identidade, que, segundo estudiosos como Faraco (2003), são terminologias “mal-ditas”. No entanto, é impossível fugir delas, levando em consideração o quanto estão imbricadas, costuradas em linhas e fios difíceis de serem desembaraçados.

Inicialmente, é importante entender o lugar de fala, o “topo”, o grupo, ou mais precisamente a esfera ou campo de comunicação discursiva que é um conceito-chave para domínios como a LA, a Sociologia, a Teoria Literária, dentre outros. Com efeito, isso ocorre porque opera diretamente com camadas e estratos sociais. Teóricos como o filósofo e sociólogo francês Bourdieu e o filósofo da linguagem Bakhtin, em suas obras, utilizam esses conceitos, ora como coincidentes, ora como diferentes por estarem em lugares de fala também diferentes. Sendo assim, antes de traçar conceitos como dialogismo, enunciado ou sujeito, faremos um breve panorama sobre o que são *esfera* e *campo* de comunicação e a que teoria pertencem.

2.1 CAMINHANDO PELA #ESFERAECAMPO

Em primeiro lugar, podemos retomar duas orientações de pensamento filosófico linguístico: o subjetivismo idealista e objetivismo abstrato. Tanto Bourdieu, quanto Bakhtin e demais pensadores conhecidos como “Círculo de Bakhtin”²⁷, cada qual em sua área, filosofia da linguagem e sociologia, observavam em seus respectivos países, França e Rússia, um domínio dessas duas linhas de pensamento e ambos, ao seu modo, contrapunham-se a elas.

Isso se deve ao fato de tanto o subjetivismo idealista quanto o objetivismo abstrato terem colocado a linguagem como pano de fundo para um estudo de fatores psicológicos, resumindo a linguagem a uma expressão sob uma dimensão monológica²⁸, e a ideia de língua e sociedade, nessa visão, como um sistema sem sujeito. Bourdieu combate a visão monológica investindo no âmbito da filosofia de Sartre, enquanto Bakhtin situa a sua filosofia no racionalismo cartesiano do século XVII na França, ainda em voga para seu tempo.

Por conseguinte, Bakhtin passa a concentrar seus estudos com vistas a natureza social da linguagem, enquanto Bourdieu privilegia as relações entre estruturas sociais e constituição da subjetividade. Dessa forma, os dois teóricos se aproximam estreitamente, embora em países distintos e com interesses diferentes, ao se contraporem ao objetivismo e subjetivismo, redimensionando, segundo Grillo (2018), o sujeito, a história, a ideologia, a linguagem e o social no âmbito das Ciências Humanas.

É a partir dessa oposição e dos novos direcionamentos que temos a formulação dos dois conceitos: esfera e campo. Enquanto Bakhtin dialoga com a arte sob aspectos sociológicos, adentrando no que seria uma aproximação interdisciplinar, inclassificável (PAULA; STAFUZZA, 2010), sem possibilidade de enquadrá-la em uma única disciplina; Bourdieu se mostra preocupado em solidificar o campo sociológico destacando sua abrangência e autonomia, fazendo isso ao mesmo tempo em que ataca outras disciplinas.

Nessa direção, temos dois filósofos que possuem seus pontos de convergência e divergência. Como ponto de aproximação, podemos citar a elaboração de uma teoria que procurava uma dialética entre uma construção sócio-histórica do sujeito como agente/ator, que apesar de não estar preso a uma estrutura pré-determinada, também não se enquadra em uma

²⁷ Trata-se de um grupo multidisciplinar de intelectuais que se reuniam entre 1919 a 1929, dentre os nomes que compõem o Círculo estão: o filósofo Matvei I Kagan, o biólogo Ivan I Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudante de literatura Lev V. Pumpianiski. Entretanto, os três principais expoentes eram, sem dúvidas, o Professor Valentin N. Voloshinov, o filósofo da linguagem Mikhail M. Bakhtin e o também professor Pavel N. Medvedev.

²⁸ Veremos mais detalhadamente essa diferença entre dialogismo e dimensão monológica na próxima subseção.

consciência individualista autoconsciente, livre de coerções. Como ponto de distanciamento, podemos elencar o contexto socioideológico do campo intelectual. Da mesma forma, enquanto o Círculo passa a utilizar o conceito de *esfera de comunicação*, Bourdieu utiliza *campo de comunicação*. Levando em consideração as aproximações das duas terminologias, nesta tese, poderemos usar as duas como sinônimas na análise. Entretanto, é importante frisarmos que mesmo utilizando a palavra “campo”, estaremos usando-a como um sinônimo, ou seja, não pretendemos fixar essa análise aos termos bourdieunianos, isto porque ainda que próximas, não são idênticas.

Logicamente, o conceito extraído de Bourdieu é de que existe uma ligação entre os campos e a realidade, assim como entre um campo e outro, capaz de retraduzir as demandas externas. Por essa razão, ele é político-social, assim como socioeconômico, diferindo de Bakhtin ao retirar seu caráter semiótico. Basicamente, Bourdieu aborda o campo comunicativo como um “cálculo dos lucros individuais”, também chamado de capital simbólico. É importante ressaltarmos aqui que Bourdieu não resume o capital simbólico a uma lógica econômica, mas atribui a esse conceito um sistema de valoração, ou seja, nem sempre o capital simbólico irá coincidir com a economia vigente, podendo, mesmo, ser inversa a ela. Nessa direção, o capital/prestígio, embora pudesse e estivesse de certo modo ligada ao poder aquisitivo, não se delimitava a esse, uma vez que esse prestígio pudesse ser ganho por meio de outras vias, tais como *status* acadêmico ou prestígio artístico, por exemplo.

O conceito de esfera tem sua primeira aparição no Círculo, por meio da obra *O discurso na Vida e o discurso na Poesia*, de 1926, e servia para explicar a natureza e as especificidades das produções literárias, fruto de uma forte influência de duas correntes importantes na época, a saber, o formalismo russo e o marxismo. Mais precisamente, no estudo sobre a obra de Dostoiévski, Bakhtin traça o conceito de dialogismo, como veremos mais detalhadamente adiante, e expõe a ideologia utilizada na obra como fruto de modo próprio de refratar a realidade, o que ele chamaria de esfera artística.

Embora seja imbuído das duas correntes teóricas – o formalismo russo e o marxismo –, o Círculo tem sua originalidade mantida, uma vez que também acrescenta e mesmo diverge de alguns pontos para com as duas linhas de raciocínio. Levando em consideração a obra de Dostoiévski, Bakhtin mostra que os formalistas estavam enganados quando negavam a possibilidade de refratar a realidade nas obras literárias, minimizando a arte a uma reprodução de uma determinada realidade, um núcleo impossibilitado de ser influenciado por transformações socioeconômicas ou de outras esferas ideológicas. Bakhtin mostra que Dostoiévski consegue formular um romance polifônico que nem copia e nem cria uma

realidade, mas refrata a realidade social, segundo a lógica artística, considerada por Bakhtin como uma esfera singular.

Com relação ao Marxismo, Bakhtin/Voloshinov também assomam uma visão própria que supera a influência dos fatos socioeconômicos como únicos e deterministas na construção da atividade humana, a qual é também por excelência discursiva. Nessa direção, a comunicação discursiva, sem desconsiderar as influências socioeconômicas, age nas produções ideológicas, segundo a lógica de cada esfera. Para Grillo (2018, p. 144),

a obra do Círculo caracteriza-se, de um lado, por admitir as especificidades coercivas de cada campo/esfera e, de outro, por assentar a sua natureza comum sobre a constituição semiótica, em especial no signo linguístico. A onipresença social da palavra, ou seja, a sua influência em todos os campos ideológicos (ciência, religião, literatura etc.) confere-lhe o estatuto privilegiado para o estudo da organização dos diversos campos.

O excerto ajuda a entender a transdisciplinaridade do Círculo, por ter a capacidade de transitar em todas as esferas/campos, devido exatamente à natureza de seu objeto de estudo, à palavra, ao enunciado, à linguagem que perpassam todas as esferas humanas. A autora ainda acrescenta que o Círculo, ao fazer menção a interação verbal, faz uma distinção entre “ideologia do cotidiano” e os “sistemas ou esferas ideológicas constituídas”. Enquanto a primeira está relacionada à consciência humana e todos os gestos, palavras e atos ligados a ela, o segundo é ponto de partida e chegada na constituição das esferas ideológicas, uma vez que influencia e sofre, delas, influência.

A partir da noção de interação verbal, o Círculo também estabelece uma relação entre enunciado, como naturalmente semiótico, e a esfera de comunicação. Sob esse viés, “cada gênero do discurso, em cada campo²⁹ da comunicação discursiva, tem a sua concepção típica do destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 301), isto é, o enunciado é condicionado pela esfera discursiva que determina as modalidades e as concepções do destinatário do enunciado.

Outro ponto importante é a relação esfera e gênero discursivo. Uma vez que os gêneros são reconhecidos e estudados a partir do lugar de circulação, ou seja, da esfera de comunicação (também podendo ser reconhecido como as esferas de atividade humana), elas são determinantes para o estabelecimento dos critérios que vão identificar as características relativamente estáveis dos gêneros dos discursos. Aqui percebemos a importância de ver o

²⁹ Uso da palavra “campo” como um sinônimo para esfera.

gênero discursivo “*post*”³⁰ ou “comentário” como um gênero que circula dentro das mídias sociais. Portanto, o *Twitter*, que também é um “*post*”, transcende o caráter apenas de comentário e se eleva a uma categoria própria, dada sua esfera de comunicação, isto é, uma vez postado no *Twitter*, não recebe mais o nome de *post*, *repost*, ou comentário, mas carrega o nome da própria plataforma virtual, ou seja, *tweets*. Nesta tese tomamos todas essas nomenclaturas como sinônimas, sendo, pois, utilizadas com entendimento de gênero primário, que a depender das condições e recursos, assume a posição de gênero secundário.

Igualmente abordando a noção de campo ou esfera de comunicação, Bourdieu, assim como os pensadores do Círculo, instaura uma noção de campo ideológico a fim de tecer uma explicação que desse conta da complexidade das produções ideológicas, as quais não se limitassem às lutas de classe e às condições socioeconômicas. Assim como Bakhtin, Bourdieu trabalha sob a perspectiva da refração da realidade. Segundo Grillo (2018, p. 148),

[...] quanto maior for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, frequentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis. O grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração, de re-tradução.

Dado o exposto, utilizaremos campo e esfera como conceitos-chave na compreensão e estudo da identidade, mesmo que sejam oriundos de teorias diferentes, pois entendemos que as duas linhas se entrelaçam em vários momentos, tendo apenas pequenas diferenças que as separam. Contudo, embora essas pequenas diferenças, para essa pesquisa em especial não pesam. Como o campo aqui estudado vocifera a revolução tecnológica e suas inovações, trataremos a seguir desse conceito e dessa esfera específica de comunicação discursiva.

2.2 CAMINHANDO PELA #ESFERADIGITAL

A era digital tem definido nossas relações sociais, sendo assim, também tem definido esferas de comunicação. A vida se realiza fisicamente ao mesmo tempo que coexiste virtualmente. Já não há uma dicotomia, pois temos uma osmose, um amalgama entre o virtual e o real.

Para Maia (2006, p. 26), pensar nas mídias é também ver esses espaços como “palco”, “arena”³¹, “fórum” de disputas políticas e de negociação de sentidos”, isto é, a exposição gera

³⁰ Forma abreviada para “post” no inglês.

³¹ Conceito já apreendido por Bakhtin/Voloshinov (2002).

sentidos ao mesmo tempo em que insita a disputa e a negociação desses sentidos, essa negociação é feita por meio da linguagem, como já mencionava Bakhtin/Voloshinov (2002) ao tratar da ideologia e as relações interindividuais. Bauman (2005, p. 101) aponta em seus estudos sobre a identidade³² que

expostos aos “contatos facilitados” pela tecnologia eletrônica, perdemos a habilidade de nos engajar em interações espontâneas com pessoas reais. Na verdade, ficamos com vergonha dos contatos frente a frente. Tendemos a pegar os celulares e apertar furiosamente as suas teclas e escrever mensagens a fim de escaparmos de ser transformados em reféns do destino – no intuito de escaparmos de interações complexas, confusas, imprevisíveis, difíceis de interromper e de abandonar com as “pessoas reais” que estão fisicamente à nossa volta. Quanto mais amplas (ainda mais superficiais) são as nossas comunidades fantasmas, mais atemorizantes parece a tarefa de construir e manter as verdadeiras.

O autor nos aponta a importância que as tecnologias ganharam em nossas vidas, ao ponto de não sabermos mais em que momento nossas vidas/relações “reais” podem ser dissociadas de nossas vidas/relações virtuais. Criamos, assim, fantasmas ou avatares que servem para proteger a nossa face e ao mesmo tempo nos ajudar na construção dessa identidade fluída. Para Lèvy (1999, p. 118)

o principal evento cultural anunciado pela emergência do ciberespaço é a desconexão desses dois operadores sociais ou máquinas abstratas (muito mais do que conceitos!) que são a universalidade e a totalização. A causa disso é simples: o ciberespaço dissolve a pragmática da comunicação que, desde a invenção da escrita, havia reunido o universal e a totalidade. Ele nos leva, de fato, à situação existente antes da escrita — mas em outra escala e em outra órbita — na medida em que a interconexão e o dinamismo em tempo real das memórias online tornam novamente possível, para os parceiros da comunicação, compartilhar o mesmo contexto, o mesmo imenso hipertexto vivo.

Por sua vez, o pensamento de Lèvy (1999) corrobora com a noção de cronotopo e de esfera da comunicação lançadas por Bakhtin, assim como a de memória discursiva trazida por Faraco (2009), ou seja, as fronteiras de tempo e espaço estão apagadas, entretanto ainda precisamos levá-las em consideração. No caso do ciberespaço, essas entidades (exotopo e cronotopo) ficam cada vez mais abstratas e diluídas, ao mesmo tempo em que estão próximas e encurtadas também estão mais rápidas, sendo por vezes difícil recuperar uma informação que acabou de ser dada, mas que em poucos instantes passou a ser notícia velha. Lèvy (1999, p. 119) ainda acrescenta que

³² No livro com o nome homogêneo.

qualquer que seja a mensagem abordada, encontra-se conectada com outras mensagens, a comentários, a glosas em evolução constante, às pessoas que se interessam por ela, aos fóruns onde se debate sobre ela aqui e agora. Seja qual for o texto, ele é o fragmento talvez ignorado do hipertexto móvel que o envolve, o conecta a outros textos e serve como mediador ou meio para uma comunicação recíproca, interativa, interrompida. No regime clássico da escrita, o leitor encontrava-se condenado a reatualizar o contexto a um alto custo, ou então a restabelecê-lo a serviço das Igrejas, instituições ou escolas, empenhadas em ressuscitar e fechar o sentido. Ora, hoje, tecnicamente, devido ao fato da iminente colocação em rede de todas as máquinas do planeta, quase não há mais mensagens "fora de contexto", separadas de uma comunidade ativa. Virtualmente, todas as mensagens encontram-se mergulhadas em um banho comunicacional fervilhante de vida, incluindo as próprias pessoas, do qual o ciberespaço surge, progressivamente, como o coração.

Mais uma vez vemos um diálogo com os conceitos apresentados no Círculo como enunciado/mensagem situada e a própria noção de dialogismo, representada pelo autor como um ato de “mergulhar num banho comunicacional”. Nessa direção, o que seria o *Twitter*? Qual a sua importância, uma vez que ele é uma esfera de comunicação que se gerencia por meio de contas virtuais?

Antes de tudo, é importante entender do que se trata essa ferramenta. A nomenclatura *twitter* é dada ao espaço no qual o usuário da internet pode deixar registrada sua opinião sobre algo que considera relevante e atual, geralmente instigado por leituras da vida real, notícias que se passam em um tempo real, o que não o restringe a isso, pois os usuários podem também utilizar o espaço para publicar opiniões de assuntos considerados mais individuais. Aqui abordaremos como sendo uma semiosfera³³ ou ciberespaço. O interessante sobre essa ferramenta é que qualquer pessoa pode entrar e deixar sua opinião, dado sua natureza. A extensão do texto não é muito grande, se comparado a outras plataformas digitais tais como o *Facebook* ou o *Instagram*. Em alguns casos, vemos narrativas que se desenrolam em mais de um comentário/post, nessas situações em que o comentário estiver fragmentado entenderemos a soma das partes como sendo apenas um comentário, por se constituírem como uma única narrativa do “eu”. A data, local e nome do usuário ficam gravados junto com sua narrativa.

Segundo Recuero e Zago (2011, p. 1), “o *Twitter* é uma ferramenta que proporciona a postagem de mensagem de até 140 caracteres para uma rede de seguidores bem como a troca de mensagens entre usuários de forma pública (replies) e privadas (messages) *www.twitter.com*”. Sendo assim, as postagens feitas a partir de uma temática são, geralmente, espontâneas, partem da motivação do texto e seguem um ritmo próprio, geralmente mais acelerado que em outras plataformas digitais. Um exemplo dessa dinamicidade é percebida, claramente, quando os *tweets* sobre a redação de cunho “feminista” aparecem primeiramente

³³ Termo será melhor explicado na seção “novas tecnologias e suas contribuições”.

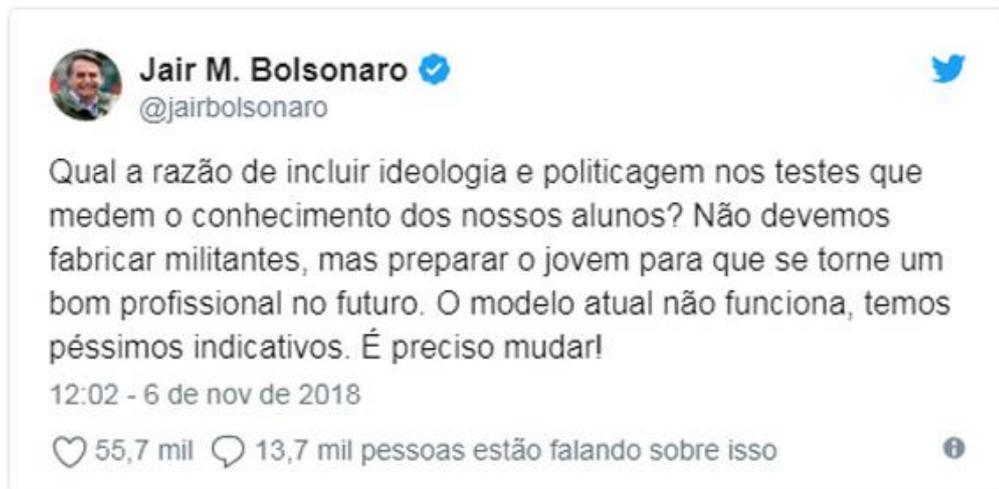
no *Twitters* e posteriormente nas demais redes. Outro fator importante é a conectividade entre as diferentes *hashtags*, nesse caso, embora o movimento tenha gerado muitas *hashtag*, optamos pela *#enemfeminista*, por ter dado conta da temática e ter-nos dado um *corpus* de mais de cem *tweets*, o que será melhor detalhado na seção metodológico.

Para analisar esses *tweets*, consideramos o que aponta Bakhtin (2003, p. 378-379),

a metodologia da explicação e da interpretação se reduz com muita frequência a essa descoberta do repetível, ao conhecimento do já conhecido, e se percebe o novo o faz apenas de forma extremamente empobrecida e abstrata. Neste caso, evidentemente, desaparece por completo a personalidade individual do criador (falante). Todo o repetível e reconhecido se dissolve completamente e é assimilado pela consciência de um sujeito da compreensão; na consciência do outro ele é capaz de ver e compreender apenas a sua própria consciência.

Se pensarmos na escolha por essa mídia social em particular, poderemos dizer que em razão do número pequeno de caracteres, seu texto é muito mais rápido e dinâmico que as demais mídias, como já mencionado, o que lhe confere a velocidade e repercussão ainda mais intensa que nas outras mídias, as quais, não raramente, utilizam o *Twitter* como fonte primária de informação. Além de seu tamanho, o qual gera rapidez na postagem e nas respostas a essas, também podemos elencar seu caráter influenciador, isso porque não somente as demais mídias virtuais acabam por reproduzir o que originalmente esteve posto no *Twitter*, sendo, pois, uma espécie de “berço” para as demais, como também passa a fazer parte de mídias como a televisão, rádio e *Whatsapp*.

Por essas características, talvez, essa ferramenta de ordem não oficial tenha tomado ares de oficialidade, sendo o mecanismo mais utilizado por dirigentes políticos – como é o caso do presidente atual do Brasil, Jair Bolsonaro, ou mesmo de presidentes estrangeiros, como é o caso do estadunidense Donald Trump – para dar em primeira mão notícias de cunho oficial. Essa mesma escolha tem sido seguida por outros dirigentes regionais e municipais, a exemplo da governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra, seguindo a tradição deixada por seu antecessor, Robinson Faria, assim como dos últimos prefeitos da cidade do Natal. Isso mostra como o gênero discursivo é orgânico e mutável, moldando-se de acordo com as necessidades dos grupos ou comunidades de fala. Como mostra a imagem a seguir, de um *Twitter* postado pelo atual presidente do Brasil em que fala sobre a avaliação em larga escala no Brasil:



É nessa mesma esfera que circulam grandes campanhas comerciais e também embates sociais. Podemos citar, como exemplo, a campanha política contra a antiga prefeita da cidade de Natal, Mircala Souza, que foi deposta, investigada e retratada nas mídias de todo o país como a pior prefeita que já passou pela cidade até agora (2020) e tudo começou na ferramenta do *Twitter*, quando cidadãos indignados começaram a adotar a *#foraMicarla*. O movimento que começou nas redes sociais ganhou as ruas da cidade de Natal. Vejamos um dos *tweets*:



Outro exemplo de repercussão que extrapolou a esfera virtual do *Twitter* foram as *#EleNão* e *#EleSim*, frutos da última campanha política para presidente da república em 2018, essas campanhas extrapolaram a ferramenta e ganharam as ruas e também as outras esferas de atuação, tais como: criação de grupos no *Facebook* e no *Instagram*. Dessa forma, podemos dizer que o *Twitter* produzido, circulante e consumido nas redes sociais refletem e refratam a

realidade, constituindo uma das maneiras de enxergar o mundo ao seu redor e a si mesmo, além de ser uma importante ferramenta nos embates sociais.³⁴

Ao problematizar o modelo de embates sociais, devemos levar em consideração o que nos mostra Bakhtin sobre o compromisso ético do pesquisador com a sua tarefa, de olhar de forma atenta para o mundo que se apresenta diante de nós. Também requer se recusar a utilizar esquemas engessados e forçados, que forcem o objeto a caber em teorias pré-moldadas, demanda um olhar crítico e disponibilidade para tanto. Como é o caso do signo #, neutro em sua forma, mas carregado de conteúdo a partir do momento em que é utilizado pelo sujeito nas suas mídias sociais.

Ora, o signo da *hashtag* é amplamente conhecido dentro das redes sociais. Para Silva (2012, p. 10), esses signos estão no centro dos movimentos sociais digitais, “uma condição tecnológica da plataforma de relacionamentos *Twitter*”. O signo # pode ser seguido de uma única palavra, de uma expressão ou mesmo de uma frase, a qual deve ser escrita sem espaçamento entre as palavras. Sua função é deixar em destaque determinados tópicos tidos como relevantes, os quais farão uma espécie de “link” entre discursos de sujeitos, em lugares, momentos e discursos diferentes, mas sob uma mesma temática.

Nessa direção, a marca # passa a ser uma importante estratégia de embate, utilizando as ideias como armas de protestos e ativismo online. Essas correntes virtuais mostraram-se convenientes no exercício de dizer sua verdade, uma vez que você pode inserir-se em determinados grupos de apoio ou de repressão a assuntos específicos, construindo uma identidade coletiva, para então construir sua identidade individual. Elas, por sua vez, são situadas em um tempo que pode ser chamado de imediatista, dado que uma postagem pode ser vista por muitas pessoas em um tempo consideravelmente hábil e no momento em que a notícia está se passando na vida real, mas também pode sumir de seu *Feed* ou *Timeline* com a mesma rapidez, podendo se perder na sua timeline. Entretanto é possível recuperá-la, reler várias e várias vezes, em espaços de tempo diferentes, e fazer (novo) sentido para cada nova situação tempo-espacial, isso porque ao clicar ou digitar nas *hashtag*, você é redimensionado a todos os discursos vinculados a esse signo. Dessa forma, a *hashtag* é, atualmente, o símbolo maior do dialogismo, da interação da qual Bakhtin fala. O uso desse símbolo nos coloca em contato com

³⁴ Uma coisa interessante sobre o *twitter* é esse fato dele suscitar discussões mais amplas, podendo mostrar o funcionamento de políticas e embates sociais e não apenas um espelho íntimo e narcisista do cotidiano das pessoas. Isso talvez seja reflexo do signo maior empregado, a palavra. É nela que se concentra o poder de síntese. Ela também é uma fermenta de medição dos assuntos, no sentido que é dali que saem os *trend topics*.

o outro, com o diferente, apesar e além de mim, ligando pessoas que não se conhecem e nunca se viram antes.

Como mencionado logo de início desta tese, a pesquisa dialógica é situada no espaço e no tempo. Essas duas ideias são retomadas por Bakhtin ao expor dois conceitos-chave em sua teoria: exotopia e cronotopo. Por essa razão, detalharemos essa relação espaço-tempo e como ela contribui para uma análise dialógica do discurso, assim como sua importância para a análise aqui pretendida, pois, como já mencionado, trabalhar com o *Twitter* é trabalhar sob um novo olhar do que seria o tempo e espaço.

2.3 CAMINHANDO PELO #TEMPOEESPAÇO

Para Bakhtin, em seus primeiros textos, mais precisamente em *O autor e o herói*³⁵, a exotopia seria um *lugar exterior*, ou seja, o olhar do retratista, primeiramente em suas obras, ou do pesquisador, posteriormente, sobre aquilo que o retratado/sujeito pesquisado está mirando, uma tentativa de reconhecer o ponto de vista de outro a partir de seu próprio olhar que seria, justamente, um lugar exterior àquele que está sendo retratado.

Esse conceito traria grande impacto nas Ciências Humanas por abarcar em sua alçada o texto, algo inerente ao ser humano como consumidor e produtor. Enxergar o texto como uma atividade humana é também entender que tanto o pesquisador quanto o sujeito pesquisado são produtores e consumidores, ambos operando em uma relação dialógica e, assim sendo, nem se eliminam, nem se fundem em um único texto, mas mantêm um caráter de diálogo, respeitando as diferenças e revelando a tensão entre elas.

Nessa direção, a exotopia não pode ser vista como simétrica (AMORIM, 2018), pois o próprio raciocínio e diálogo humano não o são, isto é, ao trabalhar com os *tweets*, essa tese toma emprestado o olhar do sujeito pesquisado, mas não se apropria dele, não o confunde com seu, mas mantém um diálogo com ele. Os sujeitos, ao produzirem seu enunciado, também estão em uma relação de exotopia, pois garantem um diálogo com esse lugar exterior, com o outro que não lhe é próximo.

Embora o termo *exotopia* possa parecer também designar a relação temporal, essa relação não lhe é habitual. É o espaço que ganha força nesse conceito, o movimento feito pelo dito e o redito, ou o dito de outra maneira. Segundo Amorim (2018, p. 101),

³⁵ Do livro *A estética da criação verbal*, de redição em 2003.

a fixação é o resultado de todo trabalho de objetivação, seja científico ou artístico, pois esse trabalho distingue dois sujeitos e duplica seus respectivos lugares: o daquele que vive no instante e no puro devir e o daquele que lhe empresta um suplemento de visão por estar justamente de fora. Por mais provisória que possa ser a objetivação produzida, ela implica sempre o extrair-se do puro movimento. Isto não significa que o autor ou o pesquisador vivem fora do tempo e dos acontecimentos. Mas o acontecimento do qual o pesquisador participa já é um outro: é o acontecimento do próprio pensar.

A autora mostra que a fixação se dá espacialmente, nos movimentos, e não necessariamente no tempo, o qual ficaria, dessa forma, em segundo plano. Entretanto, dez anos depois, Bakhtin, em seus ensaios, formularia o conceito de *cronotopo*, que seria, por sua vez, uma espécie de inversão do conceito de exotopia no qual teríamos o *tempo* como mais relevante do que o espaço. O tempo, nesse caso, seria o ponto de partida para entender o homem, e o espaço seria a “dimensão da transformação”, como sugere o próprio nome “crono/tempo” “topo/lugar”. Assim como o conceito de espaço é importante no entendimento dos enunciados produzidos nas redes sociais, o conceito de tempo é chave para sua análise.

Como já mencionado, no caso das mídias sociais, o tempo não é linear e único, essa é também a realidade do *twitter*, temos um arquivamento de dados que podem ser acessados em tempo real, assim como relidos posteriormente. A notícia é rápida e dinâmica, porém, assim como novos enunciados vão surgindo e podem ser acessados quase que instantaneamente, esse mesmo enunciado pode acabar se perdendo no emaranhado de novas notícias que compõem o *feed*, como supracitado, e isso lhe confere um cronotopo único, partilhado por vários sujeitos, que não pode ser confundido com mera linha cronológica.

Para isso, Bakhtin (1990) nos lembra que as ideias de tempo e de continuidade temporal podem ser apreendidas por meio de fenômenos de aspectos diversos, podendo ser um tempo coletivo, medido pelos acontecimentos vividos e compartilhados na coletividade – como, por exemplo, o período de provas do ENEM, o período da premiação do Grammy ou do Oscar –, momentos únicos, ou situações que se repetem em dados momentos da vida desse grupo ou comunidade, tidos por esses como marcantes. No *tweet* 6, de nosso corpus, podemos ver uma clara marcação desses eventos, quanto a internauta utiliza uma paráfrase da fala de uma cantora americana, produzida em um evento específico, o Grammy, para responder ao *tweet* do então deputado Bolsonaro.

T6:

Back to this bitch that had a lot to say about me the other day in the press; Bolsonaro, what's good?³⁶ #Enem2015 #enemfeminista³⁷

Em ambos os casos, cronotopo e exotopo, temos uma relação entre alteridade/identidade, em que é a partir do outro, das negativas do que não sou, que posso perceber quem sou. O olhar do outro se relaciona com o meu em completude, em tensão e, principalmente, em diálogo e esse diálogo não está perdido, livre ou isolado, ele encontra-se demarcado em um determinado lugar de fala, em uma temporalidade específica, embora fluída.

2.4 CAMINHANDO PELO #DIALOGISMO

Chegamos, assim, ao conceito de dialogismo. Pensar em uma análise dialógica é pensar através dos constructos do Círculo bakhtiniano, uma vez que a alcunha “dialogismo” inicia com os estudos de Bakhtin na literatura e, posteriormente, em outros gêneros na sua filosofia da linguagem. A partir do conceito trazido da esfera musical, Bakhtin mostrava, por meio da obra de Dostoiévski, a presença das diferentes vozes que compunham a literatura. Isto é, o escritor russo do século XIX trazia para a literatura uma nova visão, na qual já não se podia mais pensar em um romance a nível apenas “monológico”³⁸, cuja única voz ali expressa seria a do próprio autor, mesmo nas ocasiões em que os personagens estivessem em diálogo, tornando-se meramente objetos do discurso deste.

Nessa direção, Bakhtin apresenta em sua análise, partida da obra do escritor russo, um conceito novo no qual, mais do que várias vozes representadas em diálogos, era necessário ter uma interação entre as consciências, ou seja, a obra de Dostoiévski trazia um diálogo de fato e não apenas caixas de diálogo gramaticalmente grafadas. Na medida em que se percebe a necessidade de que as vozes estejam em interação e não apenas presentes no texto, entramos em uma análise mais profunda na qual o diálogo é a chave. Bubnova (2011, p. 276), ao interpretar a noção de herói em Bakhtin, explica que “voz se identifica com opinião, ideia, ponto de vista, postura ideológica”, mas não se resume a isso, uma vez que, as vozes também se

³⁶ “E agora, voltem com esta vadia que tinha muito a dizer sobre mim esses dias para a imprensa? E aí, Bolsonaro?” (tradução livre).

³⁷ Enunciado em caixa baixa, em língua inglesa, seguida de *hashtags*.

³⁸ Não implica dizer que não existissem romances monológicos, com Dostoiévski nasce um novo prisma, o polifônico, sendo o estopim para a emergência de uma compreensão teórico-metodológica chamada de análise dialógica dos discursos.

“contaminam” por outras vozes e não pode ser generalizado, pois opera sob a perspectiva espaço-temporal.

Sob esse viés, o diálogo é a desconstrução efetiva do monólogo, pois a própria consciência é responsiva, ela existe em diálogo com o outro. A linguagem é, dessa forma, o fio condutor na interação entre essas consciências. Seriam o diálogo e o enunciado, por esse caminho, dois termos complementares, visto que essa consciência aqui apresentada seria o próprio sujeito que se manifestaria no enunciado produzido, ora permitindo/provocando, ora recebendo respostas ao enunciado do outro.

Vale ressaltar, no entanto, que não se trata de meras respostas, réplicas às perguntas dirigidas ou não a esse sujeito, pensar nesses enunciados é retratá-los não isoladamente, mas histórica e espacialmente demarcados. Isto é, envolve um diálogo ainda mais profundo produzido na camada social ampla e dinâmica, nunca totalmente acabada, sempre em (des)construção.

Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 104), em seu texto *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, mais especificamente no capítulo cinco, *Língua, Fala e Enunciação*, destaca oito pontos essenciais que serviram como base para o objetivismo abstrato, linha teórica que o autor rejeita em seu construto filosófico, justificando sua escolha ao longo do capítulo. Dentre eles, o sexto ponto merece aqui destaque: “*univocidade* da palavra mais do que *polissemia* e *plurivalência vivas*” (grifos do autor).

2.5 CAMINHANDO PELO #ENUNCIADO

Em seu texto, Bakhtin/Voloshinov (2002) deixa claro sua oposição a esse ponto central do objetivismo abstrato, ao problematizar logo de início a unidade da palavra. Para o autor, “o sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 59), isto é, não há como estudar algo tão multifacetado e vivo em termos monológicos. Entretanto isso não significa que os autores eliminam a unidade da palavra, existe uma unidade determinada fonética e semanticamente atribuída a palavra, mas é no sentido mais amplo, social e dialógico que percebemos a pluralidade. Com efeito, só se poderia pensar em termos monológicos se retirarmos a palavra de seu contexto e apagarmos quaisquer traços externos na produção de sentido.

Nessa perspectiva, a palavra é neutra, mas o signo é ideológico, ou seja, a palavra é própria do interior, do humano, não precisa de algo extracorpóreo, mas é na interação (exterior)

que ela ganha seu caráter ideológico. Um exemplo dessa relação é a palavra feminismo, que no contexto dos *tweets* ganham valores contrários a depender de quem a usa. Isso demonstra que, embora neutra em sua origem, a palavra é essencial para a criação de qualquer ideologia, nela apreendemos e participamos do mundo, ela também é orgânica e seu caráter ideológico e por assim também axiológico e semiótico, é o que a faz nodal nas interações humanas. Assim como aborda Bakhtin/Voloshinov (2002), a palavra é o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. É, pois, a palavra transformada em enunciado concreto, vinda de sujeitos reais e únicos, que possibilita o surgimento das relações dialógicas, onde as vozes sócias, enquanto posicionamento valorado desses sujeitos, serão ouvidas.

Nesse ponto, chegamos a uma das premissas no Círculo de Bakhtin, o *enunciado como unidade da comunicação discursiva*³⁹. Para o autor, não existe um enunciado neutro, em suas palavras,

todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso, cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual. [...] [e o] que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado (BAKHTIN, 2003. p. 289, *grifo nosso*).

Em linhas gerais, o enunciado existe como fruto do dialogismo e esse opera por meio do enunciado, em uma relação de interdependência. Sendo assim, o dialogismo não é apenas uma conversa que se reconhece por determinações gramaticais, mas um conceito profundo que envolve a própria gênese do sujeito que se percebe no mundo ao se colocar em relação com o outro. Isto é, “a forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social” (BAKHTIN, 1990, p. 71)

A mesma premissa aparece em uma outra obra bakhtiniana, *O discurso na poesia e o discurso no romance*⁴⁰, ao abordar o discurso literário, mostrando a não neutralidade do discurso e sua constante mutação. Isto é, o discurso, o dito sobre determinado objeto, é sempre “perturbado” e “tenso”, tecido dialogicamente pelos julgamentos, contribuições e interações complexas, “fundindo-se ou isolando-se” de outros discursos. Sendo assim, não há como saber de que lado(s) o objeto está sendo concebido pelo indivíduo, nem tampouco romper esses fios visíveis ou invisíveis, mas entende-se que o discurso (enunciado) é um prolongamento, um ato complexo em que o objeto é posto em xeque “desacreditado”, “contestado” ou “iluminado por

³⁹ Título de um dos capítulos do livro “Estética da criação Verbal” (2003).

⁴⁰ Título de um dos capítulos do livro “Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance” (1990).

outros” orientado por esses diálogos sociais, para que assim possa se individualizar (BAKHTIN, 1990).

Nessa direção, podemos retomar Faraco (2009), que reflete sobre a percepção de memória discursiva que em Bakhtin (2003, p. 120) já era apontado ao ressaltar que “todo dizer não pode deixar de se orientar para o ‘já dito’”, são muitas vozes operando heterogeneamente, ora se encontrando, ora se confrontando, uma vez que “todo dizer é internamente dialogizado”. O próprio conceito de memória é algo precioso, uma vez que ele é parte de nós, de quem somos, ou seja, é por meio do que lembramos, seja cognitivamente⁴¹ ou mesmo geneticamente⁴², que nos identificamos como indivíduos.

Sendo assim, ao abordar a memória discursiva, Faraco (2009) retoma uma ideia bakhtiniana de que temos em nós outros tantos textos vividos, lidos, ouvidos, os quais nos constituem e nos impulsionam dialogicamente em nossas práticas sociais e discursivas. Nossos enunciados são, assim, parte dessa memória discursiva que é também dialógica.

Em outro texto de Bakhtin (2003), *Estética da criação verbal*, encontramos outros elementos conceituais que cooperam para o entendimento de dialogismo e enunciado. Antes de tudo, o autor expõe os pensamentos de uma linguística tradicional do século XIX, na figura de Wilhelm Humboldt, na qual a linguagem era posta em segundo plano, enquanto a formação de pensamento seguia em primeiro plano. Esse entendimento linguístico propunha que a linguagem servia apenas para que o falante – sempre único – expressasse seu pensamento, servindo, dessa forma, como mero objeto desse, ou seja, agindo “independente da comunicação”.

Nessa direção, o enunciado seria restritamente expressão de um falante, a natureza desse enunciado seria “morta”, pois, logo após lançado, cumprindo sua função de mera expressão, não teria mais serventia, sendo esse seu papel primeiro e derradeiro. Bakhtin (2003), entretanto, destrói esse pensamento ao trazer o enunciado de natureza “viva”, não primeiro, mas sempre responsivo a enunciados antecedentes aos seus e alheios.

O autor quebra, portanto, com a dicotomia falante e ouvinte e traz à baila um novo conceito: o de interlocutor. Temos aqui um novo formato, no qual o discurso é dialogizado, ou seja, há interação e completude mútua, no sentido de que meu enunciado está para o seu enunciado, tanto como o seu enunciado está para o meu, ambos somos respondentes, ambos

⁴¹ Memórias de nosso passado remoto ou recente.

⁴² Aqui apreendemos o conceito da biologia de memória genética em que os genes trazem nas células “memória/traços” que nos distinguem individualmente.

somos locutores, não só em nossos turnos de fala, mas também naquilo que interpretamos, preenchendo as lacunas na fala do outro.

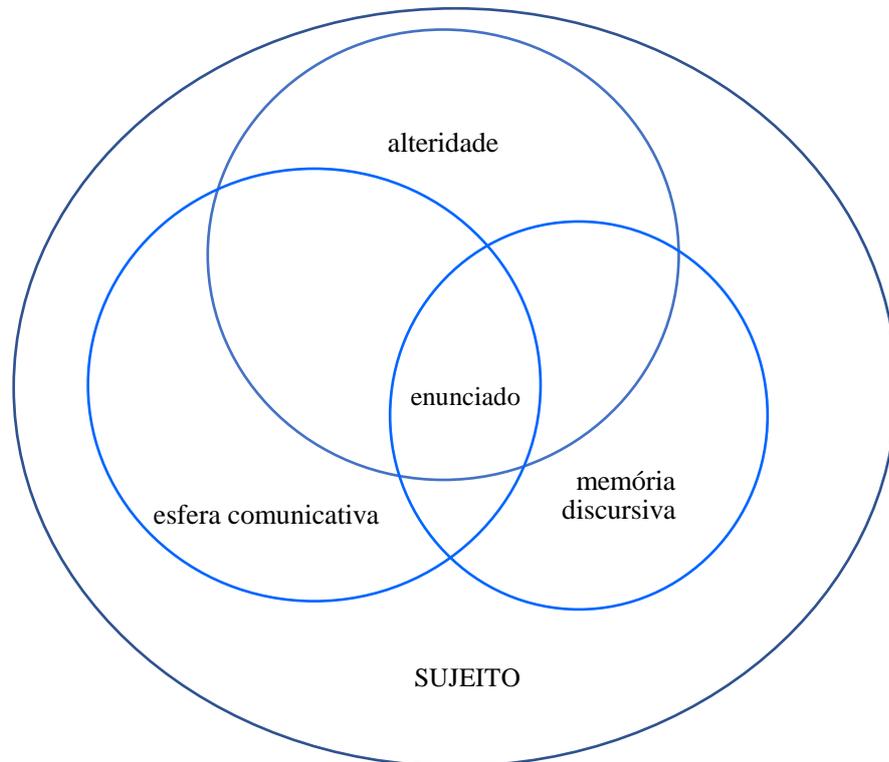
Ainda sobre essa temática, Bakhtin (2003) analisa o conceito de palavra, o “dito”, como algo que não está higienizado, antes opera por meio de uma ideologia⁴³, um posicionamento que só pode ser definido a partir de uma dada esfera da comunicação – conceito também caro ao Círculo como vimos na seção anterior. O autor ressalta que,

os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Sendo assim, ao utilizarmos/escolhermos determinados enunciados, estamos em constante diálogo com vozes anteriores, sejam escritas, faladas, interiorizadas ou recém mencionadas, que se manifestam através de nós a depender do contexto em que estamos, isto é, estamos sempre falando para alguém ou respondendo a alguém, inseridos em uma determinada esfera comunicativa, como mostra a figura a seguir.

⁴³ Veremos mais sobre o conceito na próxima seção.

Figura 1: A Confluência do Sujeito



Fonte: a autora.

Como mostra a figura 1, o sujeito constrói sua identidade através do diálogo com o outro, em situações marcadas histórica e socialmente, ou seja, em uma dada esfera comunicativa, ativando sua memória discursiva, e isso é percebido por meio de seus enunciados.

Ao nos propormos a trabalhar tendo como base uma análise dialógica, estamos como bem aponta Marchezan (2018), em seu texto denominado *Diálogo*, não delimitando nosso estudo à “obediência às regras formais” que caracterizariam um diálogo somente pelo viés gramatical, mas considerando a perspectiva bakhtiniana do “já dito”, do “re-dito”, da relação do eu com o outro – que pode ser, inclusive, meu outro eu.

A autora ainda imprime a ideia do sujeito de consciência dialogizada, cuja(s) voz(es) do(s) outro(s), marcadas, inclusive, socialmente, estão em seu processo de construção enquanto sujeito, “a identidade do sujeito [assim] se processa por meio da linguagem, na relação com a alteridade. Tal é a importância da linguagem” (MARCHEZAN, 2018, p. 123, *grifo nosso*).

Nessa direção, trabalhar com uma análise dialógica é não esperar por um sujeito ideal, em condições ideais, ou resumir a análise a pontos em que se possa vislumbrar um diálogo enquanto gênero primário, cujas características gramaticais são impostas por uma série de

pontuações que marcam perguntas e respostas simples. A noção de diálogo e dialética, apresentadas pelo Círculo, estão nos estratos sociais e nas relações que brotam pela e na linguagem.

Marchezan (2018) nos mostra que a análise dialógica vê a linguagem em ato, em movimento, junto a vida social, com réplica e contrarréplica, um sujeito presente, em um jogo que deve considerar o enunciado, o texto, o já dito, a memória discursiva e a alteridade. Sendo assim, “o diálogo instrui a perspectiva de análise, ao mesmo tempo que nomeia seu próprio ‘objeto’” (MARCHEZAN, 2018, p. 129).

Amorim (2001), por sua vez, corrobora com Marchezan (2018) ao mostrar que a análise dialógica não reconhece um sujeito distante e isolado, ou um enunciado puro. A autora mostra que “o extra-verbal não é a causa exterior do enunciado e sim um constituinte necessário de sua estrutura semântica. A análise refere-se então ao modo como as vozes dos outros se misturam com a voz do sujeito no enunciado” (AMORIM, 2001, p. 107). Ou seja, a análise prevê a memória discursiva do sujeito, as interações externas ou mesmo internas que operam em conjunto na formação do enunciado e, conseqüentemente, na formação identitária do sujeito.

Tanto Amorim (2001) como Marchezan (2018), ao trabalhar com análises dialógicas, trazem o conceito de alteridade. Para Amorim (2001), o termo alteridade está em constante relação com outra ideia, a da “diferença”. A autora recorre a áreas diferentes como mitologia, antropologia, dentre outras, para aprofundar o que seria a alteridade e como esse conceito corrobora para uma análise dialógica.

Ao fazer um panorama das formulações trazidas pela antropologia, a autora mostra como o conceito de alteridade estava amarrado ao conceito de diferença, sendo, por vezes, possível trocar um termo pelo outro. Autores como Affergan, Lévi-Strauss, Lourau, dentre outros⁴⁴, são citados como referência em trabalhos que discutiram como a objetivação do sujeito era construída, fazendo com que a identidade fosse produzida a partir da diferença.

A diferença, segundo o estruturalismo, aqui representado na figura de Lévi-Strauss, tinha o efeito de distanciar, mostrar as dicotomias, o outro como algo espacial, social, ético, físico e linguístico distante de mim, não pertencente ao meu grupo, algo com o qual não quero me assemelhar. Assim, formavam-se pares “semelhantes/dessemelhantes, mesmo/outro, idêntico/diferente onde a escolha é exclusivamente binária” (AMORIM, 2001, p. 72). Sempre numa relação de comparação e distanciamento.

⁴⁴ A autora não se propõe a trazer uma análise de todos os construtos da antropologia, elencando alguns antropólogos para sua análise, sem, contudo, colocar-se como palavra única sobre o assunto.

Em contrapartida, a autora retoma outros autores, como Affergan e Todorov, cujo pensamento vão de encontro ao estruturalismo, dizendo que o “eu” é formado a partir do “outro”, sendo, pois, uma relação de simbiose, de movimentos de refratar e refletir, sempre inacabado. O diferente não é necessariamente binário, pode ser multifacetado e se recriar quantas vezes for necessário.

Portanto, a alteridade surge como uma mola propulsora na construção identitária que se faz através do diálogo entre essas familiaridades e diferenças, concretizadas por meio dos enunciados. A autora remete-se ainda a Benveniste para solidificar sua posição sobre alteridade e dialogismo. A colocação “a linguagem põe e supõe o outro” (BENVENISTE, 1966 *apud* AMORIM, 2001, p. 95) resume o pensamento sobre o enunciado como um produto dialógico que precisa de um outro não necessariamente presente fisicamente. Segundo Amorim (2001, p. 95),

a alteridade é formulada como um elemento inerente à linguagem humana [...] Nesse nível, pode-se dizer que todo sistema de comunicação supõe relações de diferença pois do contrário não faria sentido falar de comunicação. Mas é na natureza dessas relações que reside a distinção entre comunicação e linguagem. [...] não há linguagem sem possibilidade de diálogo, isto é, sem possibilidade de *resposta* (grifo da autora).

A linguagem humana difere da linguagem animal, como bem coloca a autora, pois enquanto a primeira está sempre inacabada e em relação de co-dependência, a segunda se encontra de forma linear e relativamente fixa, regida por instintos e códigos impressos em sua carga genética que possibilitam a natureza a seguir seu fluxo.

Por fim, fazer uma análise dialógica é trabalhar para além do texto, entrando no discurso do sujeito, em seus enunciados que estão sempre em diálogo com sua memória discursiva, com o outro e com a esfera comunicativa em que está inserido. Como nos mostra Bakhtin, a linguagem é a chave para entender as relações humanas, não há ideologia sem o signo, sem a palavra, sem o diálogo.

A linguagem tem um papel muito importante na investigação dos embates sociais, visto que é por meio dela que operam as práticas, assim como as transformações ideológicas e, conseqüentemente, a propagação das ideias na sociedade. Habermas ressalta que “a linguagem também é um meio de dominação e força social. Ela serve para legitimar relações de poder organizado. Na medida em que as legitimações das relações de poder, [...] não são articuladas, [...] a linguagem é também ideológica” (HABERMAS, 1973, p. 259).

A afirmação de Habermas (1973) corrobora com o que é dito por Bakhtin /Voloshinov (2002, p 35) a respeito de ser “a consciência individual é um fato sócio-ideológico”, ou seja,

falar em linguagem também é falar sobre relações de poder. No caso das narrativas presentes no *Twitter*, por meio dos discursos que serão analisados, podemos perceber como se dá essa relação e assim identificar, por exemplo, o indivíduo ou grupo social detentor de determinado poder na sociedade e como ele(s) está(ão) se mantendo no poder por meio do discurso e da força verbal/simbólica da violência.

Para Bourdieu (1988), existem pelo menos dois tipos de poder, o macroestrutural e o microestrutural. Por outro lado, segundo Bajoit (2008, p. 68, *tradução nossa*), temos pelo menos quatro tipos diferentes de poder:

Poder legislativo. Todos os cidadãos são iguais ante a lei e gozam n maior liberdade possível de expressão e de associação (podendo criar, em certas condições, partidos políticos); o sistema eleitoral descansa sobre um sufrágio cada vez mais universal; os representantes eleitos, reunidos em câmaras parlamentares, definem a constituição e as leis, respeitam o princípio da maioria na adoção de decisões, por outro lado, uma lei se impõe quando tem sido votada pela maioria de um parlamentar eleito.

Poder judicial. Existe uma separação dos poderes e, por conseguinte, uma autonomia relativa da justiça frente o governo e o parlamento, uma decisão judicial se impõe quando se fundamenta na lei e na Constituição.

Poder executivo. Os governos refletem os resultados das eleições; um governo pode impor suas decisões quando é a expressão de uma maioria parlamentar.

Poder repressivo. Os aparelhos repressivos obedecem ao governo e fazem uso legítimo da força para fazer respeitar as decisões dos outros poderes.

Para esta análise, o estudo dessas relações ou embates construídos nas microesferas do cotidiano são mais interessantes por adequar-se ao conceito de violência de gênero, que se encontra nas camadas mais privadas e íntimas, embora as microesferas não estejam desligadas das macroesferas, uma vez que “relações de poder”, na sociedade do espetáculo, extrapolam a esfera íntima e se transformam em um grave problema social.

Cunha (2015) explica que, ao se definir os efeitos do poder apenas pela repressão teremos uma noção de poder estritamente ligada a lei, o que gera uma concepção puramente jurídica desse mesmo poder: “nessa perspectiva, o fundamental para ter o poder seria a força da proibição” (CUNHA, 2015, p. 43).

2.6 CAMINHANDO PELA #IDEOLOGIA

Ressaltamos “A ideologia [também] é um significado a serviço do poder” (THOMPSON, 2002, p. 16, grifo nosso), como instrumento mantenedor. O papel que a mulher desempenha na sociedade é marcado e reforçado pelas instâncias de poder, elas ajudam a

moldar esse papel, transmitindo ideologias e contribuindo para a manutenção de certas relações hegemônicas. Dessa forma, é verbalizando/narrando/expondo a violência que a enfraquecemos, abalando a estrutura engessada pelo sistema.

Aqui, é importante retomar o termo *ideologia* como um conceito-chave para o Círculo bakhtiniano. Embora bebesse no Marxismo, o conceito não se resumia a ele, ou seja, Bakhtin e seu Círculo viam a ideologia como mais do que uma visão individual sobre determinado assunto, ou movimento social, da mesma forma que também deixava transparecer em sua obra que ela não poderia ser minimizada a uma definição de distinção de classes sociais, ainda que esse embate social seja importante.

Sendo assim, a ideologia tem um caráter semiótico, ou seja, social, pois todo sistema de signo está em relação profunda com algum grupo social. Podemos estudar as lutas de classe, ou a luta feminista, pelo viés ideológico, sem, entretanto, delimitar a ideologia, entendendo que o conceito de ideologia não se resume a essas lutas.

A ideologia, em termos bakhtinianos, é própria a cada e a qualquer grupo social, bem como pode ser própria a uma geração, ou ainda a uma demarcação de lugar de fala. Diante de tantas possibilidades, podemos ver a ideologia como inerente ao ser humano, isto é, “uma voz é sempre ideológica porque ela traz um ponto de vista constituído num determinado lugar e não em outro. Mas esse lugar pode muitas vezes designar um tempo e não uma classe” (AMORIM, 2001, p. 143). Ou seja, “tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002)

Castro (2010) corrobora com os autores ao fazer, em seu texto *O Marxismo e ideologia em Bakhtin*, uma síntese dos pontos de confluência e divergência entre essas duas filosofias. O autor mostra que Bakhtin, apesar de ser um marxista declarado, dá uma nova roupagem ao conceito de ideologia, ao retirar as limitações que a enquadravam em uma superestrutura ideológica, atrelada às bases econômicas. Podemos verificar isso quando vemos a definição de consciência feita por Bakhtin/Voloshinov (2002), na qual eles deixam claro não se tratar de uma concepção biológica ou behaviorista, mas uma definição de ordem sociológica, ou seja, a lógica da consciência está na lógica da comunicação dialógica, ela é criada a partir da existência de signos criados e organizados em torno de uma relação ou grupo social.

É, portanto, essa consciência “social”, não natural, moldável e marcada historicamente que alimenta a consciência individual, conforme Bakhtin/Voloshinov (2002). Dessa forma, “a palavra é um fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 36), pois é o modo mais puro de interação social.

Enfim, ao usar a linguagem, participamos ativamente na construção de significados e é pelo discurso que podemos resistir e subverter esses significados. Como mostra Bakhtin (2010), quando um julgamento básico de valor é verbalizado, torna-se duvidoso, separa-se de seu referente e, conseqüentemente, deixa de organizar a vida. Nesse sentido, ao analisar as narrações sobre a violência sofrida, sobre a solidariedade com as vítimas, ou mesmo sobre a agressão por meio da linguagem, começamos o processo de mudança social.

Segundo Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 33, *grifos nossos*),

cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como **som**, como massa física, como **cor**, como **movimento do corpo** ou como **outra coisa qualquer**.

Bakhtin e seu Círculo nos propõem ver a linguagem para além da palavra escrita e falada, pois ela pode se manifestar de formas diferentes e, como signo, estão impregnados de ideologias, essas criadas em interações, diálogos sociais. Em sua pesquisa sobre o enunciado verbivocovisual, Paula (2014) destaca a tridimensionalidade da linguagem (verbal, vocal e visual), respaldada em estudos de Bakhtin e do Círculo, assim como de outras esferas do saber.

A autora nos lembra que a linguagem não se apresenta em 2D, mas em 3D, pois carrega em si uma capacidade semiótica e verbal, como se pode observar em enunciados típicos do *Twitter*, mas também uma dimensão vocal, mesmo quando apresentada em sua versão puramente escrita (sem a presença de vídeos ou memes), pois carrega em si as “vozes”, “posicionamentos” e “juízos de valor”. Nesses há um grito representado pelas caixas altas, pelo prolongamento das vogais ou pela separação silábica com intenção de vislumbrar pausas dramáticas, e, por isso, as três dimensões estão sempre lá, completando-se e coexistindo. É por meio dessa tridimensionalidade que podemos analisar e trazer à tona, à superfície da tessitura da linguagem, os embates vivenciados nessa arena, o que nos mostra um gênero discursivo multisemiótico, verbivocovisual (cf. PAULA 2017).

Percebemos, então, que há uma tridimensionalidade da linguagem (com foco no verbal), que ela é dialógica, situada em um determinado tempo e espaço e que promove uma arena em que se dão os embates sociais. Ao problematizar o modelo dos embates sociais, devemos levar em consideração o que nos mostra Bakhtin sobre o compromisso ético do pesquisador com a sua tarefa, de olhar de forma atenta para o mundo que se apresenta diante de nós. Também requer recusar-se a utilizar esquemas engessados e forjados, os quais forcem o objeto a caber em teorias pré-moldadas, também requer um olhar crítico e disponibilidade para tanto.

Por esse viés, a constituição do sujeito, assim como da ideologia, só é possível por meio dos embates sociais, pois “o signo se torna a arena a luta de classes” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 46), e é nesse ponto que devemos distinguir bem comunidade de fala/semiótica de classes sociais, uma vez que pessoas de diferentes classes sociais pode ser de uma mesma comunidade semiótica. Assim, é o valor ideológico, a “dialética interna” que nos mostra as facetas desse signo.

Segundo Bakhtin/Voloshinov (2002) é o signo vivo e dinâmico que provoca a transformação do sujeito e, conseqüentemente, a depender do engajamento desse sujeito, a transformação também de seu meio. O autor cita como exemplo a classe dominante que, a fim de abafar ou ocultar a luta das demais, confere ao signo ideológico um caráter intangível e monovalente. Isso demarca o valor imaterial humano da ideologia e sua ligação com aquilo que é do “espírito humano” ou o que o Círculo chama de superestrutura (nomenclatura advinda do Marxismo). Para Bakhtin/Voloshinov (2002) é o indivíduo refletido, refratado, constituído por meio do signo, e um signo só pode entrar no domínio da ideologia se adquiriu um valor ideológico “e o valor é sempre de natureza interindividual” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p 45), como uma metáfora de uma bola de neve. Assim sendo, estudar a identidade é precisamente estudar o diálogo, as interfaces, e isso é possível através do signo linguístico que é embebido em ideologia.

Quando a gente canta
Somente
Aquilo que a gente sente
Profundamente
Não há lugar nenhum para a canção doente
Porque a alegria se derrama quente

(Trecho da letra da música felicidade de Gonzaguinha)

3 POR UM CAMINHO TEÓRICO-DIALÓGICO #PARTEII

Esta seção, como diz em seu título, pretende apresentar a segunda parte dos postulados teóricos norteadores da pesquisa aqui apresentada, sob as premissas da ADD. Para tanto, elencaremos alguns construtos importantes, que serão empregados na análise dialógica. Nessa segunda leva temática traremos (ordem empregada nessa tese) sobre: sociedade e globalização, identidade, identidade/sujeito, identidade e sua relação com a sociedade e feminismo.

3.1 CAMINHANDO PELA #SOCIEDADEEGLOBALIZAÇÃO

Woodward (2000) explica que as identidades são cambiantes e se inserem em um mundo globalizado, o qual envolve questões econômicas e culturais. Sendo assim, as identidades modificam o mundo e são modificadas por ele em diferentes níveis e formas. Para a autora, “as mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas” (WOODWARD, 2000, p. 25).

A globalização, a migração, as gestões políticas e as econômicas são peças que se encaixam e desencaixam no grande mosaico da Modernidade Líquida. O que chamamos de modernidade Líquida, com base em Bauman, devido às mudanças constantes, outros autores chamam de *Modernidade Reflexiva* (GIDDENS, 1995).

Sobre a globalização, podemos citar Kumaravadivelu (2013) que em seu texto, *A linguística aplicada na era da globalização*, identifica pelo menos três ondas as quais ele relaciona com três fases do imperialismo, explicando que a última e atual é extremamente diferente das anteriores, pois as mudanças globais são mais rápidas, deixando a “paisagem mundial” transformada em três modos: menor distância espacial, menor distância temporal e a fronteiras desaparecendo.

Isso significa que as ações praticadas desse lado do mundo, como uma vaga de emprego já existente, uma venda de uma fábrica ou a criação de um novo posto de emprego, podem afetar pessoas do outro lado do mundo, sejam em seus empregos, salários, modo de vida. Na mesma direção, as tecnologias estão cada vez mais evoluindo e estreitando os vínculos, ao mesmo tempo em que também os dissolvem, em um jogo nem sempre sutil de colocar/coletar/retirar informações a um só clique (KUMARAVADIVELU, 2013).

E, por fim, as fronteiras nacionais, capital, informações, cultura, valores, tudo parece está mais próximo, como um apagamento das fronteiras entre os países, entre a humanidade, podemos até mesmo pensar na apropriação cultural, tema em voga no momento, como um exemplo desse apagamento fronteiro (KUMARAVADIVELU, 2013).

Kumaravadivelu (2013) parece em consonância com Giddens (2000) ao mostrar uma globalização “descentrada”. Vale ressaltar que, embora descentralizada e mais “próxima”, essa aproximação é imposta e não harmoniosa, como já mencionado, não é a velocidade de informação e a possibilidade de acessá-la com mais facilidade que garante uma uniformização de pensamento, pelo contrário, o apagamento das fronteiras gera uma tensão identitária. A exemplo do *Twitter*, podemos ver como os pontos de vista se cruzam rapidamente, em diálogo, gerando enunciados responsivos, porém isso não garante harmonia.

Um exemplo citado por Kumaravadivelu (2013) é a identidade religiosa que tem se fortalecido como uma resposta a essa globalização. Aqui no Brasil, podemos dar como exemplo o histórico crescimento da extrema direita como um reflexo de anos de uma política dita de esquerda, como podemos notar em nosso *corpus*, em que percebemos que os enunciados estão envoltos em discursos politizados. O autor utiliza como principal nomenclatura a pós-modernidade e o pós-colonialismo como base para entender as construções identitárias que se movem dentro da globalização. No tweet abaixo, vemos claramente como esses discursos politizados fluem no enunciado:



Thiago Tuzi Nunes

5 h • 🌐

Chega a ser curioso falarem em doutrinação ideológica no ENEM. Somos doutrinados para servir ao sistema desde que nascemos. O consumismo, a competição social, o trabalho servil com aparência de dignidade, prosperidade e sucesso, o patriarcado, a família tradicional, o machismo, a propriedade privada, tudo isso são construções ideológicas impostas a todos nós. Fazer um contraponto a ideologia dominante é mais do que saudável, é necessário.

Se optarmos pela terminologia *Modernidade Recente*, como prefere Moita Lopes (2013), embarcamos na concepção de uma modernidade que se liga diretamente, nas palavras do autor, à “mudanças avassaladoras” que não se encontram somente no social, na economia e na política, mas também é de natureza tecnológica e cultural, acontecendo sempre, concomitantemente, em um “mundo de complexidade, inseguranças, ambiguidades, instabilidades, e, em última análise, de vertigens contínuas sobre crenças, modos de vida legítimos, conhecimentos válidos etc.” (MOITA LOPES, 2013. p. 18)

Harvey (2010) aponta ainda para a modernidade como um projeto do iluminismo que procura romper com o tradicional em uma constante progressão. Dessa forma, pensar a modernidade aqui evidenciada é pensar em fragmentação, efemeridade, fluidez, constante e caótica mudança. Retomando a metáfora da mandala, a sociedade pós-moderna, líquida, fragmentada, opera sob a construção identitária com a mesma força em que é modificada e redimensionada por essa.

Como já mencionado, pensar em identidade é também pensar em práticas sociais, nessa direção, entendemos que ambas cooperam e se unem, ora para se desfazer, ora para se reconstruir. Pensando nessa perspectiva, utilizaremos a metáfora da mandala, em que a construção da identidade (o homem/mulher) estaria em profunda relação com o social (seu cosmo ou suas esferas sociais), em uma tensão de forças que tanto é centrípeta como centrífuga, o que sugere a ideia de complementação.

A análise das forças centrípetas e centrífugas⁴⁵, na perspectiva bakhtiniana, visa mostrar, por meio da linguagem e mais precisamente do discurso, como essas forças de centralização e de dispersão incidem/atuam na construção identitária. Nessa direção, essas forças também perpassam os embates sociais e as práticas sociais, e, para entender essas relações e práticas, é preciso pontuar o que entendemos por sociedade, linguagem e identidade.

Ao falar sobre identidade, podemos encontrar alguns conceitos que se completam ou mesmo que se distanciam totalmente, isso porque esse termo faz parte da vasta literatura das Ciências Humanas e Sociais, e, uma vez que o conceito é utilizado diversas vezes em diferentes

⁴⁵ Os termos forças centrípetas e centrífugas nascem na obra de Bakhtin primeiramente em relação aos gêneros, mas não se resumem a esses. Em termos gerais, os conceitos das duas forças também se aplicam ao gênero para essa análise, uma vez que o gênero comentário (primário provindo da oralidade) possui uma estrutura relativamente estável. Entretanto, o comentário presente na ferramenta *Twitter* está ressignificado. Como postula Bakhtin, existem duas forças que operam nos gêneros: uma que os estabilizam e homogênisam (forças centrípetas) e outra que os desestabilizam, heterogênisam-os (forças centrífugas). No caso do *Twitter* – uma ferramenta relativamente nova, parte da revolução tecnológica que se operou no último século – essas forças se combinam para produzir inovação. No entanto a produção desses comentários não inova somente o gênero, que passa a ter características adicionais, mas também operam inovação identitária, assim como outros gêneros que nascem dessa revolução.

épocas, em diferentes áreas de saber, os significados e aplicações podem variar. Dessa maneira, apontar para um conceito único é uma tarefa, no mínimo, complexa. Entretanto, levando em consideração a sociedade moderna e o prisma dos pesquisadores dos Estudos Culturais, chegamos primeiramente ao conceito de “crise identitária” (cf. HALL, 2005).

A “crise identitária”, acunhada pelo pesquisador Stuart Hall (2005), diz respeito à descentralização do indivíduo. Ao fazermos referência às estruturas em que nossa sociedade se instaura, podemos interligar a assim chamada “crise de identidade” aos processos de mudança que desestabilizam e deslocam essas mesmas estruturas que são centrais nas sociedades modernas.

Para chegar à premissa da crise identitária, Hall (2005) argumenta que o conceito de identidade foi sendo transformado e definido diferentemente na história, porque o sujeito, a quem a identidade remete, transformou-se. Assim, o autor, identifica três tipos de sujeitos distintos: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e, finalmente, o sujeito pós-moderno. O primeiro tipo era concebido como único, ligado estritamente ao biológico, ou seja, cada indivíduo nasce com uma única identidade que se estabelece racionalmente. Nomeado preferencialmente no masculino, podemos defini-lo pelo conceito cartesiano como homem racional e científico, fazendo referência a René Descartes (HALL, 2005). Esse sujeito era mais fácil de trabalhar, uma vez que era imutável e estruturalmente linear.

O segundo, por sua vez, ainda possuía um núcleo essencial, o “eu” interior e real, entretanto, esse era formado e modificado pelas interações com os mundos culturais “exteriores”, ligando-se às estruturas sociais (HALL, 2005). Isso implica dizer que o sujeito sociológico precisava do fator social, externo a ele, para se formar, mas ainda tinha uma essência, um núcleo único que era quem regeria essa interação. Isso nos traz uma mudança para com o primeiro sujeito, pois, esse sujeito sociológico não nasceria pronto e não seria intocável por fatores externos, entretanto, manteria a unicidade, o núcleo controlador, mediador das interferências externas.

Por fim, temos o terceiro e último tipo de sujeito citado por Hall (2005), um sujeito em crise, pois não há estabilidade, nem unidade, o sujeito está fragmentado e por vezes essas identidades são contraditórias e não-resolvidas. Esse sujeito pós-moderno surge então, como já mencionado, pela crise identitária instaurada, logo não podemos mais falar em estabilidade, nem mesmo em identidades individuais. É em meio às oscilações que percebemos que temos identidades coletivas que operam em uma relação de mão dupla.

Uma vez que a identidade não é única, mas fragmentada, o discurso também precisa ser repensado. Nessa perspectiva, o discurso também deve considerar os efeitos sociais nas práticas

discursivas em ação. É pelo e através desse discurso que nossas identidades sociais são constituídas, inclusive por intermédio de nossa relação com os outros (MOITA LOPES, 2002). As identidades sociais, portanto, marcam as formas pelas quais os indivíduos são, de certa forma, “o mesmo” que os outros. Isto é, um jogo de pertencimento e não-pertencimento.

Nessa mesma direção, em meio a um turbilhão de discursos e linhas ideológicas, existe uma locomoção, uma transição, sem, no entanto, uma degradação, pois a identidade se desfaz para se refazer, não deixa de existir, não há um fim, mas sempre um renascimento, ou seja, a identidade se recompõe como um mosaico de formas e cores diferentes para recompensar seu entorno. Segundo Hall (2005, p. 31),

[...] os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham.

Como já mencionado, o processo de socialização é, antes de tudo, um processo de relação humana, no qual o outro tem importância tão forte quanto a do indivíduo, na formação da sua identidade. Esse outro, com o qual ele é suscetível de estabelecer uma relação de empatia, também é fragmentado e se desdobra em vários níveis, desde a identificação com o pai, a mãe, um amigo, um professor, um chefe carismático, um líder, um ídolo, dentre outros, ou seja, o sentimento de pertencimento, ou ainda a relação de antipatia, aquilo que é rejeitado, o não-pertencimento.

Além de fragmentada (HALL, 2005) e fluida (BAUMAN, 2005), levando em consideração suas características pessoais e coletivas (MEDEIROS, 2009) que operam em tempos complexos, é imprescindível, na discussão sobre identidade e sociedade, mostrar a tensão entre duas perspectivas, a saber, a essencialista e a não-essencialista.

Sobre essas perspectivas, Woodward (2000) discorre que a identidade, sob o prisma essencialista, é fundamentada no biológico (o corpo) e na história, por esse motivo ela é imutável e fixa. A autora argumenta que olhar a identidade sob a ótica não-essencialista é focar nas mudanças, isto é, não poderíamos ver a identidade como algo fixo ou imutável.

Ela conclui que a identidade não é única, pois há contradições em seu interior que precisam de negociação. Ela é “relacional”, marcada pela diferença com o outro, “algumas diferenças são marcadas, mas nesse processo algumas diferenças podem ser obscurecidas”, é “simbólica”, pois também opera nos signos, nos objetos que o sujeito usa, envolve “exames classificatórios”, uma vez que temos pelo menos dois grupos distintos “nós e eles”, mas que por vezes “envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a

um determinado grupo identitário” (WOODWARD, 2000, p. 13-19). Por fim, as identidades são contestadas, já que “os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados” (WOODWARD, 2000, p. 13-19).

Além de Medeiros (2009) e Hall (2005), Bauman (2000) também elabora um conceito de identidade que opera em consonância com o conceito de sociedade. Para o autor, a identidade, assim como a sociedade⁴⁶, é líquida, pois é fluida e capaz de se moldar a formas diferentes. Bauman (2000, p. 7) afirma que,

o que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos "poderes de derretimento" da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação. Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no caminho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de "quebrar a forma" na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar.

A liquidez não é, entretanto, o fim, pois tudo pode se solidificar para novamente ser derretido. Vivemos uma sociedade de transformações, de reinvenções, em tudo volátil, e, como aponta Bauman (2000), é sua característica líquida que lhe garante a capacidade de adentrar em qualquer espaço e se adaptar a esse, inclusive voltar a regimes fechados.

Quanto ao pertencimento e sua ligação com a identidade, Bauman (2005) sugere que também não há solidez, pois não há nenhuma garantia de que eles não possam ser mudados, principalmente se pensarmos nas negociações e renegociações que são feitas pelo indivíduo, dependendo das suas decisões e suas ações. Nesse caminho, o autor afirma contundentemente que para ter uma “identidade”, o “pertencimento” precisa deixar de ser o destino e se tornar uma condição com alternativas.

A fragilidade da identidade, ou melhor as identidades, são na verdade reflexo das relações macro e micro que estão totalmente derretidas e instáveis em uma sociedade também fluida. Segundo o sociólogo, os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida são conduzidos individualmente de um lado, e de outro temos as ações políticas de coletividades (BAUMAN, 2000).

⁴⁶ O termo *Modernidade Líquida* foi acunhado pelo sociólogo pela primeira vez em 1999. Ele entende que a modernidade encontra-se em um estado de fluidez “que não fixa espaço nem prende o tempo”, esse estado é “leve”, “mutável”. Na modernidade líquida tudo é volátil, perde-se a rigidez, a “solidez” e as relações humanas não são mais tangíveis, a vida em conjunto, familiar, de casais, de grupos de amigos, de afinidades políticas, e assim por diante, perde consistência e estabilidade.

Rampton (2006, p. 114) também aborda a coletividade da identidade no jogo de pertencimento e não pertencimento ao explicar que

de modo geral, no que se refere tanto à idade como à etnia, o pertencimento a um grupo agora parece ser muito menos claro, menos permanente e menos relevante em si do que parecia há quinze anos. Agora estamos muito mais conscientes de que o pertencimento a uma comunidade não é algo que aconteça simplesmente a uma pessoa, mas muito desse sentido de pertencimento é criado no aqui e no agora.

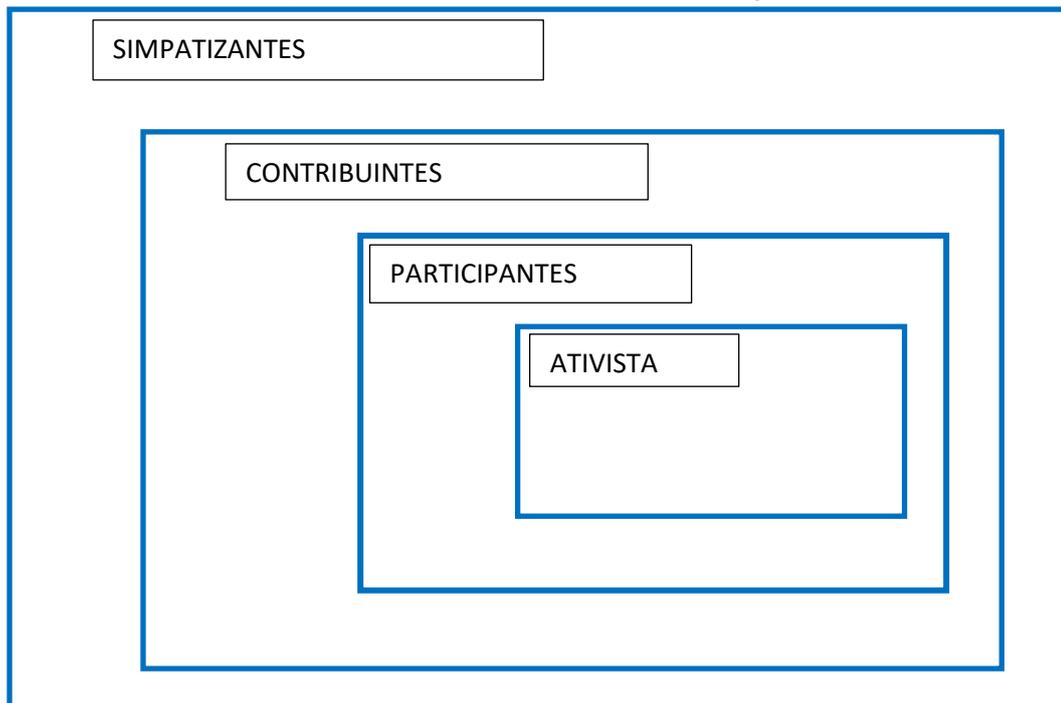
O autor insere, dessa forma, o conceito de pertencimento como algo muito mais do que localidade cultural e estratégia política, pois é formada também por negociações, commodities, opções de produtos estéticos, estilos de vida etc. (RAMPTON, 2006), isto é, um grupo não é somente uma localidade, ou uma temporalidade, é também um jogo de interesses políticos, econômicos e estéticos e eles operam em conjunto para a construção da identidade.

Discorrendo sobre esse mesmo tema, Moita Lopes (2013) também argumenta sobre as mudanças sócio-históricas e a fluidez dos novos tempos, no qual as fragmentações resultam de sérias mudanças de natureza econômica, política, tecnológica, cultural e social, submersos em contínuas “vertigens sobre crenças, modos de vida legítimos, conhecimentos válidos, dentre outros, em um mundo de complexidade, inseguranças, ambiguidades, instabilidades” (MOITA LOPES, 2013, p. 18).

Moita Lopes (2013) acrescenta ainda que não são apenas as pessoas e as estruturas que se movem, pois a linguagem também se move cada vez mais, em sociedades hipersemiotizadas, isto é, é impossível dissociar a identidade, a sociedade e a linguagem, uma vez que no mundo nada se faz sem discurso.

Para Tejerina (2010), a identidade se relaciona diretamente com a noção de grupo. Em seu quadro de participantes em um movimento social, o autor insere visualmente a relação de micro e macro esferas operando na construção do indivíduo, assim, a proximidade e a carga ativa do sujeito e sua causa demonstram em que lugar do movimento social o sujeito se encontra. Vejamos:

Quadro 1: Movimento social baseado em Tejerina



Fonte: TEJERINA (2010, p. 70).

Tejerina (2010) mostra que a construção de grupos só é possível porque primeiro são criadas identidades coletivas e é a partir dessas identidades coletivas que podemos visualizar as identidades individuais.

3.2 CAMINHANDO PELA #IDENTIDADEESUJEITO

Embora as terminologias *identidade* e *sujeito* sejam diferentes entre si, verificamos um fio condutor, uma conformidade entre os teóricos da LA com relação a que tempo vivemos e como está cada vez mais movimentado e contornado por mudanças.

Na literatura dos estudos em Análise do Dialógica, podemos ver que são utilizadas tanto a nomenclatura identidade como a de sujeito. Sendo assim, não há necessariamente uma separação entre ambos, entretanto, não podendo ser tomado um pelo outro, pois, não implicam em sinônimos. Sobral e Giacomelli (2018, p. 308) explicam que

partindo de considerações gerais acerca da proposta dialógica de que o sentido não é propriedade das palavras, mas surge nas situações de interação, abordamos as relações entre interlocução e sentido, o que envolve diversas considerações sobre a questão de sujeito para a teoria dialógica, da interconstituição dos sujeitos entre si na sociedade e na história, bem como da questão da valoração e da ideologia, a par da questão do discurso e das relações entre sujeito concreto e imagem discursiva.

Sobral e Giacomelli (2018) resgatam, por meio de leituras de Bakhtin e do Círculo, a ideia de sujeito empírico e sujeito discursivo que em interação com outros sujeitos empíricos ou presumidos corroboram para a constituição identitária necessária, pois, segundo as autoras, são essas identidades que possibilitam a existência do sujeito, uma vez que, as identidades operam na constituição social, semiótico, simbólico e real do sujeito.

Geraldi (2010), ao traçar algumas considerações sobre “o sujeito” para o Círculo Bakhtiniano, traz à luz o conceito de identidade multifacetada, retratada nas obras de Bakhtin. O autor mostra o desdobramento desses sujeitos que são, respectivamente, sujeito responsável, sujeito consciente, sujeito respondente, sujeito incompleto, inconcluso e insolúvel, sujeito datado e, por fim, chega ao axioma sujeito fora do comando.

O primeiro diz respeito a amalgama entre três campos, a saber, ciência, arte e vida, que unidos trariam uma espécie de unicidade ao sujeito que os incorporassem. Segundo o autor, a “argamassa” utilizada para manter a unidade seria a responsabilidade. Esse sujeito estaria retratado na obra de Bakhtin *Arte e Responsabilidade*.

O segundo sujeito que Geraldi (2010) nos mostra é caracterizado pela consciência, é chamado assim porque além de arcar com a responsabilidade, tem total controle do que faz, sendo “todo poderoso”. Geraldi (2010, p. 286) explica ainda que “a própria consciência é resultado de um processo de encarnação material do que lhe é exterior- os signos- que pertencem não ao indivíduo, mas ao grupo social organizado em que as interações – e a emergência dos signos – se concretizam”.

O terceiro é considerado respondente, pois remete às ações do sujeito que são sempre uma resposta a uma outra ação provocadora, ou seja, ele é dialógico, uma vez que precisa do outro para agir, esse outro pode inclusive ser ele mesmo em momentos distintos, isto é, há uma constituição social não somente em relação aos outros como também em nossas ações individuais. Sendo assim, “somente agindo, somos o que somos” (GERALDI, 2010, p.287). Portanto, o sujeito não passivo, nem determinado, mas flutuante e sempre em construção.

O quarto sujeito analisado por Geraldi (2010) é retirado dos estudos da estética e é denominado como incompleto, inconcluso e insolúvel por inferir que as identidades nunca são estanques, ou seja, estamos em constante exposição e em acabamento. O autor mostra que estamos construindo nossas identidades múltiplas por meio do tempo e do espaço, sendo que esses não se repetem, assim como a relação com o outro que não é somente uma e nem a mesma pode ser copiada.

O sujeito datado reporta ao tempo definido. O autor mostra que Bakhtin vê o tempo definido como distinto pelas possibilidades de interações que oferece, ou seja, é nesse tempo

definido que o sujeito se constitui, logo, ele é datado, “entrelaçado entre passado, presente e futuro que se realizam concretamente num espaço historicizado pelo tempo” (GERALDI, 2010, p. 291).

Por fim, o autor termina mostrando que o sujeito está fora do controle, pois é, ao mesmo tempo, responsável, consciente, respondente, incompleto, inconcluso, insolúvel e datado, não podendo ser um sujeito cartesiano, mas sim um sujeito “que é história junto com a história de outros” (GERALDI, 2010, p. 292), sobre o qual não se tem nenhum controle. Muitas vezes, em seu texto, Geraldi utiliza identidade como sinônimo para sujeito, afirmando, inclusive, que, assim como não há uma identidade única e individual, também não há um único sujeito, antes esses estão convivendo simultaneamente no indivíduo, ou seja, não há um sujeito único, e isso ecoa o que Bakhtin já dizia quando falava da unicidade e da singularidade do ser.

Por sua vez, Balocco (2010), ao trabalhar sobre a questão do sujeito e da identidade, aborda as diferentes posições sobre o sujeito/identidade, a começar pelas relações entre o indivíduo e os objetos do mundo. Ao desenvolver um panorama histórico filosófico, a autora traz conceitos de diferentes áreas de conhecimento na figura de Kant, assim como de duas vertentes teóricas, a saber, o materialismo histórico e a fenomenologia hegeliana, nas figuras de Marx e Hegel, para chegar a suas considerações sobre o sujeito e os processos de construção identitária.

A autora explica que pensar o sujeito e sua relação com os objetos do mundo pode trazer uma visão binária entre subjetividade e objetividade, introduzida por Kant, ao mostrar o sujeito como sendo o único que tem a consciência reflexiva capaz de atribuir sentido ao mundo e a seus objetos, incluindo a si mesmo. A visão kantiana é a porta de entrada para os estudos da linguagem no campo da identidade, a partir do bioma subjetividade-objetividade, entretanto, a autora diz que não podemos pensar exatamente em uma visão binária, mas na *coexistência* ou *imanência* do sujeito/objeto (BALOCCO, 2010).

Isto é, a autora assegura que

[...] embora se reconheçam as limitações que pesam sobre o sujeito, rejeita-se a visão de que o mesmo é inteiramente subjugado pelas circunstâncias que o afetam. Assim, assume-se como tarefa dos estudos da linguagem voltados para a questão da identidade a reflexão sobre “tensão contraditória” no processo de constituição do sujeito, que passa necessariamente pela teorização sobre a dinâmica entre a constituição do sujeito no discurso e o seu “envolvimento prático (ou corporal)” com o mundo (BALOCCO, 2010, p. 110).

Isto posto, a autora apresenta um sujeito que não é origem da identidade ou uma construção identitária que seja produto único, corroborando ao que Geraldi (2010) postulou, o

sujeito e a identidade são ambas faces da mesma moeda e o processo que os constitui está fora de seu interior, a partir de sua exposição ao meio social, em suas relações práticas e materiais com os objetos que o circundam (cf. BALOCCO, 2010).

Uma vez que os quadros de referência estão abalados, as zonas de conforto são desestabilizadas, os indivíduos procuram recompensar esse abalo, buscando uma nova forma de ancoragem e estabilidade no mundo social, é nesse momento em que, em meio a uma crise, o indivíduo narra sua história, chamada de “narrativa do eu” (cf. HALL, 2005).

Dessa maneira, ao traçarmos caminhos para identificar as várias identidades, precisamos, primeiramente, entender como se dá essa construção que aqui chamamos de “narrativa do eu”. Sendo assim, podemos recorrer a alguns autores que trabalham sob a perspectiva da narração. De Conti (2005) aborda as narrativas pessoais como a narração das experiências pessoais em um ato discursivo produzido em contextos de interação social complexos, assim como os conceitos de narrativa de si-próprio de Ricoeur (2013), que abordam as narrativas que as personagens literárias fazem sobre si, como um momento de descoberta, no qual descobre-se ser ele mesmo um si-próprio figurado. Corroborando com Ricoeur (2013), temos Bajoit (2009) que apresenta oito hipóteses referentes à socialização do sujeito e à formação das zonas de identidade, sendo a quinta hipótese a narração do sujeito.

De um modo geral, a narrativa pessoal a qual De Conti (2005) se refere, gira em torno de uma fala organizada em meio a eventos consequentes, ou seja, em uma conversação, o sujeito dirige seu ouvinte há um tempo e/ou “espaço” passado, dessa forma, pode esboçar, de maneira geral, uma reflexão moral sobre o evento (DE CONTI, 2005).

Nessa mesma direção, Ricoeur (2013) afirma que, uma vez que o si-próprio não pode se conhecer imediatamente, fazendo essa reflexão apenas indiretamente “pelo desvio dos signos culturais de todas as espécies que se articulam sobre mediações simbólicas” (RICOEUR, 2013, p 16), é necessário produzir as narrativas da vida cotidiana. Bajoit (2009), também leitor de Ricoeur, ressalta a importância da narrativa pessoal para formação das zonas de identidade. Para o autor, a crise identitária é uma tensão entre várias zonas, as quais forçam o indivíduo a narrar sobre si, para aliviar essa tensão. Dessa forma, o indivíduo pode construir dois tipos de narrativa: uma de compreensão (objetiva “explicar para si mesmo o que lhe aconteceu”) e outra de alívio.

Esse exercício de narrar sobre si tem sido demasiadamente praticado em nossa atual sociedade mergulhada em tecnologias e redes midiáticas. Podemos falar sobre absolutamente tudo e temos o outro/público sempre pronto a ler aquilo que publicamos, o que não implica dizer que esse concorde ou discorde daquilo que é dito, mas temos a certeza de sermos ouvidos

mesmo que por perfeitos estranhos. Nesse sentido, em uma relação de exotopia, vemos a incompletude do ser e o fato de que só o outro nos completa com seu olhar exotópico. Isso é importante na construção de identidades, o modo como o outro nos vê e nos completa.

Nesse mesmo viés, temos o conceito de responsabilidade e de responsividade. Dizer que não há alibi para o ser é compreender que temos que assumir o tempo todo a responsabilidade por nosso ser e por nosso dizer, é partir de uma relação responsável/responsiva, isto é, somente sou *eu* entre meus outros *eus*, aquilo que sou está ligado diretamente aquilo que digo/disse/direi, sempre em uma relação dialógica com meus outros e os outros.

Essa prática revela que vivemos literalmente na *sociedade do espetáculo*⁴⁷, na qual somos transformados em mercadoria, em um mundo extremamente capitalista. Ao tratar sobre isso, Souza (2010, p. 52) afirma que

o gênero autobiográfico, em larga expansão nas diversas áreas do conhecimento, se impõe de modo exemplar para se refletir sobre as subjetividades contemporâneas e a relação que aí se estabelece entre os domínios do público e do privado [...] Ao discorrer sobre as subjetividades contemporâneas a partir de relatos autobiográficos, refuta a posição radical e pessimista quanto à invasão de uma esfera por outra, ponderando sobre o trânsito frequente entre elas.

A autora mostra que as fronteiras entre o público e o privado estão ligeiramente apagadas ao ponto de ambos transitarem na esfera um do outro pacificamente, sem pensar em invasão de um pelo outro. Ainda nessa direção, a autora ressalta que essas narrativas autobiográficas não são amostras de uma exacerbação de individualismo ou mesmo um narcisismo excessivo, antes “exercitam o direito à expressão de vozes anteriormente excluídas dos discursos hegemônicos” (SOUZA, 2010, p. 52).

Em uma modernidade fluida e móvel, não caberia mais pensar as questões de gênero como somente homem/mulher. Hoje é comumente aceito que existem diferentes identidades atribuídas e/ou assumidas pelos sujeitos, que atendem as suas orientações sexuais, como também sociais, como as mulheres e homens trans, os homossexuais, bissexuais, plurissexuais, dentre outros. Geraldí (2010b) utiliza duas nomenclaturas interessantes em que o sujeito é um organismo “auto-eco-organizador” e ao mesmo tempo é “auto-exo-referente”, pois possui essa necessidade de diálogo com o que lhe é externo, o mundo do “acaso” e da “incerteza”.

Entretanto, é possível verificar a bipolarização em outras instâncias que reforçam, ou nutrem, a esperança de reerguer conceitos estruturais rígido que procuram normatizar e reafirmar a ideia de uma identidade sólida, imutável, regida pelo biológico

⁴⁷ Referência ao livro de Guy Debord.

(corpo/nascimento/herança). Nardi (2010, p. 226) em suas ponderações sobre a identidade afirma que

os regimes de verdade que definem o que é ser homem, mulher, negro, branco, heterossexual, homossexual, bissexual, viado, entendido, travesti, garoto (no jogo infinito das capturas identitária) são dependentes das polarizações ativo/passivo, masculino/feminino, rico/pobre, que organizam a norma sexual no interior do dispositivo da sexualidade. É pela via da legitimação da verdade no jogo apaixonado do assujeitamento que nos constitui como sujeitos que as performances de gênero são reiteradas.

O autor nos leva a refletir sobre a construção identitária por meio da legitimação da polarização. Polarização essa que reitera a dominação de um determinado gênero sobre o outro. Ou seja, a violência se justifica por ser uma das formas de naturalizar a ideologia de que a mulher é inferior ao homem, reforçada pela dominação masculina que é criada através da polarização (forte/fraco, ativo/passivo, agressor/vítima).

A construção identitária de uma mulher que sofre a violência de gênero, por exemplo, é construída, não só por seu discurso, mas também pelo discurso do outro. A presença do outro em sua narrativa é tão forte que em determinados momentos é difícil reconhecer a linha que separa um do outro. E esse outro também é diluído, assim, tanto pode ser o agressor, como a família, amigos, ou mesmo o reconhecimento de si em outra vítima. Essa relação de alteridade também aparece nos enunciados daqueles que não foram vítimas de violência de gênero diretamente, mas sentem a necessidade de se solidarizar com a vítima.

Existe uma dimensão ambivalente na construção identitária e é isso que a torna tão complexa e, até certo ponto, contraditória. Como foi apontado por Hall (2005), definir sua própria identidade significa ser concomitantemente como os outros e diferente deles, ou seja, eu sou eu no momento que não sou o outro, mas preciso do outro para me reconhecer como eu, ao mesmo tempo em que se vive um jogo constante de pertence e não-pertence.

Ora, pensar que “sou pelo que sou” primeiramente, para depois pensar “sou porque não sou”, parece à primeira vista algo simples e fácil de entender, como aponta Silva (2014). Nessa abordagem, a identidade é concebida de forma positivista em que “sou branca porque sou branca”, para depois partir para as negativas, em que “sou branca porque não sou negra”, essa identidade, nas palavras do autor, é “autocontida e autossuficiente”.

Portanto a diferença estaria em relação de dependência com a identidade, ainda além, como um “produto derivado” dessa (SILVA, 2014). O problema levantado pelo autor é que, nessa perspectiva, as negativas que seriam numerosamente maiores que a afirmativa, não poderiam ficar em segundo plano, pois seriam elas as primeiras a serem determinadas.

É por essa perspectiva da diferenciação que a identidade estaria em construção, o outro é tão ou até mais importante em minha construção identitária, as negativas verbais, conscientes ou não, do que a própria afirmação identitária verbalizada pelo sujeito. Assim, teríamos a diferença não como um resultado, mas como o próprio processo, como afirma Silva (2014).

Nessa direção, o Círculo trabalha com a ideia de alteridade. Esse conceito é uma importante condição para a formação da identidade, isto é, o “eu” constitui-se dialogicamente com o outro/outros, transformando e sendo transformados por eles, em uma relação dialógica permanente, o que não implica dizer que esse outro precisa ser material/real, pois essa construção pode ser resultado do embate de muitas vozes sociais (BARROS, 2003).

A alteridade pode ser vista de modos diferentes por autores dentro da Linguística Aplicada, a exemplo de Moita Lopes (2010). O autor explica que algumas pesquisas em LA atuais abandonaram a noção de identidade em que há a “mesmidade”, ou seja, do “mesmo” em oposição à “alteridade”, para lidar com a lógica que desvaloriza os tradicionais binarismos identitários bem delimitados, essa mudança visa procurar os meandros e fronteiras pouco claras que por vezes se misturam.

Moita Lopes (2010) ressalta que não há mais como ficar sob a ótica do “somos isso ou aquilo”, pois em uma sociedade extremamente reflexiva, as delimitações são opacas e os fluxos de informações se entrecruzam e se misturam o tempo inteiro. Chegamos, portanto, a noção dos “inomináveis”, “apenas um outro que transita sem língua, sem gestos, sem rosto e sem corpo” (SKLIAR, 2003, p. 66), mas que também está presente no jogo de diálogo.

Esse “eu” existe enquanto ser quando possui aspirações, emoções, qualidades e defeitos, assim como filosofias de vida, papéis, status e sentimentos de coerência interior. Por outro lado, esse mesmo “eu” possui comportamentos em coletividades, ou seja, receptividade ou não aos outros, altruísmo, solidariedade e pertencimento múltiplo ou não a categorias ou grupos sociais (MEDEIROS, 2009). Podemos assim definir o “eu” como pessoal e social, já não há espaço para uma concepção de um ser autossuficiente, um Robinson Cruzoé⁴⁸ para quem o outro é apenas um objeto útil, mas totalmente dissociado que por isso recebe o nome de Sexta-feira⁴⁹.

Essa divisão entre o “eu” pessoal e o “eu” social é apenas uma forma didática para esclarecer a ambivalência, ou mesmo mostrar um dos níveis em que se apresenta a crise identitária, no entanto, não há uma separação real no indivíduo, isso implica dizer que esses “eu” coexistem e se completam formando o indivíduo. Assim, a auto-identidade, ou identidade pessoal, é o que nos separa como indivíduos distintos. No momento em que estamos nos

⁴⁸ Personagem do romancista Daniel Defoe.

⁴⁹ Também personagem de Daniel Defoe no mesmo livro.

definindo como pessoas, procuramos as singularidades, é um processo de autodesenvolvimento por meio do qual formulamos um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo à nossa volta. Em contrapartida, à medida que evoluímos, buscamos nos traços e nos trejeitos dos outros, nossas similaridades ou mesmo aquilo que nos torna tão distintos, ou seja, é um processo de interação entre o eu e a sociedade que entrelaça os mundos pessoal e público de um indivíduo. Duschatzky e Skliar (2001, p. 124) apontam que

necessitamos do outro, mesmo que assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos, nossas leis, as instituições, as regras, a ética, a moral e a estética de nossos discursos e nossas práticas. Necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicância etc. e para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges e mendigos.

Nessa perspectiva, Medeiros (2009, p.113) afirma que “a constituição de identidades individuais passa necessariamente pela adoção de pontos de vista dos outros, dos grupos sociais de pertencimento ou dos grupos sobre os quais projetamos nossas aspirações”, ou seja, é uma troca necessária e constante do “eu” com o “outro”. Medeiros (2009) corrobora com Hall (2005) ao mostrar o “eu” como uma amalgama entre uma estrutura cultural e social que se forma progressivamente e que precisa das interações cotidianas para existir, logo, o outro vem a ser um “espelho”, pois são as semelhanças e as diferenças que nos definem, nos ajudando a nos reconhecermos a nós mesmos.

A ideia de identidade social e de uma auto-identidade ou identidade pessoal, são, portanto, “lados da mesma moeda”, uma mistura homogênea difícil de ser separada, ambos fundidos de tal forma que se confundem, cuja influência de um no outro pode trazer consequência para os dois lados. Ao mesmo tempo, há uma constante luta entre essas duas “identidades”, pois uma tenta subjugar a outra, logo, esse “eu” livre e individual e o “outro-eu” preso às normatizações do social coexistem, mas não sem conflitos. Duschatzky e Skliar (2001), assim como Medeiros, ao falar sobre identidade, embora por uma ótica teórica diferente, reinteram o postulado bakhtiniano de diálogo entre o “eu” e o “outro” e essa co-dependência.

3.3 CAMINHANDO PELO #FEMINISMO

O termo feminismo ainda causa diferentes reações na sociedade, mesmo com tantas décadas de lutas. Segundo Tibure (2019) é uma dessas palavras que fazem “amar e odiar na mesma intensidade. A autora nos mostra que essa perspectiva ou essas reações são fruto e/ou consequências normais uma vez que

O feminismo nos leva à luta por direitos de *todas, todes e todos*. *Todas* porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. *Todes* porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero – e de sexualidade – e isso veio interferir no todo da vida. *Todos* porque luta por certa ideia de humanidade (que não é um humanismo, pois o humanismo também pode ser um operador ideológico que privilegia o homem em detrimento de outras mulheres, dos outros gêneros, e até mesmo de outras espécies) e, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um processo realmente democrático, coisa que o mundo machista – que conferiu aos homens privilégios, mas os abandonou a uma profunda miséria espiritual – nunca pretendeu realmente levar à realização. (TIBURE, 2019, p. 11-12)

Essa contemplação pela totalidade humana, recebendo a *todas, todes e todos* é uma característica do feminismo, diferente do estandarte apregoado, costumeiramente, pela sociedade machista, em que o feminismo seria uma versão tão excludente quanto o próprio machismo. Dar voz aos marginalizados, reconhecer o “lugar de fala” têm sido tarefas árduas, feitas com muito cuidado e persistência.

Segundo Castells (1942,2013), é preciso abordar o feminismo como uma “polifonia instigante”. Para ele, o movimento feminista tem como característica principal o poder de se adaptar as culturas e idades diferentes, sempre entrando em sintonia com a época e lugar e os desafios ali propostos, essa característica lhe garante uma profusão de vozes que cooperam/divergem para pontos de luta. Sob essa direção, podemos falar de um movimento plural, não unificado, com diferentes vertentes arrojadas que procuram se adaptar aos problemas de seu grupo.

É inegável que o ponto crucial do feminismo é a defesa dos direitos da mulher (CASTELLS, 1942/2013), uma luta que nasce pela necessidade de mudança social, ou seja, colocamos como pauta de luta aquilo com o que estamos insatisfeitos, sempre na intenção de provocar uma mudança de, se não de ações, ao menos de ideias. Conforme Castells (1942/2013), essa luta por direitos seria uma extensão da própria luta pelos direitos humanos, pois acredita ser uma necessidade de mudança para as mulheres, que, entretanto, envolve também mudanças para os homens.

Ao abordar o pluralismo do movimento, o autor cria um quadro, como veremos a seguir, no qual, pode-se ver algumas das principais vertentes por ele estudadas⁵⁰.

⁵⁰ Vale ressaltar que o quadro abordado não pretende mostrar os tipos de feminismos como estanques, apenas um panorama geral histórico.

Quadro 2: Tipologia analítica dos movimentos feministas

<i>Tipo</i>	<i>Identidade</i>	<i>Adversário</i>	<i>Meta</i>
Direitos da mulher (liberal, socialista)	Mulheres como seres humanos	Estado patriarcal e /ou capitalismo patriarcal	Direitos iguais (inclusive direito de ter filhos ou não)
Feminismo cultural	Comunidade feminina	Instituições e valores patriarcais	Autonomia cultural
Feminismo essencialista (espiritualismo ecofeminismo)	Modo feminino de ser	Modo masculino de ser	Liberdade matriarcal
Feminismo lesbiano	Irmandade sexual/cultural	Heterossexualidade patriarcal	Abolição do gênero pelo separatismo
Identidades femininas específicas (étnicas, nacionais, autodefinidas: p. ex., feminista lésbica negra)	Identidade autoconstruída	Dominação cultural	Multiculturalismo destituído de gênero
Feminismo pragmático (operárias, autodefesa da comunidade, maternidade etc)	Donas de casa/ mulheres exploradas/agredidas	Capitalismo patriarcal	Sobrevivência/dignidade

Fonte: Castells (1942,2013, p. 231)

Com efeito, um estudo sobre o movimento feminista é de grande importância, na soma, para entender a construção identitária, principalmente por se tratar de uma análise que atende o gênero comentários de *Twitter*, incitados por uma temática de cunho feminista, por meio do tema do ENEM 2015, “a persistência da violência contra a mulher no Brasil”.

Deste modo, falando sobre o movimento feminista, trazemos também o conceito de discriminação e embate social. Isto é, as tensões que são geradas na luta pelo poder são também produto da tentativa de manter a hegemonia de um determinado grupo, que, para manter-se, podem utilizar a violência. “Em pesquisa feita pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, a violência de gênero é concebida como resultado ‘das motivações que hegemonicamente levam sujeitos a interagirem em contextos marcados por e pela violência’” (TELES, 2012, p. 17).

O movimento (ou movimentos, no plural) feminista é de suma importância na quebra dessa hegemonia e do controle que se estabelece por meio da violência e da descriminalização. Como o tema catalizador das narrativas em seu enunciado pressupõe a discriminação de imediato, é preciso entender que essa nem sempre vem abertamente, pelo contrário, o *corpus* nos mostra que ela é geralmente praticada de modo velado.

West e Zimmerman (2010) explicam em sua pesquisa que a discriminação oriunda das relações de poder, ou como entendemos aqui, embates sociais, quando feita de forma indireta é mais eficaz que aquela praticada abertamente. Para os autores, são os fatos corriqueiros, como determinadas “posturas corporais, piadas, ditados populares, gestos”, dentre outros, que revelam a discriminação.

Podemos tomar como exemplo a própria negação do tema da redação do ENEM em 2015, ou as alegações maldosas sobre o ENEM do ano de 2018, no qual aparecem alguns dialetos da comunidade LGBT, fatos esses que não foram bem vistos, inclusive pelo atual presidente do país, Jair Bolsonaro. Para a um expectador desapercibido, a negação da linguagem diferente e de dialetos diferentes do seu poderia ser vista apenas como uma “opinião” contrária, mas é através da linguagem que percebemos as nuances de nossos posicionamentos e como a discriminação opera para a criação de grupos de pertencimento, identidades e rejeição a esse ou àquele grupo de indivíduos.

Portanto, o que começaria com um gesto simples, ou uma palavra velada, pode passar ligeiramente de “opinião” para a violência. Assim, a violência nasce a partir da discriminação, do não-pertencimento, da incapacidade de empatia com o diferente, mas vale esclarecermos que a violência não é uma ação atrelada a um único gênero. Ela nem é unicamente masculina, nem deixa de existir entre mulheres. Tibura (2019) alega que a questão da identidade para uma sociedade machista tem tudo a ver com os parâmetros “heteroconstruídos”, enquanto, no

feminismo, essa identidade é uma construção de si que “passa necessariamente pelo autoconhecimento de cada um acerca de si mesmo” (2019, p. 22).

O papel de homens e mulheres nas relações de violência não são simétricos, entretanto, caminham juntos, portanto, não se pode negar nenhuma das participações, isto é, devemos considerar a participação de ambos na legitimação da violência, pois, “não apenas os homens, senão também as mulheres, praticam e conferem significado à violência em específicos contextos socioculturais, já que ambos participam na produção dos papéis sociais que a legitimam” (TELLES, 2012 p. 29).

Saffioti (1987), em seu livro *O poder do macho*, explica que não existe um modelo de análise feminista.

Rigorosamente, o único consenso existente sobre o conceito de gênero reside no fato de que se trata de uma modelagem social, estatisticamente, mas não necessariamente, referida ao sexo. Vale dizer que o gênero pode ser construído independentemente do sexo. O consenso, entretanto, termina aí. Feministas há que ainda trabalham com o conceito de sexo/gênero, outras que se apegam às diferenças sexuais para explicar o gênero, resvalando, às vezes, pelo essencialismo biológico, e outras, ainda, que afirmam de tal modo o primado do social que acabam por negar ou, pelo menos, a ignorar o corpo, abraçando o essencialismo social. A perspectiva feminista também pode se expressar por meio de, para usar o termo de Soares, um “modelo” que considera o ser humano como uma totalidade, na qual são relevantes tanto o corpo quanto a modelagem social. Não há, portanto, um modelo feminista; há uma perspectiva feminista que se traduz por diversos modelos. Ignorar as diferentes vertentes do feminismo é grave, pois homogeneiza uma realidade bastante diferenciada (SAFFIOTI, 2001, p. 129).

Seria então um movimento multiforme que trabalha em busca da compreensão de que o gênero não é biológico e está constantemente sendo (des)construído nas práticas discursivas. Esse pensamento corrobora com os construtos de Butler (2013) que nos elucidam quanto às nossas performances como homens e mulheres, sendo essas baseadas em padrões dominantes do que é ser homem ou ser mulher. No *tweet* abaixo vemos como funciona a objetivação do corpo, a imagem apresentada pelo internauta é de que o corpo feminino seria o problema e a justificativa para seu desempenho na prova:

T37

Só Gostosa

@_So_Gostosa

Oct 30, 2015

Vídeo: (link: <http://migre.me/rWy64>) migre.me/rWy64 #Enem2015 #Enem

#enemfeminista #MegapixEmChamas #VaiQueColaEp10



Butler (2013) nos elucida sobre a historicidade da discriminação que possui raízes tão antigas quanto a humanidade. A autora comenta debates sobre a existência de culturas pré-patriarcais, se eram matriarcais ou matrilineares quanto a sua estrutura, se sim, então o patriarcado poderia também está fadado a um fim, assim como seu antecessor. A autora também aborda o que chama de pós-feminismo, que seria a busca pela criticidade. Esse tentaria mostrar que o argumento antifeminista da “inevitabilidade do patriarcado constituía uma reificação e uma naturalização de um fenômeno histórico e contingente” (BUTLER, 2013 p.63).

Um ponto que é acordado entre os movimentos feministas é o conceito de gênero⁵¹. Ao trabalhar sobre o termo, Butler (2013, p. 25) expõe a relação entre sexo e cultura quando aponta que

se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura”.

Isto é, “corpo” não é apenas materialidade corpórea/física fixa, antes deve ser entendido como uma “construção”. Nessa direção, é o discurso quem define o gênero, não há estabilidade, nem eternidade, mas uma mutação, ele é livre, é através do discurso que podemos estabelecer, mesmo que temporariamente, “certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise de gênero” (BUTLER, 2013 p. 27).

Essa ideia de corpo aparece em muitos outros textos, um desses textos emblemáticos é *O Segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1980), cuja ideia de corpo, identidade e gênero nascem de uma reflexão social, mas também auto experienciada, para a escritora

a mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão (BEAUVOIR, 1980, p. 10, vol. I).

Essa prisão nada mais é que uma ideologia importada pelo grupo dominante e que exerce tal poder sobre a sociedade que durante muito tempo (até hoje) impacta no que a mulher pensa sobre si mesma, não sendo nada incomum ver mulheres reproduzindo o mesmo discurso de “incompletude” de “segundo sexo” em relação ao “essencial” masculino. Em outras palavras, mulheres que podem ser tão ou mais machistas que os próprios homens. São discursos reproduzidos são falas que constroem o que entendemos por gênero, corpo, identidade e negação desses também. Se é através da linguagem que apreendemos o que seriam nossos corpos, quem somos, o que queremos, é também pela linguagem que se operam as transformações, as mudanças sociais as desconstruções desses sólidos arranjos culturais,

⁵¹ Gênero masculino e feminino.

liquefazendo essas ideias, sem, contudo, apresentar garantia de que novos aparelhos repressores voltem a solidificar essas imagens, por isso a luta nunca acaba.

Por meio dessa repressão substancial e constante que nos envolve desde o nascimento, como em um movimento de alteridade, “o homem é o Sujeito, o Absoluto; ela [nós]⁵² (a mulher) é o Outro” (BEAUVOIR, 1980, p. 10, *grifo nosso*), o outro inacabado que precisa ser preenchido. Logo lhe atribuem tarefas que a tornam “digna”, “completa”, que lhe tirem da margem que a biologia, os hormônios, a criação divina lhe impôs, tarefas como cuidar da casa e de seu marido, ser sempre “bela, recatada e do lar”, ter na maternidade a salvação para seu corpo e para seu espírito, uma vez que o sexo e o prazer são exclusividades do macho.

A dicotomia entre o objetivo (macho) e o subjetivo (fêmea), entre a força e a fragilidade, entre o santo (Adão) e o pecado (Eva) mostra que de um ponto da equação há aquele que desde o nascimento é escolhido para subjugar, ensinar, castigar, do outro extremo aquela que precisa ser ensinada, guiada, nem que seja através da força, pois a redenção é alcançada pela obediência, discrição, beleza, sempre sem voz, sem expressão, sem identidade. Essa dicotomia aparece muitas vezes na forma do micro machismo nosso de cada dia, como no *tweet* a seguir:

T19:

João Pedro M. F.
 @MFJoaoPedroMF
 Oct 25, 2015
 #enemfeminista Se as mulheres ficassem em casa fznd comida e lavando roupa não existiria violência contra **mulher**⁵³

Para Butler (2013), se a realidade pode ser fabricada, a *performance* corporal também o pode, sendo, pois, uma consequência dos discursos externos e internos, ou, nas palavras do Círculo, é constituído por meio da alteridade. Os movimentos feministas nos convidaram a fugir da determinação biológica e nos fizeram vislumbrar a possibilidade de novas leituras. Como postula Beauvoir (1980), não é uma questão de nascimento, mas uma construção social, ou ainda, retomando o já dito por Bakhtin/Voloshinov (2002), se o signo é inerentemente ideológico e a ideologia é criada na sociedade podendo (des)construir o sujeito, é por meio de embates sociais, na “arena” da linguagem, que começam as grandes revoluções. Como poderemos verificar nas análises dos dados coletados para esta tese.

⁵² Acréscimo nosso.

⁵³ Enunciado em caixa baixa, acompanhado de *hashtags*.

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

(Trecho da letra da música *Cotidiano* de Chico Buarque de Holanda)

4 METODOLOGIA OU #COMOCHEGUEIAQUI?

Uma pesquisa científica se faz a partir de um objeto a ser estudado, uma teoria, hipóteses levantadas, um método e resultados parciais e finais que possam trazer alguma compreensão e contribuição para o desenvolvimento da área de estudos implicada. No caso das pesquisas de cunho social, esses resultados devem levar em consideração os estratos sociais, as implicações dessas ações e como os resultados podem agir de maneira transformadora na sociedade. Tomando todo o exposto como base, nesta seção, objetivamos delimitar o modo como a pesquisa foi desenhada e conduzida, apresentando os caminhos seguidos, os trajetos que levaram à escolha do objeto de estudo, assim como o lugar onde se assenta esse empreendimento científico.

A proposta desta pesquisa prioriza uma temática que aborda questões com implicações na dinâmica da vida social contemporânea, em um mundo permeado pelo uso da linguagem como uma prática social, ou seja, um mundo onde o discurso é em si um ato social, político, ideológico e, sobretudo, ético. No caso em foco, enunciados de sujeitos sociais sob a *#enemfeminista* mostram como as mídias digitais têm causado uma forte influência na constituição e manutenção de ideologias e de identidades.

É, assim, na esfera virtual, em redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram*, dentre outras, que vemos as fronteiras entre o público e o privado se esfumaçarem, ao mesmo tempo em que não conseguimos mais separar o que seria próprio apenas das esferas midiáticas citadas e o que seria inerente à vida real/material do sujeito. Nesses espaços, nos quais as linhas se encontram, entrelaçam-se e chegam a um ponto em que não há mais como separá-las, as práticas sociais também podem ser vistas como construtos semiabertos e em constante movimentos, como teias vivas, em um ritmo próprio que pode ser acelerado ou freado a depender de seu contexto. Seriam, por essa razão, essas ferramentas digitais chamadas de redes, sempre entrelaçadas e interligadas.

Entretanto, se pegarmos a mesma nomenclatura, podemos chegar a outra de suas significações, nela teríamos a ideia de rede como armadilha, por isso, não é incomum vermos expressões como: “fui pego pelas redes” ou “estou preso nas redes sociais”. Isso porque é muito fácil vermos um espelhamento e em até certo grau uma substituição do real/material pelo virtual e a vida apresentada lá. Para verificar essas práticas sociais é preciso entender que “há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (DELEUZE&GUATTARI, 1980/1995,

p. 10). Por esse motivo, a presente pesquisa se insere na área da Linguística Aplicada (doravante LA), por entender-se, acima de tudo, como uma pesquisa problematizadora das/nas práticas discursivas (PENNYCOOK, 2006), possibilitando métodos que visam olhar para o objeto a partir dos resíduos, verificando as adjacências, vendo-os sempre como orgânicos e mutáveis, que ao se moverem, entrelaçam-se e se (re)significam.

Não é o objetivo desta investigação definir tão somente que identidades emergem no discurso, mas também o caminho a partir dos quais ela se constitui ou se desconstitui para voltar a se constituir, em movimentos de ressignificação (Bakhtin) ou de (re)solidificação (Bauman). Consequentemente, não basta enquadrá-las em categorias pré-definidas, mas trazer à tona a discussão de temas relevantes presentes nessas práticas humanas, é entender que é inerente ao ser humano permear seu discurso das ideologia(s) as quais ele se filia, pontuando ainda que é essa negociação, realizada na e pela linguagem, que promove a fragmentação identitária. Heller, Pietikäinen e Pujolar (2018) ressaltam, ademais, que na academia ainda é comum a visão hegemônica e positivista. Entretanto, é possível ver de maneira relativa que toda e qualquer representação da realidade tenha sua forma de legitimidade. Os autores acreditam que o mundo natural precisa de explicação, sendo assim, algumas descrições e explicações são mais plausíveis que outras, ou seja, há pesquisa que pode ser mais precisa que outra, o que não implica dizer que vale tudo, antes, eles entendem que todo e qualquer construto ou fenômeno social é contextualizado, localizado, incluindo a linguagem, pois ela é uma prática social historicamente situada.

Desse modo, precisamos, *a priori*, apontar o que seria o vasto campo da LA e suas contribuições teóricas para esta pesquisa, e *a posteriori*, a ligação entre as premissas teórico-metodológicas do Círculo bakhtiniano e a área da LA. Dessa forma, tentaremos, de maneira resumida traçar os caminhos e desafios de uma pesquisa entendida como situada na LA, trabalhada em uma abordagem qualitativa e iluminada pela teoria da ADD.

Primeiramente, é importante ressaltar a história que se desenvolveu nos estudos ditos na LA. As pesquisas na área da Linguística Teórica eram voltadas para as estruturas, enquanto as pesquisas em LA mantinham-se no ensino de Língua, principalmente língua estrangeira. Anos mais tarde, a LA passa a andar por espaços diferenciados, em direção a um arcabouço teórico “indisciplinar” (MOITA LOPES, 2016), cujos estudos não se reduzem mais a aplicação no ensino e aprendizagem de língua, ainda que possam tratar desse assunto, e passa a dialogar com campos que antes eram restritos a outras áreas do saber, vendo-os como campos nos quais a linguagem também se desenvolve e opera ativamente, principalmente se voltarmos nosso olhar

para a LA realizada no Brasil, nossa esfera de atuação, na qual tem se caminhado cada vez mais em direção a novos domínios.

Nasce, assim, o conceito de uma disciplina que não se deixa facilmente engessar, comportando-se de maneira “indisciplinar”, sempre em cooperação com outras tantas disciplinas. Por indisciplinar, Moita Lopes (2006) explica que não há mais uma fronteira fixa entre os campos do saber, elas passam a ser movediças, dialógicas a linguagem, dessa maneira, é viva, é dinâmica e acompanha a transformação da humanidade, perfura ambientes dos mais distintos e é crucial para todas as atividades humanas. Indisciplinar, mestiça, ou mesmo uma *antidisciplina*, como a nomeia Pennycook (2006), confere a LA um caráter mutável, versátil, circulante em múltiplos contextos, pois assim também é o seu objeto, a linguagem. A autora ainda acrescenta em seus construtos que a LA, antes de tudo, é uma abordagem crítica, no sentido de que desenvolve “distância crítica e objetiva”, é “relevante socialmente”, segue uma linha “neomarxista” e é uma “prática pós-moderna problematizadora” (PENNYCOOK. 2006, p. 67). É em seu caráter problemizador, que Pennycook (2006) entra em consenso com outros pesquisadores da área, tais como Moita Lopes (2006), Celani (2000), Rajagopalan (2006) e Kumaravadivelu (2006), por exemplo. Nessa perspectiva, deslocando-se entre diferentes mundos, provocando novas perguntas, criando multiuniversos, o pesquisador em LA, se não retira totalmente os limites, tornando-os invisíveis, transforma-os ao menos em completamente mutáveis e instáveis, em constante movimento entre um campo e outro, em um jogo de resignificação.

Problematizar é o caminho para dar voz aos que estão a margem, pois as vozes são os posicionamentos tomados pelos sujeitos, assim como nos mostra Bakhtin/Voloshinov (2002). É, ao se posicionar no mundo, que esse sujeito pode ou não se filiar a essa ou aquela ideologia. Em alguns momentos, fazer soar a sua voz não será uma tarefa fácil, tornando-se uma verdadeira arena Bakhtin/Voloshinov (2002), uma luta em que essas vozes se juntam a outras vozes, ganhando força para assim se contrapor a outras vozes que lhe são opostas. As *vozes do sul*, termo acunhado pelo sociólogo português, Boaventura de Souza Santos (1987), podem ser vistas como aquelas que o sistema hegemônico procura a todo custo calar, sendo, portanto, uma constante gladiadora nessa arena. Dessa forma, problematizar apenas não basta, é preciso que a LA seja um campo aberto para criar um diálogo entre os que estão na periferia e aqueles que estão afastados dela, não somente entre eles, mas também entre o *sul e o sul*. Sob esse aspecto, Kleiman (2013, p. 41-42) defende

uma Linguística Aplicada Crítica com uma agenda que, em consonância com sua vocação metodológica interventiva, rompa o monopólio do saber das universidades e outras instituições que reúnem grupos de pesquisadores e intelectuais e toma como um de seus objetivos a elaboração de currículos que favoreçam, por um lado, a apropriação desses saberes por grupos na periferia dos centros hegemônicos e, por outro, a legitimação dos saberes produzidos por esses grupos.

A ADD, embebida na teoria de Bakhtin e seu Círculo, propõe-se a ser uma abordagem metodológica que evidencia os embates entre essas vozes. Alinhando-se com a proposta da LA contemporânea, a pesquisa realizada nesta tese identifica-se, portanto, como uma pesquisa própria ao campo da LA e das Ciências Humanas. Metodologicamente, o trabalho constrói-se em uma abordagem qualitativa-interpretativista e sob as lentes teóricas da análise dialógica dos discursos (ADD).

Para críticos superficiais e apressados, um modelo de pesquisa qualitativa-interpretativista poderia sugerir uma pesquisa sem rigidez e pureza científica, sem foco em uma materialidade do objeto, tornando-se até certo ponto confusa e lançada aos gostos e visões individuais. Longe disso, Denzin & Lincoln (2006, p. 16) explicam que a pesquisa qualitativa

[...] é, em si mesma, um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas. Em torno do termo pesquisa qualitativa, encontra-se uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições. Entre eles, estão as tradições associadas ao fundacionalismo, ao positivismo, ao pós-fundacionalismo, ao pós-positivismo, ao pós-estruturalismo e às diversas perspectivas e/ou métodos de pesquisa qualitativa relacionados aos culturais e interpretativos.

Os autores dizem assim que uma pesquisa qualitativa não se prende a um ou outro campo, mas caminha nas diferentes áreas que abordam o social, o antropológico, as áreas humanas. Dessa forma, seria um conjunto de atividades interpretativas que não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação a outra (DENZIN&LINCOLN, 2006). Uma abordagem qualitativa, mais do que imensurável, diz respeito a tudo aquilo que é percebido ou explicado no mundo social de forma reflexiva, de forma interativa e interpretativista (HELLER; PIETKÄINEM; PUJOLAR, 2018).

Nessa direção, assumir uma abordagem qualitativa na pesquisa é, como apontam os autores, realizar uma atividade implicadamente não neutra, situada temporalmente, espacialmente e socialmente, é um fazer que localiza o pesquisador como um observador no mundo; sendo, pois, um conjunto de práticas, materiais e interpretações que consistem em visualização do mundo, de uma realidade. A LA, conforme já descrevemos, por sua natureza interdisciplinar ou (in)disciplinar, é, assim, campo fértil para uma abordagem qualitativa interpretativa.

Relevante, também, para esta pesquisa é a proposta de Ginzburg (1989, p. 149), de método interpretativo, como aquele que é “centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”. Tal qual aponta a LA e a ADD, um método que se preocupa com o objeto não purificado, com o que, para a maioria, seria de caráter secundário, mas que denotam, denunciam, significam.

O autor nos leva a alguns questionamentos sobre o fazer metodológico e o comportamento de um pesquisador. Através de metáforas que seguem sua linha de raciocínio, ele nos aponta algumas figuras, dentre elas a de um caçador ou do funcionário público que passa os dias a observar os pássaros. Dessa forma, seria o ato de fazer pesquisa a prática de tomar mão dos detalhes, das pistas a fim de chegar, por meio dos dados encontrados, a uma sequência narrativa. Em outras palavras, para decifrar o que nos é dado no *corpus* coletado e interpretar as pistas deixadas no texto, requer do pesquisador, assim como de um caçador, um bom grau de observação, perseverança em continuar esse olhar, a resiliência no ato de procurar os detalhes que poderiam ser considerados por outros os mais irrelevantes, entretanto capazes de nos mostrar uma “leitura” uma “decifração” dessas pistas mudas, mesmo que imperceptíveis para a maioria. O caçador conseguiria, através dessas pistas deixadas pelos animais, reconhecer a presa e vislumbrar como alcançá-la e dar cabo a sua caçada (cf. GINZBURG, 1989).

Porém, a metáfora de um caçador ou de um observador de pássaros não pode ser tomada ao pé-da-letra, uma vez que, poderíamos cair na armadilha de uma leitura com base na adivinhação, propensa a vislumbrar apenas o futuro. Todavia, se adivinhação seria um olhar voltado para o futuro, o autor nos mostra que a decifração seria um olhar para o passado, e que, embora as duas possam em algum ponto convergir, não são a mesma coisa, ou seja, um pesquisador trabalharia em cima da decifração. No sentido bakhtiniano, o olhar do pesquisador sempre se orienta duplamente, para o que se disse antes (os sinais anteriores) e para a resposta futura, antecipando-a (os sinais seguintes). Ao trazer os enunciados presentes no *Twitter*, procuramos analisar para além da superfície chapada do texto, é preciso observar as rugas, os vincos e as rachaduras que se encontram nas demais camadas que se desdobram ao olhar atento do pesquisador, a tridimensionalidade presente na linguagem que confere a essa o som, a imagem e o verbal, os embates das vozes ativas e silenciadas no discurso, o dito e o não-dito, pois é o imbricado dentro dessas nuances que constituem o (re)significado e as múltiplas identidades, por assim dizer.

Atentar para os detalhes, para o que é marginal, ao mesmo tempo que se volta para dentro, constituindo um olhar em várias direções, ao que está interligado, é também retomado na figura do “rizoma”, um termo bastante utilizado nas pesquisas das Ciências Humanas,

acunhado primeiramente por Deleuze e Guattari (1980/1995), que nos reporta para o que as vezes pode estar escondido aos olhos, mas proficuamente ligado a tudo, o “entre” um e outro. Isso porque, ao confirmar a presença de tantas camadas, ou de tantos platôs, percebemos que eles não se movem de maneira linear e desconectadas, elas ocorrem simultaneamente, ligadas com velocidades diferentes e ao mesmo tempo tão próximas, a liga entre essas camadas seria o que aqui apresentamos como rizoma. Para os autores,

um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e o outra (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1995, p. 36)

Nesse caso, ao achar minha árvore (meu objeto de estudo, minha pesquisa) dentre tantas outras tão parecidas e ao mesmo tempo tão diferentes, em meio a uma densa e vasta floresta (a produção do conhecimento), é preciso também saber essa(s) direção(ões) perpendicular(es), essa co-dependência, ou essa existência compartilhada, que alimenta essa floresta a torna viva e em consequência dinâmica e mutável, interligando essas árvores (DELEUZE E GUATTARI, 1980/1995). Ora, poderíamos apontar para o objeto ou árvore dessa tese sem muita dificuldade, pois é mais facilmente detectável, em outras palavras reside no signo *#enemfeminista* e na promessa de investigar as identidades presentes nos discursos que utilizam esse signo. Todavia esse signo é significado por meio de muitas outras conexões, são essas ligações, esses atrelamentos que conseguimos fazer que nos possibilita ouvir as vozes que ecoam do rizoma, subindo pelo caule até chegar as copas frondosas de nossa árvore, mostrando os posicionamentos tomados pelos sujeitos, as “linhas de fuga”, o sentimento de pertencimento que podem ou não ser compartilhado, o que nos leva ao conceito de dialogia apresentado por Bakhtin, representada, por sua vez, pela metáfora da arena na qual vivem, em embate, essas muitas vozes.

Nesse sentido, tal qual uma floresta (HELLER; PIETKÄINE; PUJOLAR, 2018), com várias árvores que vão se entrelaçando, o objetivo desta pesquisa revela a escolha por uma árvore, a qual sendo perseguida revelará interconexões e interseções, raízes que se misturam, ao mesmo tempo que nos permitem avaliar, a todo o tempo, os caminhos a seguir em nossa análise. Isto é, embora se assemelhe as demais, a árvore escolhida também se diferencia em várias instâncias, é única e nos instiga a investigá-la mais de perto, desde sua copa vistosa, mais

perceptível, passando pelo caule, até chegar a suas raízes mais profundas que requerem do observador mais atenção e cuidado.

Como já mencionado, a metáfora do rizoma permeia os estudos das práticas discursiva/sociais, pois visa a complexidade e conectividade própria aos fenômenos sociais, sempre em movimento constituídos por uma rede de relações, interconexões e nós. Tudo isso proporciona vislumbrar o posicionamento dentro de processos caracterizados pelo movimento, os embates entre as vozes. “O rizoma empresta uma fisicalidade metafórica a processos complexos, permitindo-nos visualizar um sistema de mudanças dinâmicas que nunca são completas” (HELLER; PIETKÄINEM; PUJOLAR, 2018, p.15). Sendo assim, ao se filiar e se engajar em um movimento específico, o indivíduo também está se negando a se filiar a outros tantos outros movimentos, formando sua identidade por meio de sua relação dialógica e dialética com o outro.

Por essa razão, quando uma pesquisa qualitativa não é uma concorrente direta para uma pesquisa quantitativa, mas uma forma diferenciada de enxergar os fenômenos, que são orgânicos, mutáveis e situados, assim, consiste em subjetividade e multiplicidade, sendo construída de modo diferente por cada pessoa. Os dados estudados, assim como a própria subjetividade do pesquisador, são levadas em conta no momento de análise, sem que, com isso, a pesquisa perca seu fazer científico, pois mostra a complexa(s) e dinâmica(s) relação(ões) dentro desse sistema de constantes mudanças. É sob essa perspectiva que Heller, Pietkäinem e Pujolar argumentam que “as interdependências de linguagem, poder e identidade requerem uma maneira de pensar em rede” (HELLER & PIETKÄINEM & PUJOLAR, 2018, p.16).

Ao se inserir na agenda da LA, a pesquisa está proficuamente presente no palco da contemporaneidade, centrando-se nos avanços econômicos, culturais, tecnológicos e políticos, os quais, cada vez mais frequentes e globalizados, são mediados pela linguagem. Como é o caso dos dados levantados que fazem parte de uma ferramenta, uma mídia digital, atravessada por diversos viés ideológicos, políticos, econômicos, culturais que influenciam e são influenciadas diretamente pelo sujeito social.

Adotar a LA contemporânea, crítica e sócio historicamente situada contribui para que a pesquisa não se limite somente a questões específicas de uso da linguagem, e sim abra espaços para dialogar com as vozes das minorias (MOITA LOPES, 2006). Esse recorte é importante, uma vez que a temática abordada nos textos do *corpus* aqui estudado perpassa por uma questão inerentemente social, gerada dentro do núcleo dos relacionamentos sociais, desde o posicionamento axiomático do que seria ou não a persistência da violência contra a mulher, como também o questionamento se essa violência faz ou não parte da agenda do(s)

movimento(s) feminista(s), a noção de gênero social, pertencimento e não pertencimento, pois é sob essas premissas que, por fim, chegamos à fragmentação da identidade desse sujeito social.

Esse estudo é, por essa razão, atravessado pela justificativa dos estudos em LA e das Ciências Humanas, cujo método repousa na ADD, e isso contribui na capacidade de dialogar com outros campos de análises, formando vários espaços de diálogo que interagem entre si, a fim de nos dar, se não soluções, ao menos a compreensão dos caminhos a serem percorridos nessa direção. Fazer uma pesquisa não é somente fazer uma crítica de cima, de uma torre de marfim, como aponta Rajagopalan (2006), um lugar austero de pesquisadores detentores de todas as teorias, mas, antes, é refletir e participar/partilhar.

A pesquisa é socialmente situada, só pesquisa aquilo que me toca, que me rodeia. Sendo assim, a pesquisa não é nem politicamente nem socialmente neutra, logo, as teorias e métodos utilizados tampouco os são. Nossas pesquisas não têm intenção de dar respostas objetivas e neutras, isentas de representatividade da realidade (HELLER; PIETKÄINEM; PUJOLAR, 2018). A ontologia apresentada se ancorada na LA para nos dar os caminhos para uma epistemologia e uma metodologia útil à pesquisa. Podemos, dessa forma, perceber como “experiência”, segundo os construtos dos autores Heller, Pietkäinem e Pujolar (2018), para quem o método de referência ou canôn para abordar o mundo social no modo como ele acontece na vida real e como é vivido pelos atores sociais. Esse modo de fazer pesquisa pode consumir muito tempo, ser morosa, pode ser exaustiva emocionalmente e, por vezes, requer habilidades bem específicas que serão desenvolvidas no fazer. É também uma prática bastante incompatível com o positivismo.

Não existe pesquisa platônica, neutra, em que o pesquisador esteja totalmente distante de seu objeto, pois não é possível retirar seus aspectos pessoais e políticos. As categorias de análise são construídas no decorrer da pesquisa, não podendo ser pré-estabelecidas. E, uma vez que a pesquisa não é nem politicamente nem socialmente neutra, as teorias e métodos utilizados tampouco os são. Nossas pesquisas não têm intenção de dar respostas objetivas e neutras, isentas de representatividade da realidade.

Daí a importância de situar o lugar de onde eu estou falando. Essa reflexividade (HELLER; PIETKÄINE; PUJOLAR, 2018) tem a ver com a questão de quem o pesquisador é e o porquê de o pesquisador estar autorizado a produzir uma compreensão como outra voz dentro da prática social em que ele está localizado. Ora, a vida social é construída na interação social, logo, o pesquisador é um componente a mais na prática social estudada, sendo um atento observador dos rastros deixados no texto, mas que também vai deixando pequenas pistas de que passou pelo caminho.

Para tanto, é preciso entender que a construção de efeitos de sentidos pelo pesquisador algumas vezes remete-o a integração de categorias advindas de campos teóricos diferenciados. Fato que na dinâmica da construção textual dessa produção nos direcionou a recorrer a categorias que serão iluminadas pelo Círculo bakhtiniano, na Análise Dialógica do Discurso (ADD), que, por sua vez, mantém diálogo com outras esferas como os estudos identitários, sociologia, estudos culturais, feminismo e ao próprio método sociológico marxista, configurando esse trabalho em uma pesquisa de base transdisciplinar, ou *Indisciplinar*, como acunha Moita Lopes (2006). Segundo o autor, “vivemos tempos de hibridismo teórico e metodológico nas Ciências sociais e humanas, o que tem tornado as fronteiras disciplinares tênues e sutis” (MOITA LOPES, 2006, p. 99).

É, por assim dizer, na ADD que também encontramos nossa ontologia, assim como a epistemologia e, por fim, a metodologia no trato com os dados selecionados. Essa natureza tripla que aqui atribuímos à ADD reside na compreensão do que Denzin e Lincoln (2006, p 32-33) afirmam quando se referem ao trabalho da pesquisa que aborda “o mundo como um conjunto de ideias, um esquema (teoria, ontologia) que especifica uma série de questões (epistemologia) que ele então examina em aspectos específicos (metodologia, análise)”. Reside também na afirmação de Bakhtin/Voloshinov (2002) de que tanto na vida como na arte há um processo de “socializar os sentimentos”, isto é, não é possível ao sujeito escapar do outro-outro, nem dos outros-eu, essa eterna dialética resulta em um método que aborde tanto a individualidade quanto a coletividade, pois um só existe a para o outro e partir do outro.

Dessa forma, operando sobre a perspectiva ontológica da ADD, vemos a realidade através do prisma social e do constante diálogo que nasce entre, pela e para as relações tanto do “eu e o outro”, do “outro e o eu” e ainda do “eu para com o eu”. O dado não é predeterminado, ele é construído em uma prática social (HELLER; PIETKÄINEM; PUJOLAR, 2018). Nessa pesquisa, pretendemos analisar enunciados de sujeitos sociais, prestados na ferramenta *twitter*, mais especificamente, sob a *hashtag* *#enemfeminista* no ano de 2015, fruto da polêmica temática “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, como mencionado no início desta tese.

As narrativas veiculadas na internet possuem uma característica: pode-se proteger a face por meio de “pseudônimos” e do distanciamento típico da era digital. São homens e mulheres que resolvem expor-se na internet através de um “avatar”. Isso possibilita que tenhamos uma produção de enunciados disponíveis eletronicamente e sem impedimento legal de coleta. Dado isso, explicaremos, a seguir, de maneira panorâmica a prova que foi a mola propulsora para as *hashtag*, a ferramenta *twitter*, assim como o signo *hashtag* e suas implicações, do

mesmo modo como explicaremos a escolha pelos enunciados que operam como narrativas do eu⁵⁴, sem, contudo, aprofundar esses conceitos, uma vez que questões teóricas estão melhor definidas na seção teórica.

4.1 O MEC, RAMIFICAÇÃO OU NUTRIENTE? OU #COMOCHEGUEINOMEURIZOMA

Embora o MEC não seja nosso objeto de pesquisa, entendemos a necessidade de falar sobre esse organismo institucional, visto que, como veremos a seguir, ele faz parte do trajeto para chegar até o nosso objeto de pesquisa, sendo um dos fios que tecem minha tão trançada teia. Faz-se, assim, imperativo uma apresentação das atribuições dessa instituição, assim como o sistema em que a prova, ENEM, está inserida.

Como já sabemos, é de responsabilidade do MEC a elaboração e a chamada para avaliação das redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Devido à situação política em que o Brasil se encontrava e a instabilidade frente a um possível impeachment da presidenta (2016), a elaboração da prova com textos da teoria feminista – representada por Simone de Beauvoir –, textos de Chico Buarque e a escolha por um tema de redação que colocava em cheque a violência contra mulher não somente causaram polêmica, por um lado algo comum no gênero “redação do ENEM”⁵⁵, como também trouxeram à tona um comichão discursivo de cunho político, econômico e cultural em um país, àquela altura, dividido e polarizado. Entender o momento político é importante, pois o enunciado está sempre em “relação” ao seu lugar de produção, eles são produzidos na atividade da vida e na vida nada é isolado, tudo se relaciona.

Nessa direção, o MEC assume um papel não central, mas importante ainda assim, pois, por meio de sua escolha, faz vir à tona esse cenário social e político brasileiro, contribuindo para a fomentação de respostas ao enunciado primeiro, marcando claramente posicionamentos contra e a favor nas redes sociais, como mais uma das teias complexas de nosso rizoma. Vale ressaltar que a intenção do tema na prova de redação é provocar a criação de um texto de gênero

⁵⁴ A nomenclatura aqui apresentada advém dos Estudos Culturais na figura de Hall (2005). Com base nas leituras, percebemos que os demais autores utilizam diferentes nomenclaturas para o mesmo conceito, dentre eles, “narrativas pessoais”, “parresía”, “narração de si-próprio”, “narrativas autobiográficas” ou ainda “narrativas da vida cotidiana”. Entretanto, é importante destacar que todas possuem a mesma premissa que seria um ato discursivo produzido em contextos de interação social complexos na intenção de aliviar as tensões causadas pelo embate de vozes sociais.

⁵⁵ A Redação do ENEM, para alguns teóricos, não possui traços de um artigo de opinião e se auto intitula de texto dissertativo-argumentativo, com uma estrutura peculiar que exige do candidato, além de argumentos, uma proposta de intervenção para o tema dado.

argumentativo-dissertativo. Sendo assim, a temática deve ser suficientemente provocativa para suscitar, nos candidatos, um posicionamento, sem, contudo, colocar-se como arauto dessa ou daquela ideologia. Fica a cargo do participante escolher, relacionar e organizar seus argumentos em um texto coerente e coeso e na língua portuguesa padrão.

Como mencionado anteriormente, por meio da prova do ENEM, ministrada pelo MEC, e da temática abordada foi gerado um efeito secundário, não necessariamente esperado, a saber, a reação nas mídias sociais. Esse movimento de refração e reflexão da realidade fica ainda mais dinâmico quando se adentra no ciberespaço que é o campo de atuação das mídias sociais, como o *Twitter*. Isso porque as duas vidas, física e virtual, são facetas da mesma realidade do sujeito, uma operando para que a outra se evidencie num movimento de autoregulação. Nesse vai e vem da busca pelo que seria a posição do sujeito, ele constrói sua identidade, ecoando seus posicionamentos materializados pela e na linguagem, como uma prática social, marcada no espaço e no tempo.

Nesse vasto universo virtual, encontramos em torno de 3.000 (três mil) *tweets*, sob essa condição (*#enemfeminista*), no período entre julho e dezembro de 2015. Dado o tempo de pesquisa no doutorado ser de apenas quatro anos, seria inviável analisar e escrever sobre todos os *tweets* e *retweets* encontrados na plataforma sob essa *hashtag*. Nessa direção, afunilar a pesquisa se faz necessário, a fim de possibilitar que cheguemos às alegações. Não é uma questão de simplesmente impor “limites”, mas uma questão de “foco”, uma vez que não podemos generalizar, por isso a importância de ter “foco”, escolher nossa árvore para melhor observar os detalhes que ela esconde.

Para afunilar e otimizar a pesquisa, definimos alguns critérios que nos orientaram quanto à seleção das postagens que viriam compor o *corpus* desta pesquisa. Em primeiro lugar, a mensagem teria que ser uma narrativa pessoal na qual uma opinião sobre si, ou sobre o outro, fosse expressa. A postagem poderia ser constituída tanto de textos verbais quanto de imagens (memes ou *gifs*), ou ter ambos. O segundo critério foi o da cronologia, isto é, optamos por utilizar os primeiros *tweets* que apareceram na época da redação, ano de 2015, por entender que, no calor da polêmica, os primeiros *tweets* estariam, de fato, engajando-se no debate. Por fim, o último critério adotado relacionou-se ao número de curtidas, mecanismo próprio ao funcionamento da rede social, o qual deixa o enunciado com mais evidência na ferramenta, podendo, em alguns casos, transformá-lo de *post* para *repost*.

Isso nos deu um total de cinquenta postagens, permitindo que a análise caminhasse para a (des)construção das identidades (HALL, 2005), a partir da crise/tensão vivenciada pelos sujeitos, sendo essa verbalizada por meio de uma narrativa pessoal, ou do “eu”, um enunciado

que pretende aliviar a tensão interna causada pelas identidades. Por esse motivo a terminologia empregada primeiramente por Hall (2005) é aqui resgatada e utilizada como uma das macrocategorias de análise. Seria, então, o “(re)post”, o “tweet”, uma “narrativa do eu” no processo de constituição das identidades.

As questões de pesquisa precisam fazer sentido na comunidade acadêmica em que nos inserimos, ser relevante, ser pesquisável e ser capaz de gerar dados. Antes de tudo, é preciso ressaltar qual o objetivo de uma pesquisa, pois como já mencionado, ela não é um amontoado de dados sem sentido nem relevância social. Logo, o objetivo desta pesquisa é fazer uma investigação no âmbito das práticas discursivas e sociais, visualizando, como veremos mais a seguir, os processos de construção identitária nos embates sociais, verificáveis por meio de enunciados produzidos por sujeitos sociais na ferramenta *twitter* sob a *hashtag* #*enemfeminista*.

Portanto, constitui-se objetivo geral deste projeto:

- Analisar, sob o viés da análise dialógica do discurso, os textos veiculados como construções discursivas de sujeitos sociais, por meio de e no ciberespaço do *twitter*, com a *hashtag* #*enemfeminista*, assim como a emergência de identidades que ora convergem, ora divergem pela e na linguagem. Analisar os enunciados construídos e significados no ciberespaço do *Twitter*, sob a *hashtag* #*enemfeminista*, buscando identificar as identidades que emergem no embate dessas vozes sociais.

Se o objetivo geral está ligado à constituição da identidade, e essa identidade é plural, esse objetivo seria diluído em objetivos específicos que nos ajudariam a entender com mais precisão essa constituição plural. Assim, apontamos que o objetivo geral e os objetivos específicos serão inscritos numa problematização matizada pelos seguintes questionamentos e/ou inquietações:

- 1- Considerando o caráter híbrido, plural e de constantes transformações das identidades assumidas pelos sujeitos face aos sistemas sociais em que se inserem, que identidades emergem nos discursos dos *tweets* postados sob a #*enemfeminista*?

Teríamos, assim, nosso primeiro objetivo específico: identificar e nomear nos discursos analisados a construção ou a desconstrução de identidades em sua resignificação na mídia social em análise.

- 2- Considerando a ideologia como constitutiva dos enunciados que formulamos no uso social da linguagem, que ideologias podem ser identificadas nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista*?

Estabelecendo mosso segundo objetivo específico: examinar e identificar nos discursos analisados a emergência dos posicionamentos ideológicos que permeiam os enunciados postados na mídia social em análise.

- 3- Considerando o processo de construção identitária em uma relação não indiferente eu-outro, que relações podemos estabelecer entre as identidades e os posicionamentos ideológicos identificadas nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista*?

Formando nosso terceiro e último objetivo específico: ressignificar os enunciados das postagens nas relações que se estabelecem entre as identidades assumidas e os posicionamentos valorados, buscando compreendê-los no mais amplo contexto das esferas de comunicação em que se inserem.

4.2 O CARÁTER ÉTICO DA PESQUISA OU #COMOCHEGUEINASCATEGORIASDEANÁLISE

A pesquisa no âmbito das Ciências Humanas parte de um materialismo histórico-dialético (FREITAS; SOUZA; KRAMER, 2003) que por si só já traz conflitos intrínsecos a ele, pois não há neutralidade no ato de pesquisar. Como bem aponta Amorim (2003), ao se pesquisar, temos o discurso do outro, o sujeito analisado, e, concomitantemente, temos o discurso do pesquisador, olhares diferentes que procuram convergir para um mesmo ponto. Temos, assim, uma teoria que trabalha a partir de metodologia de valor heurístico.

Nesse viés, vemos a importância do conceito de exotopia, transmitido por Bakhtin (2003), ao abordar a questão da ética, outro ponto chave ao se fazer pesquisa. O olhar através do exterior, aquele feito pelo pesquisador, seria a exotopia, ou seja, Bakhtin, por meio da analogia da arte plástica, mostra que o olhar que a visão que o artista/pesquisador tem sobre o sujeito analisado não coincide com o olhar que o sujeito tem de si. Portanto, é preciso ver a partir de um lugar exterior, uma nova perspectiva que somente é possível para quem está de fora.

O segundo termo, ética, também caro para Bakhtin, une-se ao conceito de exotopia, mas ao mesmo tempo o extrapola. Para Bakhtin, objetivar é o trabalho da exotopia, mas é na

responsabilidade que reside a ética. Isto é, ao fazer pesquisa é preciso não estar indiferente àquilo pesquisado. Para chegar a essa não-indiferença, o pesquisador precisa estar disposto a se responsabilizar, assumir o pensamento ao ponto de torná-lo um ato. Não se trata aqui de fazer uma dicotomia entre prática e teoria, mas diferenciá-los sem, contudo, desligá-los, pois ambos operam em conjunto. Responsabilizar-se, assumir ou assinar o pensamento teorizado é posicionar-se concretamente e é somente assim que podemos dizer que a pesquisa se tornou ética. E é a linguagem a lupa que amplifica a visibilidade sobre esse fazer que nunca é neutro, nunca é indiferente, isto é, não posso usar de subterfúgios para me eximir da culpa, utilizando as palavras de Bakhtin (2003b), não há álibi para o sujeito.

Assumir o seu lugar e reconhecer o outro é ponto crucial na pesquisa. Conforme Geraldi (2003), é a fronteira final entre a diferença e a desigualdade, para o autor, enquanto a primeira identifica, a segunda deforma. Nessa perspectiva, é necessário fazer uma pesquisa ética que mostre as diferenças que fortaleçam o respeito, vendo o outro como parte importante na minha construção. O autor mostra que em um mundo cada vez mais globalizado, e supostamente ligado pela rapidez de informação e transmissão de ideias, temos ainda, e por vezes em razão disso, um aumento na desigualdade. Como uma possível chave para mudança, temos as pesquisas que se ancoram em uma análise dialógica, buscando a ética como princípio gerador.

Pensar por uma perspectiva dialógica, como bem aponta Geraldi (2003), não significa fazer uma pesquisa engessada que prima somente pelas relações “harmoniosas, consensual e desprovidas de conflitos” (GERALDI, 2003, p 42), mas sim enxergar as relações entre esse eu e o outro, como essencial na construção identitária, como o ponto de partida, sendo o outro aquele que nos completa, mesmo que seja por meio da diferença, da tensão, do conflito. O autor utiliza a nomenclatura “acabamento” a partir de suas leituras de Bakhtin (2003b). Para Bakhtin, a noção de acabamento seria bem melhor que uma noção de fechamento, ele nos mostra como as identidades se formam a partir desse estranhamento com o outro, o qual permite que o olhar retorne para si, em um ciclo de repetições, pois nunca estamos totalmente “acabados”, mas em estado de constante construção. O outro são muitos, os contextos são variados e o “acabamento” é sempre provisório, portanto, não há “fechamento”.

Como dito anteriormente, esta pesquisa não se propõe a fazer uma análise neutra, ou se coloca como uma resposta definitiva, finita para as questões aqui apresentadas, mas uma tentativa de dar voz e trazer para a discussão a crise identitária, seu estopim e como operam na formação dessas identidades. Por isso envereda pela perspectiva dialógica e se esmera pela busca da ética, na tentativa de apontar, mesmo que em um horizonte distante, para uma mudança

social, ou, senão isso, para trazer o problema para a margem, verbalizando, narrando a fim de não deixar que esse problema se naturalize e se normatize.

Seria ingênuo pensar em uma neutralidade ao fazer pesquisa, ou estabelecer primeiramente uma teoria e tentar encaixá-la no evento real. A ação real, como evento marcado histórica e socialmente, corporificado através do sujeito, não se opõe à teoria, mas ambos caminham por meio de uma relação dialógica. Isso corrobora com uma abordagem sócio-histórica (FREITAS, 2003), segundo a qual a pesquisa se faz em estreita relação entre sujeitos pela e na linguagem, ou seja, em uma perspectiva dialógica, em um percurso ético.

Levando em consideração Bogdan & Biklen (1994), cinco características servem como parâmetros para identificar a pesquisa sócio-histórica: (1) o texto (contexto) é a fonte dos dados, assim como os sujeitos nele envolvidos; (2) o pesquisador não cria uma situação artificial, antes vai ao encontro da situação no seu próprio processo de desenvolvimento; (3) a ênfase se dá na compreensão dos dados, isto é, o pesquisador empenha-se na busca pela transformação e mudança social, ou seja, reconstrução de sua história e desenvolvimento; (4) o pesquisador é também um dos principais instrumentos da pesquisa, uma vez que sua pesquisa se faz de seu lugar de fala socio-históricamente situado; e, por fim, (5) o critério buscado na pesquisa não está no conhecimento puramente, mas sim na reflexão profunda e participativa que essa induz tanto no pesquisador quanto no pesquisado.

Nessa direção, estudaremos os construtos sociais, utilizando as categorias analíticas espelhadas em uma abordagem sócio-histórica de cunho dialógico, cujas categorias sociodiscursivas perpassam por noções de: embate social, ideologia, identidade e sujeito e conceitos retirados dos movimentos feministas. Essas categorias não intentam colocar o sujeito dentro de uma caixa fechada, delimitado por divisões fixas, antes trata-se de uma reflexão e uma tentativa de entendimento da constituição do sujeito.

Assim, as categorias de análise emergem dos dados desta pesquisa, que mostram discursos circulantes nas esferas de comunicação social (*Twitter*), extraídas do mundo real/virtual dos sujeitos. Estas serão construídas, consoante o procedimento metodológico delineado, a partir do quadro 1, “Movimento social” baseado em Tejerina (2010), e do quadro 2, “Tipologia analítica dos movimentos feministas” baseado em Castells (1942/2013). Isto é, ao produzir seu enunciado na rede social, o sujeito exprime suas ânsias, seu posicionamento (voz) frente à vida e os transpõe para outros mundos dos quais também faz parte, sejam eles da cultura, da ciência, da política, da religião, dentre outros. O posicionamento funciona como forma de atribuir significado ao enunciado, sendo esse o objeto que é colocado sob análise.

Como podemos verificar na seção teórica, ambos os quadros mostram como se dão os movimentos sociais, sendo Tejerina (2010) uma visão mais ampla, pois aborda todo e qualquer movimento social em que há participantes mais ou menos fixos, enquanto Castells (1942/2013) nos apresenta o movimento feminista e seu jogo de pertencimento. Neles verificamos o que aqui apreendemos como categorias macro de análise.

Essas categorias nos são apresentadas nos enunciados expostos nos *tweets*, a partir das vozes que se colocam dentro da arena de disputas ideológicas e se bifurcam em duas principais identidades coletivas, a saber, a *feminista* e a *antifeminista*. A primeira identidade coletiva, estaria dentro do que Castells (1942/2013) rotula como um posicionamento em defesa dos direitos da mulher, assim como, pela luta por equidade que nasce da necessidade de mudança social. Isso não implica dizer que esse sujeito esteja dentro de um movimento específico dentro dos vários movimentos feministas (ver quadro 2, p. 81), uma vez que ele pode estar engajado diretamente ou não nessa luta. Já a segunda mostrou-se, por meio dos dados, a identidade coletiva a quem recorrem as vozes que são contrárias aos movimentos de mudança social e à luta por equidade proposto pelo feminismo, por não se sentirem representadas ou porque discordam, em algum grau, das agendas propostas pelos movimentos. Aqui vale ressaltar que os enunciados não trazem afirmações categóricas do tipo “sou feminista” ou “sou contra/antifeminista”, esses posicionamentos são percebidos nos meandros do discurso, na sutileza ou na ausência de sutileza das escolhas lexicais que nunca são neutras, assim como das imagens e das reverberações dos sons presentes nos textos.

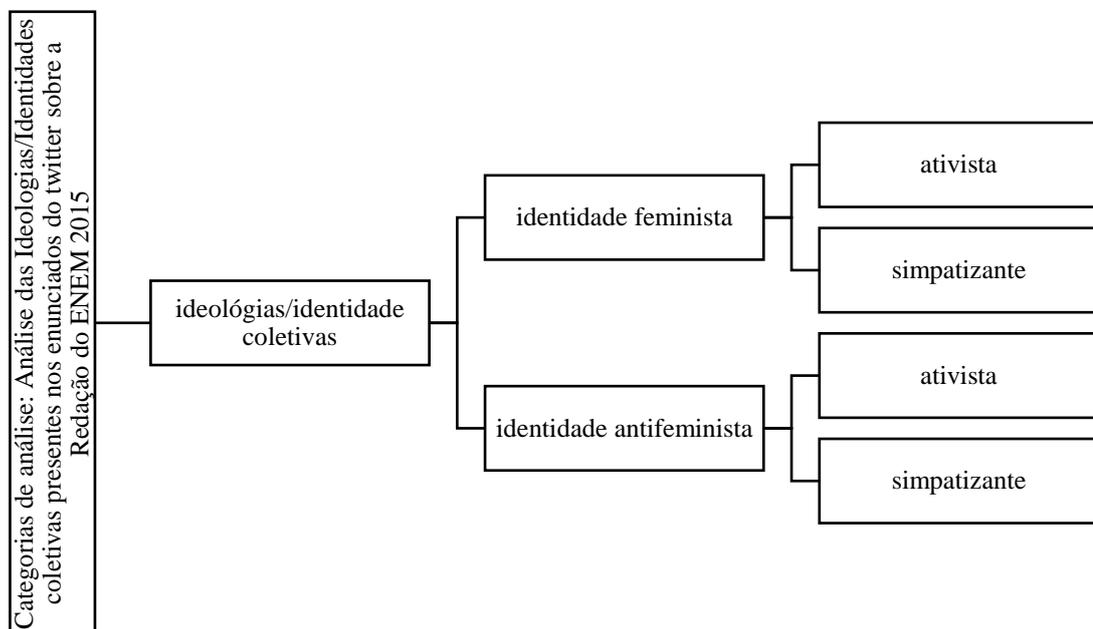
Ora, se verificamos, frente os dados, que os sujeitos podem ou não estar engajados de maneira mais próxima à luta, mesmo que seu posicionamento no embate de vozes seja claramente contra ou a favor dos movimentos feministas (principalmente no que tange à premissa de que a violência contra a mulher persiste na sociedade e que precisa ser combatida), chegamos às ramificações de nossa macro categoria que é *ativistas x simpatizantes*. Essas duas nomenclaturas são retiradas da teoria de Tejerina (2010) ao abordar o jogo de pertencimento e grau de proximidade dentro de um movimento social. Para o autor, os participantes são nomeados a partir de sua proximidade com o centro da luta, sendo assim, o mais próximo seria o *ativista*, enquanto o mais distante seria o *simpatizante* (ver quadro 1, p. 72).

Dessa forma, as pessoas que vão se colocar abertamente a favor do feminismo e dos direitos das mulheres e vão lutar por isso se enquadram no que chamamos de identidades *feministas ativista*. Outras, apesar de serem a favor da luta, e por isso se colocarem como feministas, não se engajam abertamente na luta, embora a apoiem, pois se encontram mais distantes do centro, logo, essas serão acunhadas de identidades *feministas simpatizantes*. Da

mesma maneira, aquelas identidades tidas como *antifeministas* podem se desdobrar tanto em *ativistas* como em *simpatizantes*, a depender da proximidade e da carga ativa do sujeito. Essa determinação ocorre do mesmo modo categorizado no grupo das feministas, pois esse desdobramento da macro categoria diz respeito não a ideologia, mas a gradação em que essa ideologia se dilui nas e pelas vozes que constituem a arena de lutas.

Para melhor visualizar, apresentamos um esquema que sintetiza os elementos norteadores desta pesquisa.

Figura 2: Esquema macro das categorias de análise



Fonte: própria autora

Cada uma dessas categorias aqui expressas estão separadas por questões didáticas, a fim de auxiliar melhor no entendimento. Entretanto, em dados momentos elas se diluem e a fronteira entre elas fica um pouco embaçada, podendo, dessa forma, o enunciado fazê-las corroborar uma com a outra no processo de construção, como várias afluentes que desaguam em um mesmo ponto.

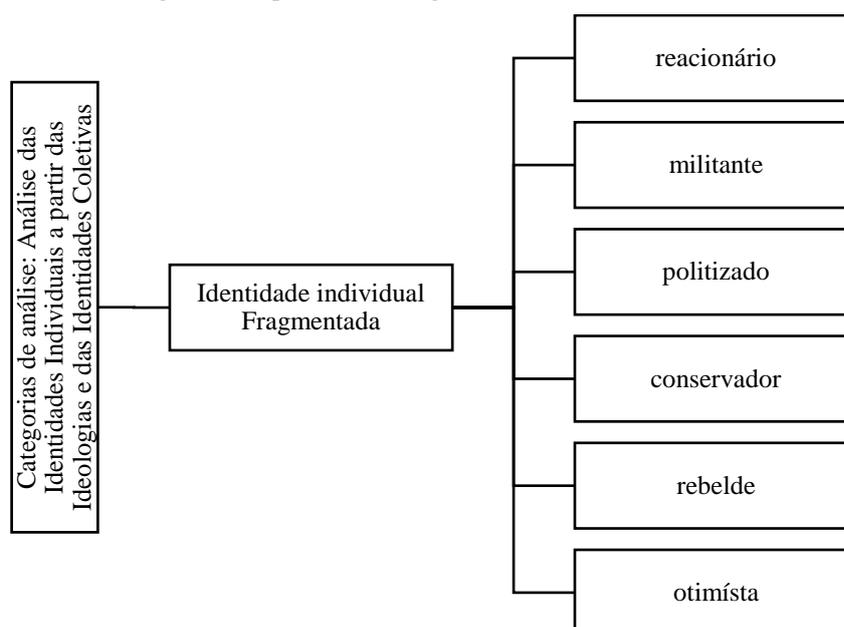
Os movimentos da linguagem verbal, assim como o movimento do som e da imagem, constituem o discurso, projetam-no na alteridade e o embebedam de ideologia. Por essa razão, assim como aponta Bauman (2005), não são fixas, são apenas forma momentâneas, que hora solidificam-se, hora liquefazem-se, em um eterno redemoinho de significados. A cada escolha

por uma palavra, por uma determinada imagem, por um prolongamento da vogal, ou pelo uso de signos e línguas estrangeiras, a cada escolha por essa fonte de letra, ou tipologia do papel, estamos ressignificando e respondendo ao mundo em que estamos inseridos. Nunca de forma neutra.

É por essa razão que Heller, Pietikäinen e Pujolar (2018) nos mostra rizoma como uma crítica à polarização, às estruturas binárias, à dicotomia, tão comum aos estudos ditos positivistas. Isso acontece pelo fato de o rizoma ser uma representação do conhecimento que pode apontar para a resiliência, heterogeneidade, multiplicidade, interconectividade, responsividade e nexos. Ou seja, cada parte do dado que aqui é analisado consiste de processos e elementos que precisam ser investigados. Nessa perspectiva, é preciso, por vezes, escolher uma, duas ou três linhas de investigação mais de perto, para descobrir o nexo/sentido que, por sua vez, levam aos nós que se embaralham cada vez mais. Esses nós, por sua vez, segundo Heller, Pietikäinen e Pujolar (2018), levam a novas linhas que servem para ajudar a chegar mais perto das questões de pesquisa.

É, assim, que chegamos as micro categorias apresentadas na figura 3. Entendemos o caminho traçado pelas ideologias, operando dinamicamente na formação de identidades coletivas que, por sua vez, engendram os posicionamentos mais próximos ou distantes ao(s) movimento(s) feminista(s), como já menciona Tejerina (2010). Na vicissitude proporcionada pelo simulacro da vida que germina na ferramenta do *Twitter*, é latente a formação de múltiplas identidades que se esforçam para conviver no sujeito, ressoando por meio de seu discurso. Nessa senda, chegamos ao desdobramento configurado na figura a seguir, o qual apresenta uma pluralidade de identidades, representando uma visão das micro categorias, as identidades individuais. Vejamos:

Figura 3: Esquema das categorias de análise: visão micro



Fonte: própria autora.

Como mostrado na figura 3, de maneira mais ilustrativa, a identidade é na verdade uma pluralidade de identidades que aparecem em algum momento do enunciado, com mais ou menos intencionalidade, a depender do posicionamento que o sujeito assume no momento do enunciado.

Uma identidade conservadora, por exemplo, mantém a ideologia de que os papéis exercidos na sociedade são natos, conseqüentemente, a violência seria algo normalizado. Ainda que a violência em si não seja normal, para determinadas pessoas rígidas em suas convicções, dogmas e crenças, aquilo que é diferente, que lhes soa como amoral, como errado, deve ser combatido e não pode ser aceito como normalidade. Por isso, por exemplo, a não aceitação da homossexualidade em famílias religiosas conservadoras. Pode não haver necessariamente violência física, mas, geralmente, há outros tipos de violência como a psicológica, a financeira, dentre outras, o que muitas vezes abre as portas e legitima aqueles que chegam às raias de violências físicas e até da morte.

Por essa razão, os adjetivos empregados nas identidades previstas nas categorias de análise aparecem nos enunciados dos sujeitos, nas narrativas pessoais apresentadas no *tweets*, ora pela dimensão verbal, ora pela dimensão vocal, ora pela dimensão visual que a linguagem carrega, como veremos mais adiante nas análises. Isto é, o enunciado que obedece às regularidades do gênero, mediado pela esfera de comunicação digital, instigado pelo contorno temporal em que está inserido, converge na identidade do sujeito que, ao precisar se posicionar

no mundo por meio da linguagem, assume e dá valores aos signos, gerando múltiplas identidades carregadas de (re)significação. Bem como ponderam Heller, Pietikäinen e Pujolar (2018, p. 6) “a linguagem é um recurso político, econômico e social ligado a valores altíssimos”.

Por essa razão, uma identidade *feminista ativista* ou *simpatizante* bem como uma identidade *antifeminista ativista* ou *simpatizante* podem, ao mesmo tempo, abarcar mais de uma identidade individual, que, por vezes, vai se mostrar conflituosa, embora coexista no indivíduo, pois a coexistência não pressupõe pacificidade. Isso gera a tensão identitária, o que, eventualmente, força-o a expor essa tensão em forma de narrativa, para alívio dessa (HALL 2005) e, portanto, nos dá o material de pesquisa nessa tese. Essas identidades atendem a vozes que estão em constante embate na arena da vida/discurso (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002), ao mesmo tempo que buscam seus pares que reforcem seu discurso por meio do engajamento nas suas identidades coletivas (TEJERINA, 2010). É, enfim, a busca pelo pertencimento a principal rota que o sujeito encontra para se munir e continuar presente no embate.

Na seção seguinte vamos apresentar as postagens selecionadas para constituir o *corpus* deste trabalho e, no material por elas apresentadas, vamos procurar analisar o seu potencial enunciativo, com o intuito de compreender esses enunciados e dialogar com as questões de pesquisa que constituem a inquietação principal desta pesquisa.

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

(Trecho da letra da música *Roda-viva* de Chico Buarque de Holanda)

5 #PARTIUCORPUS: PERCURSO DE ANÁLISE

Nesta seção, veremos as análises feitas a partir da seleção dos textos postados na ferramenta *Twitter*, com o objetivo de compreender a constituição das identidades na esfera de circulação, considerada aqui como ciberespaço, em enunciados que revelam embates sociais. Assim como mostra o título, partiremos para um mergulho no *corpus*, ou, em um trocadilho mais grotesco, percorreremos os percursos que nos ajudaram a entender mais sobre o problema detectado, a fim de ajudar na transformação social que só é possível por meio de reflexões profundas dos signos, das ideologias e das identidades que constituem esses embates sociais. Iniciaremos, dessa forma, com os apontamentos sobre o contexto dos enunciados e, a partir disso, as análises das esferas e identidades seguirão em três tópicos principais.

As subseções serão matizadas pelas questões de análise apontadas na metodologia, quais sejam: 1) Considerando o caráter híbrido, plural e de constantes transformações das identidades assumidas pelos sujeitos face aos sistemas sociais em que se inserem, que identidades emergem nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista?*; 2) Considerando a ideologia como constitutiva dos enunciados que formulamos no uso social da linguagem, que ideologias podem ser identificadas nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista?*; 3) Considerando o processo de construção identitária em uma relação não indiferente eu-outro, que relações podemos estabelecer entre as identidades e os posicionamentos ideológicos identificadas nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista?*

Seguindo esta orientação, a primeira subseção envolve a construção identitária do eu-para-outro, o que abrange embates sociais, sentimento de pertencimento, dentre outros aspectos. A segunda, por sua vez, diz respeito aos signos e a (não)neutralidade da identidade frente a reflexão e refração da realidade, como um movimento de diálogo de eu-para-mim. No terceiro, veremos um apanhado das ideologias e das esferas em que trafegam essas identidades. Por fim, chegaremos ao nosso percurso final com alguns arremates.

Por ser uma análise inserida no campo da LA, a qual parte do reconhecimento de um problema sócio-discursivamente situado, verificamos a naturalização/manutenção/reprodução de determinados discursos que (de)formam nossa sociedade, principalmente quando o estopim para a produção desse discurso parte da temática da violência contra mulher. É na intenção de dar voz e provocar o diálogo que tomamos como aporte as noções sociodiscursivas providas

do Círculo Bakhtiniano, observando as regularidades que emergem dos dados, em uma análise dialógica (ADD).

Como visto na seção teórica, a identidade se revela fluida, líquida, instável, capaz de se ressignificar, rompendo com a solidez de uma compreensão de outrora para tomar novas formas sempre que preciso, sempre que o cronotopo, a exotopia ou a esfera comunicativa lhe estimular a isso, ou seja, ela se torna líquida para voltar a se solidificar, em uma mudança de estado cíclica e constante (BAUMAN, 2000). Para Sobral e Giacomelli (2018, p. 311), no tocante às teses do Círculo, “o sujeito tem, portanto, o estatuto de agente mediador entre os sentidos socialmente possíveis e os discursos efetivamente produzidos em situações concretas, projetadas em sua superfície”. Segundo os autores, o sujeito seria o mediador entre o empírico e o discursivo, de si-para-si e de si-para-o-outro, para assim definir sua(s) identidade(s).

Como sugere Cunha (2015, p. 86, *grifos nossos*),

é necessário, ressaltar que não há como analisar [a] construção identitária, sem entender, antes de tudo, que não se trata de um mapeamento de uma estrutura invariável; pois ao verificarmos, através da materialidade dos textos e das categorias linguísticas evidentes, [que] não há um sujeito estável, imutável.

Por conseguinte, não há como fazer uma análise identitária em que se negue sua fragmentação (MOITA LOPES, 2013). Não se identifica o sujeito, não se estuda a linguagem para purificar o objeto e “colocá-lo em gavetas ilusórias, para suprir uma necessidade acadêmica de categorização, ou recair no erro de confundir o sujeito discursivo com o indivíduo empírico” (CUNHA, 2015, p. 87). Nessa direção, é preciso observar o contexto, os diálogos com o outro presente ou pressuposto, seu jogo de negociação interno e externo, estar atento a todas as marcas que acompanham discursivamente o sujeito, as vozes que se aliam ou se confrontam, para que assim se vislumbre a constituição/mediação (SOBRAL; GIACOMELLI, 2018) das identidades.

Em consonância ao que foi dito até aqui, nesta seção, consideraremos os enunciados ou *tweets* sob a *hashtag* #*enemfeminista*, como especificado anteriormente, com o objetivo de analisar, sob o viés da análise dialógica do discurso, os textos veiculados como construções discursivas de sujeitos sociais, assim como a emergência de identidades que ora convergem, ora divergem pela e na linguagem. A análise objetiva cumprir com o que definimos como nossos objetivos específicos, a saber: (i) identificar e nomear nos discursos analisados a construção ou a desconstrução de identidades em sua ressignificação na mídia social em análise; (ii) examinar e identificar nos discursos analisados a emergência dos posicionamentos

ideológicos que permeiam os enunciados postados na mídia social em análise; e, por fim, (iii) ressignificar os enunciados das postagens nas relações que se estabelecem entre as identidades assumidas e os posicionamentos valorados, buscando compreendê-los no mais amplo contexto das esferas de comunicação em que se inserem.

Para tal, conforme metodologia descrita na seção específica, foram analisadas cinquenta narrativas sob a *#enemfeminista*. Desses cinquenta *tweets*, escolhemos vinte e quatro que tipificavam os demais e serviram, desse modo, como um espelho da análise qualitativa-interpretativista acerca das ideologias e identidades que esses enunciados expunham sobre os sujeitos. Assim sendo, as análises das identidades também estão em profundo diálogo com o contexto histórico social em que as narrativas foram construídas, isto é, as transições políticas, uma vez que as mudanças sociais são práticas sociais que impulsionaram externamente as vozes que compõem os enunciados aqui analisados.

É de conhecimento geral que o Brasil, no ano de 2015, passava por uma turbulenta crise em três polos principais: social, econômico e político⁵⁶. Depois de um longo período sob a tutela de um partido conhecido como “de esquerda”, a sociedade, instigada por denúncias de corrupção, partidos de direita e extrema-direita, instituições reconhecidas, como o exército e a Igreja, assim como nomes em evidência, como Olavo de Carvalho (um autointitulado intelectual autodidata), concomitantemente com movimentos de direita em outros países começaram a pedir por mudanças e reformas políticas. Esse processo de retomada de poder por partidos de direita fez com que muitos partidários tomassem as ruas e as redes sociais em protesto, com discursos de ódio e palavras de ordem que ecoavam nas mídias em seus mais diferentes formatos. Essas vozes se uniram para confrontar as vozes que propunham uma política mais progressista e voltada para as minorias.

Como aponta Kumaravadivelu (2013), muitas das mudanças são causadas devido à rapidez da informação, ao apagamento das fronteiras e à imprecisão espaço-temporal que, por consequência da globalização, também foram encurtadas. Assim, o eco da derrocada de partidos de esquerda em outros países da Europa e da América (a exemplo dos EUA com ascensão de Donald Trump) alcançou e criou ramificações também no Brasil, empurrando o país para um retrocesso sem fim. Dessa maneira, voltamos aos poucos, mas sem pisar em nenhum minuto no

⁵⁶ Se destacarmos o último, teremos a então presidente, Dilma Rousseff, sob ataque de seus opositores que, por sua vez, ganhavam força social por meio de uma forte campanha nas redes. Esse ano em particular (2015) trazia fortes indícios de um processo de impeachment para o segundo mandato da presidenta, o que foi consolidado no ano posterior.

freio, ao nacionalismo exacerbado e a propostas de visão xenófobas, misóginas e racistas, disfarçadas por pinturas verde-amarelas em rostos brancos.

O povo foi às ruas, trajados com suas camisas da CBF⁵⁷ (ainda que essa fosse alvo de investigação por corrupção no ano de 2015), patos infláveis gigantes, cantando o hino nacional em frente a FIESP⁵⁸ pedindo um herói nacional, gritando contra corrupção, elegendo o Partido dos Trabalhadores como sendo o único e maior canalizador do mal do Brasil, quiçá do mundo, inimigo que precisava ser enfrentado, massacrado e impossibilitado de retornar a qualquer custo – mesmo que esse custo fosse, alguns anos depois, eleger para o cargo maior da federação o deputado Jair Bolsonaro, presidente eleito em 2019. Para conseguir esse feito, era preciso fazer muitos movimentos, logo, não bastava ir às ruas e fazer coreografias de cunho duvidoso, era preciso alimentar o ódio, apregoar *fakenews* em redes sociais, criar memes, pregar adesivos pornográficos com a figura da então presidente do Brasil e atacar verbalmente com palavras de baixo calão a presidente em um jogo transmitido para toda nação.

É nesse turbilhão de novas informações circulando a uma rapidez impressionante que as *hashtags* são criadas e reproduzidas como uma cadeia viral. Em sua própria constituição, são dialógicas e responsivas, refletindo e refratando a realidade em que estão inseridos. Nesse caso, o signo criado, a saber, *#enemfeminista*, refletia a então situação de contradições políticas, econômicas e sociais que o país enfrentava. Entretanto, é importante ressaltarmos que o signo em si não carregava valoração própria e fixa, isso quer dizer que ele sozinho não tinha conotação positiva, tampouco tinha conotação negativa, enveredando pelos dois caminhos a depender do contexto. Isso colabora com o que Bakhtin aponta como diferença entre decodificação e identificação. Para o autor,

o processo de decodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. Trata-se de dois processos profundamente distintos. O signo é decodificado; só o sinal é identificado. O sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável). O sinal não pertence ao mundo da ideologia (BAKHTIN, 2004, p. 96).

Nesse caso, apesar de, à primeira vista, a *#enemfeminista*, enquanto um sinal, ser neutra, pois não opera nem contra nem a favor de nenhuma interpretação, ela será embebida de ideologia tão logo seja utilizada e contextualizada pelo falante em seu enunciado. Nessa perspectiva, no *corpus* aqui analisado teremos identidades construídas a partir de

⁵⁷ Confederação Brasileira de Futebol é a entidade máxima do futebol no Brasil.

⁵⁸ Federação das Indústrias do Estado de São Paulo é uma entidade da indústria brasileira

posicionamentos e ideologias assumidas por meio da alusão ao *#enemfeminista*. Como veremos nas análises a seguir.

5.1 PERCURSO INICIAL: *#EUEOOUTRO*

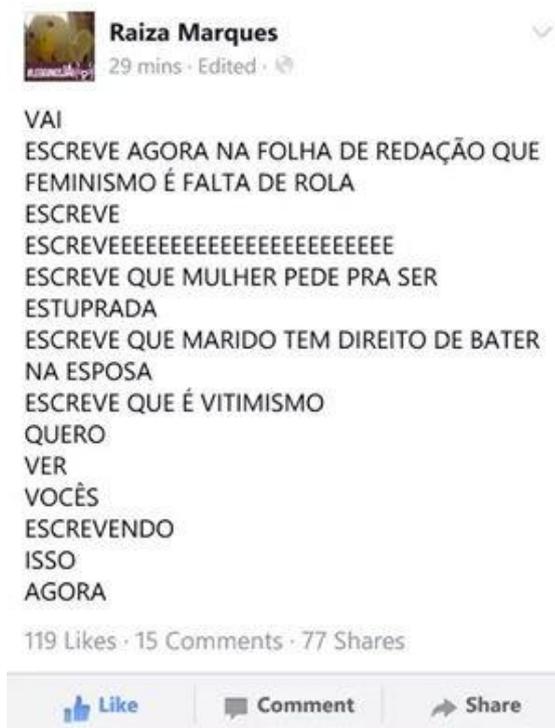
Na seção teórica *#parteII*, pudemos ver que o diálogo é inerente ao sujeito, isto é, a existência do sujeito por si só já pressupõe um dialogismo. Isso ocorre porque o diálogo entre o “eu” e o “outro” e o “eu” e o “eu” são muito importantes para entender como o sujeito media os sentidos socialmente possíveis, assim como as suas identidades, utilizando esses dados para compreender as práticas sociais. Sendo assim, somente se vendo como parte de um conjunto social complexo e mutável, cujas características, vontades e valores estão em constante negociação, o sujeito se percebe no mundo. Ele-sujeito se (re)constitui ao se inserir/pertencer a essa ou aquela comunidade discursiva, por essa razão, ele adequa suas identidades plurais ou coletivas ao mesmo tempo em que faz negociações internas do eu-para-eu.

Esta subseção trata do diálogo entre o eu-outro, por esse motivo, traremos as categorias elencadas na figura 2 (p. 101), a qual explora as macro-categorias de análise, ou as identidades coletivas que emergem no discurso, como veremos abaixo, a partir das análises dos *tweets*.

Assim sendo, apresentamos, a seguir, os *tweets* selecionados para o *corpus* de análise desta pesquisa. A escolha desses enunciados segue a ordem das questões-chave inseridas na seção metodológica desta tese, sendo, pois, essa primeira subseção a busca pela resposta do seguinte questionamento: considerando o caráter híbrido, plural e de constantes transformações das identidades assumidas pelos sujeitos face aos sistemas sociais em que se inserem, que identidades emergem nos discursos dos twitter postados sob a *#enemfeminista*? Para tanto, segue o primeiro *tweet*.

T1:

What? I can't hear you sir. Louder! #Enem2015 #enem #enemfeminista⁵⁹



Vemos, por meio do enunciado em inglês “What? I can't hear you sir. Louder”⁶⁰ que a internauta, chamaremos aqui de T1⁶¹, através de uma frase bem humorada, mostra o cotidiano em que os homens (em geral), para se imporem, utilizam o grito (na escrita do *repost* simbolizada pelo uso das letras maiúsculas) ou outras formas brutas no intuito de calar as mulheres. Ao mesmo tempo, ela desmistifica a mulher histérica⁶² que, durante tanto tempo, foi o estereótipo imputado às mulheres que manifestavam uma opinião diferente dos homens e a demonstravam por meio de gritos e ações ditas exageradas.

⁵⁹ O texto do *tweet* T1 contém uma frase em inglês, escrita segundo as normas tradicionais de uma escrita regular, sem prolongamentos ou caixa alta, a não ser nas primeiras palavras que iniciam cada período. As *hashtag* acompanham o texto e em seguida temos um *repost*. Nesse *repost* vemos palavras escritas em letras garrafais, em um texto que, embora seja em prosa, segue a estrutura de um poema, como que para passar a ideia de que o sujeito esteja falando de maneira pausada, assim como aparece o prolongamento da letra “e” final da palavra “escreve”, na quinta linha.

⁶⁰ “O que? Eu não posso te ouvir senhor. Mais alto!” (tradução livre).

⁶¹ Os *tweets* seguirão, por questões didáticas, a nomenclatura T seguido do número em que se encontra no anexo.

⁶² O conceito de histeria vem do grego *histerus* = “útero”, isso porque na Grécia Antiga achava-se que os sintomas histéricos eram causados por movimentos do útero no corpo feminino, logo, somente as mulheres poderiam ser histéricas. Nesse contexto, toda ação que estivesse fora dos padrões aceitos socialmente por homens eram denominadas de histeria e a mulher passava a ser vista como alguém doente, com necessidade até mesmo de internação em alguns casos. A ciência moderna já não vê mais a histeria como uma doença puramente feminina e não mais a vincula a atos que fogem do padrão social, sendo, pois, uma psicose caracterizada por alterações transitórias da consciência e, por várias manifestações sensitivas ou motoras, também passageiras, segundo a OMS.

Isso pode ser recuperado porque ela faz uma brincadeira entre as duas escritas, os dois *tweets*. Na primeira, uma mulher usa do grito como uma forma de ser ouvida por homens que estariam gritando para ela anteriormente, esse grito é materializado pelas letras em caixa alta, a repetição da palavra “escreve” e pelo prolongamento da vogal. Sem esses recursos não é possível recuperar a ideia de grito e, sem a concepção de alguém que está gritando, não é possível entender o real tom emotivo-volitivo de sua prosódia.

Enquanto o discurso utilizado pelo *repost* é um grito para calar um grito anterior, ancestral, reverberado muitas e muitas vezes. A nossa T1 dirige-se “calmamente” a esses mesmos interlocutores masculinos, percebido pelo uso de letras em caixa baixa, pedindo que esses falem mais “alto”, o que dá a entender que, se esses antes estavam gritando para mostrarem superioridade, agora estariam silenciados pela “vergonha” gerada por esse discurso/grito.

Vemos, assim, que ambas se posicionam a favor da escolha temática para a prova e respondem a um outro pressuposto que utiliza a prática do micromachismo, abordado por Bonino (1990). Para Bonino (1990), o micromachismo servia para descrever um machismo de “baixa intensidade, suave e cotidiano”, no qual, disfarçado de natural, sob máximas tal como “você está exagerando, eu não sou machista”, tenta de todas as formas manter o patriarcado e manter as violências sofridas pelas mulheres (sexual, financeira, verbal, física, psicológica). A baixa intensidade está ligada à maneira velada em que esse machismo é lançado e não à frequência em que ocorre em sociedade.

Percebemos que, para ter mais força em seu enunciado, a internauta recorreu a duas estratégias. A primeira seria o uso de outro *tweet*⁶³, o *repost*, que também faz uso de frases utilizadas no cotidiano por homens que querem desmerecer o movimento feminista. Humilhar ou legitimar práticas contra mulheres mostra um sujeito que se coloca contra o feminismo e a favor do machismo. Ao usar esse discurso, o sujeito entra no processo de identificação por meio da diferença, isto é, o “outro” abstrato, diluído em inúmeras faces, aquele a quem ele atribui as frases e a quem ela precisa combater através do verbo “escrever”, que se remete diretamente à prova, mais precisamente à redação, é desafiado pelo verbo no imperativo, com repetições e prolongamento de vogais, o que dá a sensação de estar sendo dito aos gritos, em tom de provocação, o desafio é: “quero ver você escrever”.

T1 faz uso da voz do outro, com quem se identifica, ao inseri-lo como parte de seu texto e defender sua ideia, mas ao fazê-lo, conseqüentemente, opõe-se a esse “outro”, o “inimigo”

⁶³ *Tweet* da imagem de Raiza Marques, utilizada por T1 ao repostar.

comum a ambas. Isso nos mostra que a identidade não se dá apenas em uma construção do que me é igual, mas também daquilo que me é diferente. T1 claramente se insere no que Tejerina (2010) chama de *ativista*. Seu pertencimento a identifica com esse determinado grupo ao mesmo tempo e porque se opõe àquele ou a tantos outros.

A segunda estratégia está no uso da expressão em inglês “What? I can't hear you sir. Louder!”. A escolha pela expressão por si só já é carregada de significado, bem como a escolha por dizê-la em língua estrangeira, mais precisamente em inglês, acarreta ainda outros mais, mostrando que não seria uma escolha neutra e do acaso. O sujeito recorre a uma língua hegemônica, tida como universal, e que, embora seja falada em diversos países, carrega em si a aura de um país capitalista e importante no cenário político econômico mundial, um país idealizado pelos que se opunham seriamente ao governo Dilma e à proposta de redação. Embora não utilize uma imagem como um meme, uma foto ou um desenho, com a escolha pela língua inglesa, o sujeito recuperou todo o contexto político em que a redação fora feita, as diferenças entre um país e outro e figuras de candidatos e políticos que montavam seus discursos em ideais estadunidenses.

A expressão “What? I can't hear you sir. Louder!” ainda possui um forte apelo imagético, trazido pela memória discursiva do sujeito, como aborda Paula (2017), ao se basear no texto de Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o imagético é um dos elementos constitutivos dos enunciados e, por esse motivo, não deve ser desconsiderado. Ao ler a expressão, imediatamente, parece nítida na mente do leitor a imagem de uma pessoa colocando a mão em concha no ouvido, franzindo a testa e fazendo careta como quem não está conseguindo ouvir o outro. Nossa memória discursiva nos remete a uma caricatura bem humorada de alguém que não estaria ouvindo direito o que foi dito, por essa razão repetiria várias vezes: “o que? Fala mais alto?”, como ilustrado abaixo.

Figura 4: ilustração de uma pessoa que parece ter dificuldade de audição



Na imagem acima aparece uma mulher levemente inclinada para a frente, com o cenho franzido, mostrando incompreensão, uma das mãos está na cintura, a outra mão em concha por trás do ouvido no intuito de ouvir melhor.

Como o processo de ressignificação é contínuo, o mesmo *repost* é utilizado por T2 que acrescenta a seu enunciado a repetição do verbo “escrever”, também em caixa alta, provocando o outro que se encontra em lado oposto ao seu a reincidir nas frases machistas. Mais uma vez vemos um diálogo, não somente entre os próprios *tweets*, mas também com essas vozes que ecoam na sociedade.

T2:

eai irmão
@AffTaees
Oct 25, 2015
ESCREVE ISSO AGORA #enemfeminista #Enem2015⁶⁴



Raiza Marques

1 h · Editado ·

VAI
 ESCREVE AGORA NA FOLHA DE REDAÇÃO QUE FEMINISMO É FALTA
 DE ROLA
 ESCREVE
 ESCREVEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE
 ESCREVE QUE MULHER PEDE PRA SER ESTUPRADA
 ESCREVE QUE MARIDO TEM DIREITO DE BATER NA ESPOSA
 ESCREVE QUE É VITIMISMO
 QUERO
 VER
 VOCÊS
 ESCREVENDO
 ISSO
 AGORA

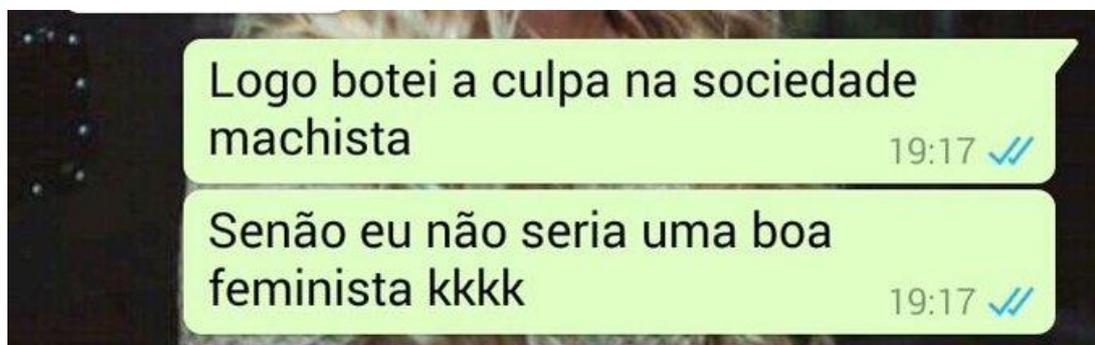
Além da linguagem verbal, as *hashtag* também podem ser acompanhadas por imagens que as complementam, ou, utilizando uma linguagem mais próxima a teoria da ADD, “constituem-na”, ratificando o discurso apresentado pela tridimensionalidade da linguagem. É, pois, a junção entre o visual o verbal e o vocal, um atributo da linguagem e precisa ser vista de maneira indissociável. Na amostragem temos um total de nove *tweets* que fazem o uso de fotos, ou cartazes. Como podemos ver no caso de T3.

⁶⁴ Em T2, a frase está em caixa alta, seguida da *hashtag* e de um *repost*, nesse *repost* vemos palavras escritas em letras garrafais, em um texto, que embora seja em prosa, segue a estrutura de um poema, como que para passar a ideia de que o sujeito esteja falando de maneira pausada, assim como aparece o prolongamento da letra “e” final da palavra “escreve”, na quinta linha.

T3:

Brown Skin Girl

@vitorinoiris | Oct 25, 2015

Sobre a redação #Enem2015 #enemfeminista⁶⁵

No enunciado produzido em T3, vemos o mesmo recurso responsivo de T1 e T2, entretanto a *#enemfeminista* é usada em tom pejorativo e o internauta resume seu posicionamento por meio de “sobre a redação”, seguido com uma imagem do que seria uma mensagem de *WhatsApp* para desvalorizar o movimento. Isso em uma conjuntura política e social em que as principais notícias eram (e ainda são) criadas e compartilhadas pelo aplicativo em questão, sendo, inclusive, um dos principais meios pelo qual as campanhas políticas que culminaram na eleição de Bolsonaro em 2018 foram feitas, assim como pelo próprio *Twitter*. O próprio léxico revela o lugar do sujeito, uma vez que, a risada apresentada de maneira verbivoco “kkkkk”, mostra desprezo, e colabora com a afirmação anterior em que “uma feminista”, contrária à sociedade machista ou patriarcal, culparia essa sociedade, dando a ideia de que não seria algo “justo” e “merecido”.

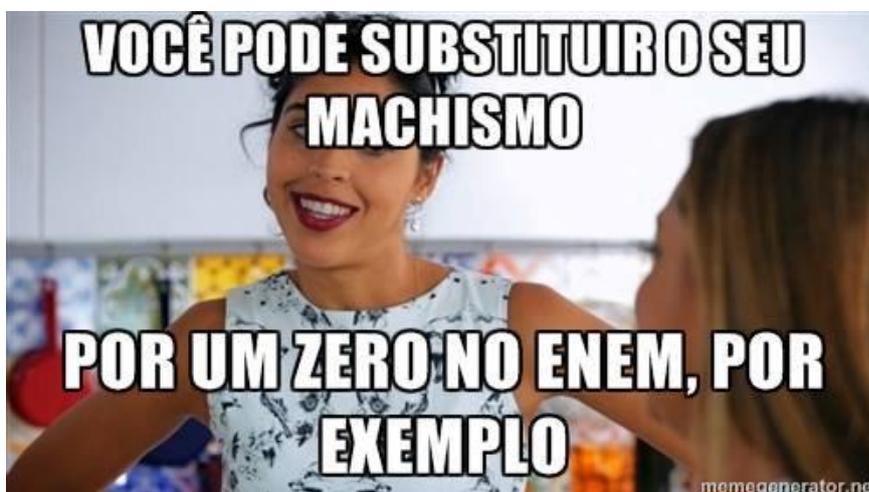
A imagem em T3 seria uma resposta de uma suposta mulher (retomamos a partir da expressão “uma boa feminista”) que afirma ter feito a redação, colocando “a culpa na sociedade machista”, o que concede a ela mesma o título de “boa feminista”. Esse diálogo fragmentado, sem o contexto, sem o outro na fala, apenas reforça para o internauta que o movimento não é legítimo, pois não possui a seriedade necessária, apenas segue uma receita predefinida e estereotipa o discurso do “colocar a culpa” nos outros – uma menção da fragilidade feminina que precisa usar de subterfúgios para ter voz na sociedade, uma reprodução de Evas, Dalilas e Salomés⁶⁶ sempre manipulando o homem com jogos de sedução e enganações.

⁶⁵ Em T3, temos uma frase em caixa baixa seguida de *hashtags* e de uma imagem que parece ser de mensagens trocadas no aplicativo *WhatsApp*, pelo formato do texto dentro de balões retangulares seguidos de duas setas azuladas que indicam que as frases foram lidas pelo emitente.

⁶⁶ Eva, Dalila e Salomé são personagens bíblicas que utilizam sua feminilidade para manobrar a situação em que estavam.

T4:

#enemfeminista Rindo até 2018!!! Hahahahahaha⁶⁷



Como menciona Bakhtin, a palavra precisa de seu contexto para fazer sentido, “de fato, há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis” (BAKHTIN, 2003, p. 59). Em T4, por exemplo, vemos a imagem de Bela Gil, apresentadora e culinária da Televisão fechada, que costuma ensinar aos seus telespectadores receitas em que se substituem ingredientes industrializados por ingredientes mais orgânicos, condizente com a defesa que ela faz e pelo que é conhecida, de uma alimentação mais consciente e saudável.

Nesse *tweet*, observamos na frase “Você pode substituir o seu machismo por um zero no Enem, por exemplo”, a mesma forma estrutural do sintagma utilizada pela culinária em suas receitas, reforçado por sua própria imagem, como se o contexto em questão fosse o do passo a passo de uma das receitas da chef. Entretanto, a frase não foi dita pela apresentadora, aqui temos a refração da realidade, o redito, o diálogo entre a voz da vida real (Bela Gil) e a voz do sujeito que se posiciona, claramente a favor do tema da prova.

Nesse caso, por meio de uma associação com alguém que aborda temas conscientes e saudáveis, o sujeito, de maneira bem-humorada – “rindo até 2018, hahahahahaha” –, insere a informação de que pessoas mais conscientes e que desejam um mundo melhor e mais saudável se posicionam a favor do feminismo e contra o machismo, informação recuperada pelo “substituir seu machismo” e pelo “zero no ENEM”. A imagem de fundo da apresentadora rindo e interagindo mostra que o lado escolhido pelo sujeito do enunciado é o da associação ao feminismo, defendido de um modo leve e divertido. Além disso, o uso do meme mostra que

⁶⁷ Em T4 temos *hashtag* acompanhada de uma frase em caixa baixa com três pontos de exclamação, repetição da onomatopeia “haha”, com o intuito de reproduzir uma sonora risada e uma imagem/meme de uma conhecida apresentadora brasileira de programas de receitas culinárias, Bela Gil, com um enunciado em caixa alta.

aquele que optar por não fazer parte desse grupo, automaticamente, estaria em uma situação complicada (“zero”) e triste, com o seu machismo, mas sem motivo para risos e do lado errado, como quem escolhe um ingrediente que vai fazer a receita desandar.

A risada expressa em – “rindo até 2018, hahahahaha” –, remete-nos a outro componente chave na constituição do enunciado, o som. A risada pode ser um recurso usado tanto para suavizar as palavras ditas, evitando possíveis constrangimentos entre os interlocutores, como também pode ser um recurso para ironizar, o que causaria o efeito oposto a suavização, trazendo mal-estar. O som é, portanto, um elemento de ambiência, podendo transformar um mesmo enunciado, ambientado de maneiras diferentes, nesse sentido, o som é tão importante quanto a imagem e o verbal. O mesmo recurso pode ser visto em T18, abaixo, cujo Cronotopo é bem específico (programa de culinária):

T18:

Dos criadores de “n passei no vestibular por causa de cotista” vem aí o: “as feministas roubaram minha vaga” HAHAH **#enemfeminista** #ENEM2015⁶⁸

T18 não aborda um personagem conhecido pela mídia, porém traz discursos conhecidos do senso comum, fazendo com que o leitor também ative sua memória discursiva, envolvendo-o em um ambiente de mal-estar/inquietação, por meio da marca da risada. T5, por sua vez, também faz um jogo de diálogo, parecido com T4, ao trazer uma personalidade famosa Ariadna Arantes, primeira transgênero a participar do programa televisivo BBB⁶⁹, para reforçar seu posicionamento contra o feminismo. Embora não produza a risada, sua intenção também é causar um mal-estar, não por meio do som, mas do visual. Vejamos:

⁶⁸ T18 faz uso de mais de uma *hashtag*, assim como de duas citações diretas, seguidas de onomatopeia “haha” com o intuito de reproduzir uma risada.

⁶⁹ Programa televisivo “Big Brother Brasil”, em formato de reality show, cujo objetivo é mostrar a convivência de diferentes pessoas insuladas em uma casa sem nenhum contato externo, dia e noite, durante um determinado período.

T5:

#AprendiNoEnem que ninguém nasce mulher, se torna mulher. #Enem2015
#enemfeminista⁷⁰



Nesse tweet temos, além da imagem de uma personalidade tornada famosa no Brasil – por participar de um *reality show* como a primeira mulher trans, a qual constitui e envereda a mensagem para um novo olhar –, a reprodução de uma citação famosa de Simone de Beauvoir, autora que também havia sido referenciada em uma questão da prova objetiva desse mesmo ENEM 2015. A referida questão trazia a citação “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, e esse fato, por si só, já havia causado alvoroço e revolta em alguns internautas e personagens políticas de perfil alinhado à extrema direita no país, mesmo que essa revolta fosse fruto de uma leitura superficial e equivocada do material produzido pela teórica. A grande comoção em torno da teoria do “segundo sexo” estava, assim, intimamente ligada, no imaginário popular e inculto, a uma suposta ditadura da ideologia de gênero.

Essa prática da interpretação contaminada pela ideologia política causaria no Brasil muitas *Fake News*. Em um processo de demonização da classe dos professores, um clamor por escolas sem partido, supostos kits gay, dentre outras notícias passadas e repassadas em grupos e redes sociais sobre a militância feminista, lgbtq+, e até mesmo comunista, tornando esses grupos uníssomos na representação arquetípica do grande inimigo que precisa ser derrotado.

O sujeito faz, dessa forma, um jogo com as palavras “torna-se”, verbo utilizado pela autora francesa cujo conceito é sociodiscursivo, atribuindo-lhe um sentido concreto e físico,

⁷⁰ T5 usa mais de uma *hashtag*, assim como do recorte de uma afirmação/citação da autora Simone Beauvoir, cujo nome, a imagem e as falas são mundialmente associados as pautas feministas, e uma imagem da ex-participante do BBB, Ariadna Arantes, mulher trans.

referindo-se à uma operação de mudança de sexo. Ou seja, a interpretação do “tornar-se mulher” passada pelo *tweet* não é uma identificação social, como afirma Simone de Beauvoir no livro *O Segundo Sexo*, mas tão somente, para o sujeito, uma mudança que se faz no corpo físico, apenas deixando de lado todo o aprofundamento sobre a construção de gênero social, tornando a mulher trans um resultado biológico alcançado pelo que lhe é exterior, a cirurgia, e não pelo que lhe é interior, sua identidade como mulher.

Justamente por não ser capaz de enxergar o gênero como uma questão identitária, é preciso negar à Ariadna e a todos que pensem como ela o direito a ser chamada pelo seu nome social. A negação de enxergar o outro como indivíduo, pois que lhe é diferente, faz com que o sujeito que escreveu o *tweet* a enxergue apenas como uma aberração que não é mulher, mas também não poder ser vista como igual em seu universo masculino.

Nos dois casos, T4 e T5, para que a mensagem pretendida tenha êxito total é necessário que o leitor conheça as duas personalidades e possa fazer a associação entre o dito escrito e a imagem mostrada, isto é, para aqueles que não possuem o conhecimento prévio, a memória discursiva, a escuta de outras vozes, a mensagem não chegará como almejado, deixando lacunas e podendo inclusive perder a força da ideia inicial, forçando o leitor a presumir alguns fatos, como: “quem são essas pessoas sorridentes e felizes em T4?” ou “quem é essa mulher e o que ela tem a ver com a mensagem em T5?”. Se nos dois casos temos a tentativa de fazer “humor” para camuflar uma mensagem pró ou anti-feminista, essa tentativa se tornaria frustrada caso houvesse ausência de memória discursiva. Isso fica ainda mais claro em T5, um *tweet* no qual o sujeito não chega sequer a identificar Ariadna pelo nome, ou citar sua trajetória como pessoa pública. Sem nenhuma legenda, o sujeito espera que seu interlocutor consiga recuperar sua intenção humorística e sua crítica ao discurso de Beauvoir apenas por um olhar atento de que na foto a personagem teria algum traço masculino que demonstrasse seu “torna-se” mulher.

Nessa direção, o corpo feminino e o corpo masculino ganham especial notoriedade, pois carregam marcas de seus gêneros e “trairiam” a pretensa transformação. Dessa forma, o sujeito recai no que Beauvoir já afirmava em seu construto teórico como uma tentativa de minimizar a mulher a um emaranhado de células e colocar em seu corpo a responsabilidade e a necessidade de redenção. Localizado no útero, órgão gerador da vida, o refúgio da última graça, nele estaria situado o único meio de uma mulher se salvar e ser considerada enquanto ser real no mundo, ainda que à serviço do masculino, do primeiro sexo.

Diferentemente, T4 não aborda um conceito de corpo, seu foco está na frase de efeito “você pode substituir *isso* por *aquilo*”, o humor depende da memória discursiva de quem é a Bela Gil, contudo a mensagem comum no universo culinário ajuda o leitor que não conhece a

personagem a recuperar o sentido da mensagem e perceber o trocadilho feito no enunciado. É, igualmente, necessário a este interlocutor que tenha a memória discursiva da expressão e de seu uso nesse universo culinário, para assim, ao evocá-la, entender que a expressão em jogo está fora de seu contexto habitual e passa por uma ressignificação.

Bakhtin, sobre essa temática, aponta que o enunciado é sempre uma resposta a outros enunciados, sendo assim, prevê uma resposta, dialoga com um discurso prévio e é construído em face de um destinatário que, por sua vez, também está em relação dialógica com o enunciado. Desta maneira, T5 é uma resposta à prova, mais precisamente, à fala de Simone de Beauvoir, mas também é uma resposta a outras vozes que se posicionam a favor ou contra o feminismo e do conceito de gênero social, antecipando tanto aqueles que concordarão, como aqueles que discordarão desse discurso. Na mesma direção, ele tem como destinatário pretendido pessoas que reconhecem Ariadne como uma mulher trans e a sua participação no *reality* televisivo. Da mesma maneira, T4 faz uso de discursos anteriores provindos do senso comum, da prática culinária, do conhecimento sobre o trabalho de Bela Gil, bem como da existência latente do machismo dentro da sociedade e da necessidade de mudança. Bakhtin afirma que

ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2003, p. 302).

Quando T4 e T5 utilizam em seus enunciados pessoas conhecidas e famosas em suas respectivas áreas, estão, de certa forma, também querendo ganhar a simpatia daqueles que reconhecem essas personagens e se sentem atraídos por seus discursos – como podemos ver em T4 –, ou ganhar a simpatia daqueles que se identificam contrariamente à essa personagem – como é o caso de T5. Esse jogo de pertença é comum no processo de constituição da identidade, nos movemos em constante diálogo com o outro, em um jogo de alteridade.

Não se trata aqui da defesa de uma personagem como mais carismática ou influente em comparação a outra, mas uma constatação, por meio do discurso, da possibilidade de identificação ou não com essa personagem. Enquanto T4 se identifica com a imagem que utilizou em seu discurso, colocando-a como porta-voz de seu próprio enunciado, trazendo uma foto em que a apresentadora televisiva está sorrindo e possui voz, pois ele lhe atribui essa voz a partir da expressão, da máxima: “substitua *isso* por *aquilo*”. T5, ao contrário, se distancia da

imagem da mulher trans ao zombar do posicionamento sociológico discursivo de Simone de Beauvoir. Para T5, a imagem é meramente ilustrativa, não ganha sua própria fala, antes serve apenas como uma exemplificação de seu posicionamento a respeito do feminismo e da fala da autora supracitada. O lugar de Ariadne em seu discurso é o mesmo que o sujeito lhe confere na vida real, ou seja, a de mero objeto de desafio, sem voz e de identidade duvidosa.

Portanto, em seus enunciados, os falantes também ressoam outras vozes anteriores, as quais extrapolam as personagens citadas e extrapolam a “oração como unidade da língua” (BAKHTIN, 2003), para transformar-se em discurso/resposta, resignificando, no enunciado, essas outras vozes. É o modo como os sentidos vão se constituindo, a partir de uma relação de tempo e espaço. Somam-se à voz do sujeito aquelas que concordam ou discordam de seu discurso, pois, no jogo de identificação, é preciso perceber não somente aqueles que reconheço como pares, mas também, ou mais profundamente, é preciso a negação de pertencer ao grupo que rejeito.

Da mesma forma, temos outros *tweets* que recorrem a fatos e personalidades para compor seu enunciado, como é o caso de T6, T7, T8, T9 e T11, que trazem personalidades como: Rosa Luxemburgo, Simone de Beauvoir, Emma Goldman, Lula/Marisa, Suplicy, Bolsonaro e Chimbinha/Joelma. Vejamos:

T6:

Back to this bitch that had a lot to say about me the other day in the press; Bolsonaro, what's good?⁷¹ #Enem2015 #enemfeminista⁷²

T7:

Laércio Ribeiro Lima

@Laercio_R_Lima

Oct 25, 2015

Realmente esse tema da redação é em homenagem a Chimbinha e Joelma #enem #ENEMFeminista #feminazi⁷³

⁷¹ “E agora, de volta com esta vadia que tinha muito a dizer sobre mim um dia desses na imprensa? E aí, Bolsonaro, qual a boa? Tradução livre.

⁷² Enunciado em caixa baixa, em língua inglesa, seguida de hashtag.

⁷³ Enunciado em caixa baixa, seguida de hashtag.

T8:

Bruna dos Anjos

@brubsdosanjos

Oct 25, 2015

Rosa Luxemburgo, Simone de Beauvoir e Emma Goldman <3 *chola mais, machistas*

#Enem2015 #enemfeminista #Enem⁷⁴



T9:

FocoBrasil

@Focaremudar

Oct 25, 2015

Ele e o Suplicy querendo agredir mulheres nas manifestações vergonha

#enemfeminista

Paula

@paulacamara_Oct 25, 2015

O tema da redação do ENEM foi uma homenagem ao Zeca do PT- Zeca do PT ameaça dar tapa na cara de uma manifestante⁷⁵

⁷⁴ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags* e uma foto/meme em preto e branco de três mulheres fumando caximbo na praia, com textos escritos em caixa alta. Embora a foto seja descrita como sendo Rosa Luxemburgo, Simone de Beauvoir e Emma Goldman, já sabemos que não se tratam das três personalidades históricas.

⁷⁵ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags* e um *repost* também em caixa baixa.

T11:

Renato Conde
 @renato_conde
 Oct 28, 2015
 Replying to
 @JornalOGlobo
 @JornalOGlobo
 @laurojardim
 a mulher de Lula tem nome. Custa identificá-la como indivíduo que é? Ainda precisamos de muitos **#Enemfeminista**.⁷⁶

Como mencionado, anteriormente, esse conjunto de tweets está unido pela utilização de uso de personalidades famosas como argumento em seus enunciados. É preciso ainda ressaltar que a utilização de uma personalidade famosa nem sempre é feita com efeito de humor, como é o caso de T4, T5, T6, T7, T8, T9 e T11, em que os fatos que envolvem as personalidades estão em contextos de violência e encarados com seriedade pelos sujeitos.

Por outro lado, T7 e T8 assumem o tom humorístico, assim como T4 e T5, e abordam episódios do cotidiano em uma tentativa de vê-las de forma cômica, embora façam também parte de fatos violentos. Isso é facilmente recuperado em T8 em que é mencionado o caso da agressão apresentada pela cantora Joelma contra seu então esposo, Chimbinha⁷⁷, no ano em questão. As agressões relatadas pela cantora iam de violência física à financeira, uma vez que Chimbinha era o empresário e retinha o poder sobre a banda Calypso, da qual Joelma se desvinculou após o ocorrido. O episódio gerou apoio à cantora por boa parte dos fãs, entretanto, também gerou muitas piadas e especulações nas mídias. T8, por sua vez, não elenca um episódio particular de violência, todavia, também é possível recuperar a centelha de humor nas suas escolhas lexicais e seu posicionamento contra atitudes machistas.

Para T7, o feminismo não é algo sério, assim como a agressão sofrida pela cantora, uma vez que faz sua escolha pelo signo “homenagem” e a provocação do riso como um meio de dessacralizar o discurso, o sujeito rejeita a violência doméstica como algo sério e passa a enxergá-la como mais uma faceta do relacionamento conjugal. O riso, nessa direção, é ambivalente, é uma faca de dois gumes, é um lugar de luta e de poder. Portanto o riso em T7 é sua arma para se libertar do que considera austero e colocar em cheque o que seria a verdade,

⁷⁶ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags*.

⁷⁷ Vide anexo 8.

recuperando a ideia de que mulheres que fazem denúncia de seus parceiros violentos estão apenas querendo aparecer, assim como o exame do ENEM está tentando exibir ou homenagear essa conduta, como podemos perceber pelo mesmo tom de chacota que ele atribui ao relacionamento abusivo da cantora.

Em contrapartida, T8 utiliza uma foto para caracterizar a descontração, o riso, em oposição ao choro que está marcado pela expressão “chola mais”, muito utilizada nas redes sociais para zombar dos que se opõem ao conteúdo que está sendo postado. Bakhtin nos mostra que o riso e o choro se dão no mesmo lugar, a carnavalização. Esse choro, mencionado por T8, seria o que os machistas estariam vivenciando metaforicamente, assim como uma retomada desse recurso de defesa nas redes sociais aos ataques sofridos pelo Exame Nacional. Embora a foto em questão não seja realmente de Rosa, Simone e Emma, ao suscitar os três nomes historicamente reconhecidos nas lutas pelos direitos das mulheres, o sujeito do enunciado mostra qual é seu grupo de pertencimento e se reconhece ativista pelos direitos femininos.

A escolha da foto também é proposital, pois ainda que não seja realmente um retrato das três personagens históricas, mostra três mulheres que estão passeando alegremente em uma praia nos anos 30, desacompanhadas de homens, fumando cachimbo e extremamente alegres e em sororidade. Esses elementos juntos retratam a rebeldia ao sistema patriarcal, ao embelezamento da mulher sem vícios e séria e demarca a não necessidade de uma tutela masculina.

Em T9 e T11 são utilizadas figuras da política brasileira. Diferente dos *tweets* anteriores, eles não fazem uso do humor, utilizando um tom mais sério e pessoas públicas, eles tentam legitimar seu argumento. Ao se identificam politicamente, estão apontando para uma identidade coletiva. Ambos defendem a premissa da não violência e se posicionam contra o machismo, mesmo estando em lados opostos politicamente.

Por fim, ao assumir um posicionamento, ao elencar que personagens serão usadas para embasar meu argumento, a escolha por um signo em detrimento do outro e mesmo a relação que faço entre esses e a *#enemfeminista* denotam a ideologia ou a esfera ideológica (GRILLO, 2018) em que o sujeito está se inserindo. Enquanto T1 e T4 podem facilmente se relacionar com o discurso pró feminismo e de viés politizado e militante, T7 e T5 se movem em uma esfera ideológica contrária, mais reacionária e antifeminista. A questão identitária está intrinsicamente ligada à ideologia, assim, é impossível pensar em signo e desvinculá-lo do ideológico, não porque ele nasça com significado marcado e perpétuo, mas porque ele é constantemente ressignificado, a partir das ideologias as quais o sujeito é exposto.

Como explicado anteriormente, as mudanças e as ressignificações provocadas pelas mudanças ditas pós-modernas, sejam por uma modernidade líquida, recente, reflexiva (BAUMAN, 2005; MOITA LOPES, 2013; GIDDENS, 1995), fizeram como que as identidades, já em sua natureza fluida, movimentassem-se, atendendo às novas demandas sociais. Segundo Hall (2014), as identidades se formam em um constante “jogo da diferença”, isto é, preciso do outro para delimitar as fronteiras, mesmo que cambiáveis de quem eu sou.

A *hashtag* trabalha assim como uma força que puxa para dentro e para fora, centrípeta e centrífuga, tudo ao mesmo tempo, esticando o sujeito, fazendo-o se reinventar para dar conta de todas as questões sociais, culturais, econômicas e políticas em que ele está envolvido direta ou indiretamente. É dessa forma o jogo da diferença um importante ponto, uma vez que é nesse jogo contínuo, incansável e infinito que percebemos as vozes, os posicionamentos e, por fim, as identidades que emergem.

Como explica Giddens (2002), existe uma nova dinâmica das instituições, essas tanto influenciam como transformam em alguma escala a vida das pessoas, assim como seus mecanismos de autoidentidade. Nesse exame das instituições pós-modernas, o autor chega à conclusão de que elas estão dinamicamente aceleradas, isto é, são impactadas e impactam processos tanto no âmbito local quanto em nível global. Assim, em uma tensão constante das duas forças, as identidades vão se formando de maneira reflexiva.

Entretanto, é preciso que se respeite a diferença como alteridade, necessária na formação do “eu” (AMORIM, 2001) e não a vendo como *desigualdade* (GERALDI, 2003), que vitupera violenta e traz o “eu” e o “outro” em um relacionamento hierárquico, ou até mesmo ditatorial de submissão e humilhação. Caso contrário, ao trabalhar com a diferença como opressão, você pode incorrer no processo de emudecimento dos sujeitos, como é o caso de T5 que trabalha com a perspectiva de que o outro que lhe é diferente também lhe é inferior.

Identificar as identidades que aparecem nas *#enemfeminista* é também reconhecer o cerne da linguagem, que seria o dito sempre como um eco que necessita do outro para ser ouvido e respondido, reproduzido, redito. Nas palavras de Bakhtin (2003, p. 297), “é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições”. Com efeito, quando um sujeito utiliza de *repost* ou traz outras personalidades ao seu discurso para reforçar aquilo que é dito, ou ainda quando o sujeito opera com vozes sociais presentes, mesmo que involuntariamente em seu discurso, ele está se posicionando e também marcando o limite entre ele e as outras posições, grupos de pertencimento e não pertencimento.

Sob esse viés, conceitos como comunidades (BAUMAN, 2005), instituições (GIDDENS, 2002) ou esferas de identidade (BAKHTIN, 2003) são pontos sensíveis que devem

ser levados em conta, pois é por meio do jogo de diferença (HALL, 2014) que as identidades se constituem. Bauman (2005, p. 18) reitera

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa.

A negociação é a chave para entender a constituição identitária. Não se trata de uma identidade, mas de identidades plurais que se operam e se intercambiando no sujeito que precisa negociar entre elas, abandonando essa ou aquela esfera identitária, pois, como bem aponta Bauman (2005), a identidade não é fixa e imutável e o pertencimento idem, não há destino infalível do qual não se possa fugir. Por isso podemos observar, em determinados casos, enunciados de mulheres que se opõe a liberdade feminina ou de conservadores do regime patriarcal que se posicionam contra a violência feminina.

É possível, por exemplo, que o indivíduo se identifique com um mais de um grupo ao mesmo tempo. No *corpus* apresentado, pudemos perceber, primeiramente, que as identidades operam através de uma lógica de pertencimento, temos, dessa forma, dois grandes grupos, o que trataremos aqui como identidades coletivas. Para resumir essa interação, lançamos o quadro a seguir:

Quadro 3: Identidades coletivas feministas e antifeministas

Identidades Feministas	Identidades Antifeministas
T1, T2, T4, T6, T8, T10, T11, T12, T13, T16, T18, T23.	T3, T5, T7, T9, T14, T15, T17, T19, T20, T21, T22, T24

Fonte: própria autora⁷⁸

Esses dois grandes grupos são os dois principais significados que o signo *#enemfeminista* pode ganhar. Isto é, ao entrar na rede e comentar sobre o Exame, o tema da redação ou ainda sobre a opinião lançada por outras pessoas acerca desse tema, o sujeito escolhe um lado, um grupo, e utiliza o mesmo signo que seu “inimigo”, aquele que está do lado oposto,

⁷⁸ Enunciados presentes no decorrer da análise.

conferindo a esse signo um novo significado. Logo, se um sujeito que se identifica com o feminismo utiliza o signo *#enemfeminista*, ele dará *status* de defesa ao feminismo utilizando de recursos verbivocovisuais (PAULA, 2017), fazendo eco às vozes que entendem o feminismo como algo necessário à sociedade. Da mesma maneira, o sujeito que se identifica com o antifeminismo fará um caminho inverso no momento de ressignificar o signo.

Entretanto, os dois grupos podem ter pontos em que convergem e partilham da mesma opinião com relação a um determinado assunto, ou ainda partilharem de experiências parecidas. Dessa forma, pertencer a esses grupos só demonstra uma faceta da identidade desses sujeitos, o que poderíamos chamar de uma identidade coletiva, macro. Dada a pluralidade identitária pela qual o sujeito se constitui no mundo, não é possível enxergá-lo apenas por esse processo macro. A fragmentação do sujeito e a sua constante mutação, ou seja, além de poder em dado momento mudar de grupo a depender de sua vontade e momento de vida, ele também pode ser feminista, mas não ser participante do movimento, apenas um expectador distante. O mesmo acontecendo com um antifeminista, o que nos faz retornar ao quadro apresentado por Tejerina (2010) (quadro 1, p. 72), o qual mostra como um movimento social possui participantes diferentes, sempre lembrando que essa posição também não é fixa e pode se transformar em conformidade com o espaço e o tempo, respectivamente a exotopia e a cronotopia, o lugar de fala.

Alguns participantes, por exemplo, colocam-se tanto como antifeministas quanto politizados, dentro da esfera do discurso. Embora tais posicionamentos possam ter afinidade entre si, não significam a mesma coisa nem podem ser tomados como pares, pois, em alguns casos, notamos posicionamentos antifeministas que não se identificavam diretamente com a política, ou pelo menos não nesse enunciado específico, assim como outros enunciados podem ser contra a opressão masculina, mas não necessariamente simpatizarem com os movimentos de grupos feministas.

No caso de T14 (abaixo), temos um enunciado cuja identidade coletiva é antifeminista, assim como também é reacionária, mais precisamente o sujeito se posiciona contra uma ideologia específica, a dos partidos de esquerda, sob a personalidade da então presidente Dilma. Ao mesmo tempo o enunciado também coloca no mesmo grupo comunistas, indigenistas (sic), ateístas, socialistas, negritas (sic), todos como sendo a mesma coisa e operando juntos para fazer uma lavagem cerebral nas pessoas de bem da sociedade. Outro ponto interessante a ser observado é o fato de que a representação maior de todo esse mal está na figura de uma mulher, a então presidente Dilma, a quem ele pede *#foraDilma*.

T14:

#EnemFeminista comunista indigenista negrista ateu classista esquerdista socialista: Gov.faz lavagem cerebral em vc.Cuidado! **#ForaDilma**⁷⁹

Nesse enunciado, vemos tanto a marcação de um posicionamento contrário ao feminismo, por meio da repetição do sufixo “ista”, usado de forma depreciativa, no qual o sujeito mostra seu desprezo pelas categorias que ele considera como sendo apenas “mais do mesmo”, todos dentro de um mesmo grupo pelo qual ele não tem apreço, uma demarcação do que seria o “outro” a quem ele não quer ser comparado. Além disso T14 ainda faz uma acusação de que todos que estejam desse lado, que lhe é contrário, estão agindo no sentido de promover uma “lavagem cerebral”, uma atitude suspeita e de cunho maldoso. A partir dessas escolhas, verificamos o posicionamento do sujeito e percebemos sua identidade reacionária, a qual se destaca principalmente no ataque aberto e expressivo às minorias.

Por fim, ele tenta trazer seu destinatário para o seu lado, informando que o “governo”, o resumo de todas essas minorias que são para ele sinônimas e ruins, sob a tutela da ex-presidente Dilma, o ícone maior representante de todos os adjetivos elencados por ele, estaria fazendo “lavagem cerebral” nas pessoas que estão a favor desse partido ou dos movimentos que ele listou, terminando seu enunciado com uma exclamação “cuidado!”, que denota preocupação, o que lhe auto atribui um caráter generoso, bondoso, totalmente oposto ao inimigo mencionado anteriormente por ele.

Do mesmo modo, um enunciado poder ser contra o feminismo, mas também não se colocar politicamente ao lado do machismo, ou da violência, como é o caso de T17, como vemos abaixo:

T17:

Victor Luccas

@wlucas

Oct 29, 2015

Violência NÃO se combate com mais violência... Assim como machismo NÃO se combate com feminismo. **#Enem2015 #enemfeminista**⁸⁰

Diferente dos tweets anteriores, T17 procura se posicionar em um limbo, fazendo crer uma suposta neutralidade, estado de fora dos movimentos de luta de gênero, visto que nenhum dos movimentos (machismo e feminismo) são a solução para o problema da violência, segundo o sujeito. Para ele, ambos estariam provocando a violência quando se radicalizam em suas

⁷⁹ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags*.

⁸⁰ Enunciado em caixa baixa, com destaque da palavra “não” em caixa alta, seguida de *hashtags*.

posições, sendo, por isso mesmo, malefícios para a sociedade. Ao destacar a palavra “não” em caixa alta, como se estivesse gritando, o sujeito utiliza a dimensão do som que compõe a tridimensionalidade da linguagem, para destacar a negatividade desses movimentos e busca se distanciar de qualquer discurso que esteja ligado a eles. Ao negar o outro, ele constrói sua própria identidade, que não seria de ativista, mas de um simpatizante, no caso, um simpatizante do antifeminismo.

5.2 PERCURSO INTERIOR: #EUEMEUOUTROEU

Esta subseção aborda o diálogo entre o eu-eu, por esse motivo, traremos as categorias elencadas na figura 3 (reapresentada abaixo), a qual explora as micro-categorias de análise que emergem no discurso, na tentativa de responder o nosso segundo questionamento de pesquisa sobre as ideologias que podem ser identificadas nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista*, como veremos abaixo, a partir das análises desses *tweets*.

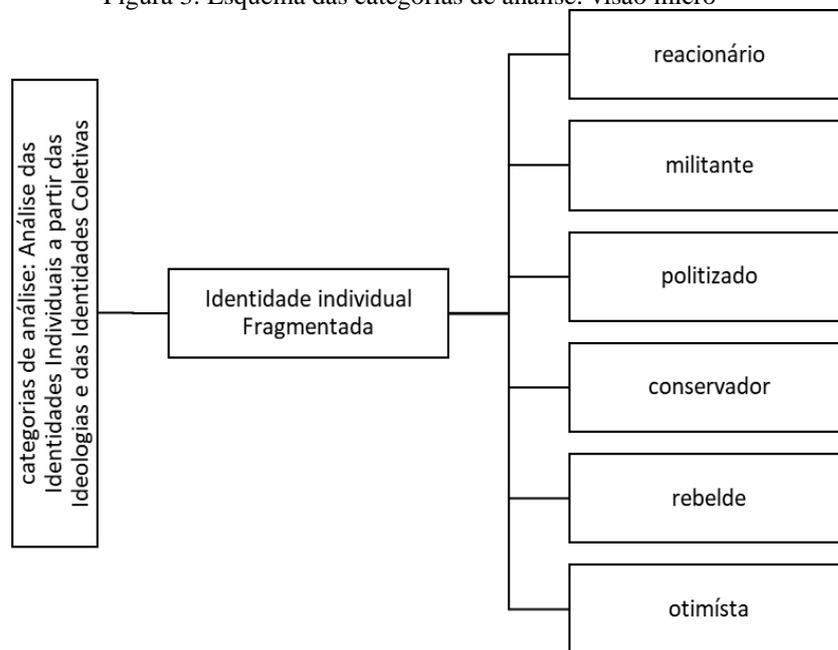
Giddens (2002) mostra que a sociedade se encontra atormentada pelas reviravoltas, as incertezas e as dúvidas tão naturais de um mundo moderno regido pelas mídias, principalmente as mídias virtuais que atualmente detém o maior fluxo de informações e de forma bastante acelerada. Em meio a tantas dúvidas e incertezas, as narrativas surgem mostrando como as identidades podem ser plurais e coexistirem simultaneamente.

Isso se dá pela manutenção das estruturas históricas e patriarcais, mesmo que não seja dito abertamente. Nem sempre uma identidade conservadora será antidemocrática, por essa razão temos sua versão mais rígida, a identidade reacionária. Ela opera por meio da prerrogativa de que as minorias não existem e se existem não devem se impor a maioria, portanto, precisam ser silenciadas, negando a democracia. Nessa direção, podemos ter identidades ativistas que são reacionárias, assim como ativistas que são apenas conservadores, embora, normalmente, conservadores tendem a se tornarem mais simpatizantes e se deixarem mais distantes de um ativismo.

Identificamos também a identidade militante como sendo aquela que se mostra não somente a favor do feminismo, mas se coloca como ativista da luta pelos direitos das minorias, em especial à luta pelos direitos das mulheres. Por vezes essa identidade também se mostra politizada, mas nem toda identidade politizada é necessariamente militante. Isso se dá porque a identidade politizada se caracteriza por um forte viés intelectual, seja de cunho ideológico de direita ou de esquerda, e busca mostrar sua ideologia a partir de citações de grandes personalidades políticas ou embasadas em estudos científicos.

Por fim, temos as identidades otimistas e rebeldes que são mais simpatizantes seja ao feminismo ou ao antifeminismo, entretanto, não militam, usam o tema em forma de provocar humor ou de incentivo. Embora pareça que um discurso mais rebelde esteja sempre a disposição de uma militância, uma vez que ele também procura, por meio do discurso, quebrar paradigmas, modelos hegemônicos utilizando recursos linguísticos como o sarcasmo e a ironia, nem sempre vai se enquadrar como mais próximo ao núcleo de um grupo de pertencimento e assim ser considerado como ativista, como nos mostra T4. Assim, as identidades podem convergir ou divergir. Como mostra a figura 3 (reapresentada abaixo).

Figura 3: Esquema das categorias de análise: visão micro



Fonte: própria autora.

Nessa direção, há construções de identidades que convergem, como é o caso de T9, que é ao mesmo tempo antifeminista, mas que opera sob temas como a igualdade e a necessidade de combater a violência, próprios a uma identidade feminista. Nesse caso, temos uma identidade também parcialmente militante, ainda que sua militância esteja na não necessidade de existir um movimento feminista. Como sua militância não é tão direta quanto a de um ativista, uma vez que ele se coloca como um espectador, pode, pois, ser considerado um participante, como mostra o quadro proposto por Tejerina (2010). Vejamos:

T9:

FocoBrasil
 @Focaremudar

Oct 25, 2015

Ele e o Suplicy querendo agredir mulheres nas manifestações vergonha
#enemfeminista

Paula

@paulacamara_Oct 25, 2015

O tema da redação do ENEM foi uma homenagem ao Zeca do PT- Zeca do PT ameaça dar tapa na cara de uma manifestante⁸¹

Além de mostrar um sujeito participante, em T9, o mesmo enunciado traz fatos que envolvem personalidades políticas, em uma tentativa de também provocar um discurso político, no caso, contra aqueles que estão no PT (Partido dos Trabalhadores). Ao associar o partido identificado de esquerda a um ato de violência contra uma manifestante feminina, o sujeito mostra que o lado político oposto ao mencionado, em que ele se coloca, é o lado certo e aponta os motivos para não se associar ao outro lado, não somente como forma de confirmar seu posicionamento, como também de convencer o outro. Também procura quebrar a expectativa de que partidos de esquerda lutam pelos direitos das minorias, ao colocá-los diretamente como os provocadores da violência, mesmo que em forma de ameaça.

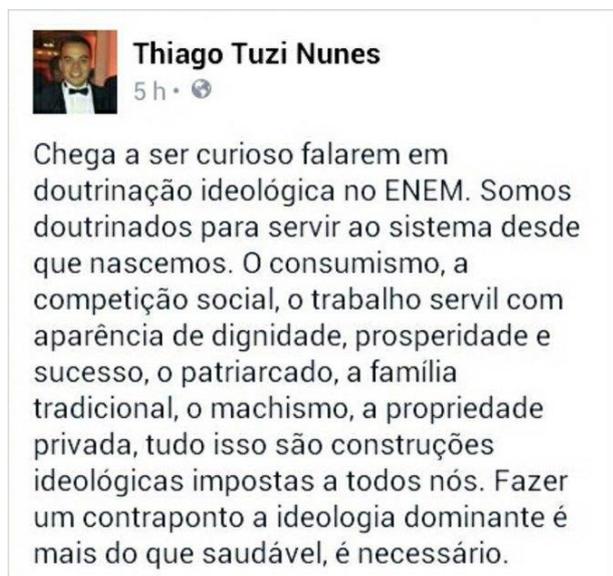
É importante, contudo, destacar que denunciar o ato de violência e se posicionar contra ele não o coloca, automaticamente, no grupo de pertencimento do feminismo, pois a defesa do sujeito não está no que o feminismo apregoa, todavia a violência aqui é usada como arma para atacar o lado declaradamente a favor das minorias, os movimentos de esquerda, um disfarce em que o sujeito utiliza o discurso do outro para refutá-lo em seu próprio território, isto é, como um partido que se diz contra a violência está cometendo violência? Logo, o Exame Nacional, produzido em um governo de esquerda que se posiciona a favor do feminismo e contra a violência, não pode ser levado a sério.

Nesse ponto, podemos retomar T4 e T5, um ativista feminista, por se posicionar no centro da luta, como mostra o quadro de Tejerina (2010), e o outro também é um ativista, porém reúne ao mesmo tempo uma identidade conservadora antifeminista, respectivamente, ambos utilizando o tom humorístico concomitantemente. Diferente de T16, cujo conteúdo passa por assuntos mais sérios e procura trazer uma reflexão sociopolítica, sendo, pois, ao mesmo tempo, militante, politizada, ativista. Vejamos:

T16:

⁸¹ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags* e um *repost* também em caixa baixa.

Sobre a "doutrinação ideológica" do ENEM. [#Enem2015](#) [#Enem](#) [#enemfeminista](#)
[#enemdia2](#)⁸²



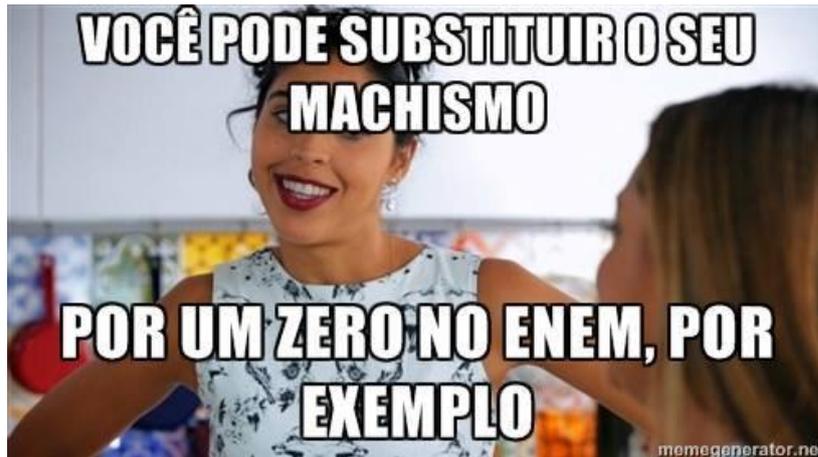
Sob as palavras-chave “doutrinação ideológica”, destacadas no enunciado pelo uso das aspas, T16 aborda assuntos de cunho social, refutando a voz do outro que está do lado contrário ao seu, uma voz que ressoa no texto, a cada argumento por ele utilizado. A partir de uma listagem não curta, de ações e terminologias, o sujeito explica o caráter ideológico que pode ou não ter caráter doutrinário. Ao mesmo tempo, o sujeito consegue informar que o Exame possui sim uma ideologia “um contraponto saudável”. Assim, ao atacar a ideologia do outro e a colocar como doutrinária e opressora, o sujeito coloca o Exame, e a si mesmo, como um “não doutrinário”, apenas ideológico, pois não existe ausência de ideologia em nenhum dos casos, sejam opressores ou oprimidos.

Em T16, podemos verificar o embate social e o jogo de vozes, a responsividade e a constituição da identidade por meio da alteridade, embora não faça uso de imagem, podemos recuperar o som, a partir da escolha de formatação textual, na qual o sujeito utiliza mais uma vez o recurso da listagem de itens que pertencem, para ele, ao mesmo campo semântico, o que reforça a ideia de exaustão, de imposição e de doutrinação pela qual a sociedade passa. Esse recurso é mais sutil que o apresentado em T4 e T5, por exemplo:

T4:

[#enemfeminista](#) Rindo até **2018!!!** Hahahahahaha

⁸² Descrição: enunciado em caixa baixa, seguida de hashtags e um *repost* também em caixa baixa.



Em T16, o sujeito se mostra ativista e utiliza um tom mais “sério” em seu discurso, utilizando exemplos e nomenclaturas próprias a um discurso mais politizado. T4, por sua vez, também carrega seu discurso de ideologia e milita pela causa das minorias, entretanto, seu tom é mais humorístico, trazendo um exemplo em forma de paródia e utilizando uma personagem reconhecida na TV. O mesmo emprego humorístico de T4 é feito em T5 e em T8.

T5:

#AprendiNoEnem que ninguém nasce mulher, se torna mulher. #Enem2015
#enemfeminista



T19:

João Pedro M. F.

@MFJoaoPedroMF

Oct 25, 2015

#enemfeminista Se as mulheres ficassem em casa fznd comida e lavando roupa não existiria violência contra **mulher**⁸³

Em T19 retornamos a um discurso mais sério e ao uso da listagem, porém nesse caso uma lista mais curta do que as mulheres deveriam fazer para não serem agredidas, sob um discurso em tom emotivo-volitivo.

Em T5, utilizando o humor como véu, contrário às minorias, próprio de uma identidade conservadora que procura manter as estruturas “sólidas” com as quais está mais familiarizado e seguro, faz um ativismo bem menos marcado verbalmente, mas fortemente perceptível pelo visual, o imagético recuperado na foto da ex-BBB. Para que a estrutura não se desfaça, ele tenta ridicularizar o outro, por meio de um jogo de palavras, como já mencionado na subseção anterior.

Por outro lado, T19, que também se apresenta como conservador, não consegue o mesmo tom humorístico e caminha para uma identidade reacionária, ao justificar a violência que existe contra a mulher pelo fato das mulheres terem modificado as funções que exerciam desde sempre no lar. Fica implícito que ao saírem de casa para o mercado de trabalho, ou seja, da função de “dona de casa”, “lavando e fazendo comida”, a violência é inevitável e até mesmo bem vinda como uma punição pela tentativa de se inserir em um papel que não lhe foi conferido de nascença, a prisão do corpo, o segundo sexo, inferior, subalterno. O micromachismo é

⁸³ Enunciado em caixa baixa, acompanhado de *hashtags*.

perceptível na escolha dos signos, são ecos de velhos discursos conhecidos, tais como, “lugar de mulher é na cozinha”, ou ainda a mulher deve ser “bela, recatada e do LAR”.

Embora alguns traços identitários estejam muito próximas – conservadora e reacionária, por exemplo –, há pequenos detalhes que as separam, não é necessariamente por ser conservadora que você imediatamente vai ao extremo, entretanto, a linha que as separam é muito tênue e muitas vezes rompe-se facilmente. Podendo também acontecer o movimento oposto, como é o caso de T5, cuja identidade, apesar de não demonstrar imediatamente ser conservadora, pode facilmente chegar a ser reacionária, o que também nos mostra que identidades podem parecer estar muito distantes e ainda assim convergirem (T5).

Essa alternância entre as identidades presentes em T4, T5 e T19 nos levaria a figura 5, a qual mostra a dinâmica em que o sujeito está inserido. Essa figura 5 é ainda uma ilustração das forças centrípetas e centrífugas, como detalharemos abaixo.

Figura 5: Movimento centrípeta e centrífugo das identidades



Fonte: própria autora

Como mencionado, percebemos que existe uma força centrípeta e centrífuga que operam, simultaneamente, para a formação das identidades, as quais, por sua vez, são plurais e convergem ou divergem em dados momentos, como verdadeiros jogos de espelhos. O movimento é sempre de vaivém, uma constante tensão que é aliviada no momento que o sujeito produz o enunciado e narra sua frustração ou mostra sua luta social, como bem aborda Hall (2005), ao tratar da crise identitária que os sujeitos sofrem na modernidade recente, como aponta Moita Lopes (2013), ou como nomeia Bauman (2005), líquido.

5.3 PERCURSO EXTERIOR: #ESFERASDECOMUNICAÇÃO

Nesta subseção, veremos como a esfera comunicativa influencia na significação identitária, respondendo, dessa forma, a nossa terceira e última questão de pesquisa de pesquisa, a saber: considerando o processo de construção identitária em uma relação não indiferente eu-outro, que relações podemos estabelecer entre as identidades e os posicionamentos ideológicos identificadas nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista*?

Como mencionado na seção metodológica, além de identificar as identidades, o que foi possível por meio da relação eu-outro e eu-eu, também é preciso identificar a emergência dos posicionamentos ideológicos que permeiam os enunciados postados na mídia social em análise e compreender essas identidades e ideologias no mais amplo contexto das esferas de comunicação em que se inserem. Isto é, entender a constituição identitária é também entender as ideologias assumidas e como essas práticas estão atreladas às esferas comunicativas, por isso, cada posicionamento, cada voz ecoada nos enunciados não tem alibi, como já nos mostrou Bakhtin.

A utilização da imagem feminina para representar o posicionamento ativista, seja ele um sujeito reacionário ou militante das causas feministas está também presente em T8 (logo abaixo) que utiliza o riso como um meio de fazer desmoronar o discurso alheio. Nesse caso específico, o sujeito afirma seu posicionamento axiológico a partir do jogo de pertencimento, dos argumentos de peso encontrados nas figuras icônicas das três personalidades históricas da luta feminina: Rosa Luxemburgo, Simone de Beauvoir e Emma Goldman, e na utilização da prosódia marcada no texto. É a costura, a interação entre imagem; som provocado pela troca da letra em “chora” por “chola”, que dá ideia da infantilidade acometida pelo lado contrário; o verbal em tom emotivo-volitivo que produz o efeito do riso, o que deixa transparecer a identidade assumida pelo sujeito.

T8:

Bruna dos Anjos

@brubsdosanjos

Oct 25, 2015

Rosa Luxemburgo, Simone de Beauvoir e Emma Goldman <3 *chola mais, machistas*
#Enem2015 #enemfeminista #Enem⁸⁴



Como reconhece Machado (2010), é um truísmo para os teóricos do Círculo bakhtiniano que a noção de tempo é dialógica e, portanto, não está diretamente ligada a noção de tempo cronológico “entidade-absoluta” (MACHADO, 2010, P. 209), em razão disso o sujeito é marcado socio-historicamente. No caso de T8, vemos um passeio por tempos diferentes que se encontram em diálogo com o ano do enunciado aqui analisado, visto que, o ano de 2015 foi sem dúvidas o ano da luta pelo empoderamento feminino, desde filmes, propagandas, memes, *hashtags* e a própria prova do ENEM. A luta precisava ser acirrada, uma vez que figuras femininas proeminentes, como era o caso da ex-presidente Dilma – a primeira presidente mulher do Brasil –, eram constantemente ridicularizadas e atacadas, sendo o cronotopo essencial no processo de compreensão da constituição identitária, não apenas pelo diálogo temporal dentro do enunciado, como também para entender a rapidez com que esses enunciados se propagam e tornam-se notícia nova e notícia antiga.

Dessa forma, é preciso entender a linguagem como demarcada histórica e socialmente, movendo-se em esferas que, por sua vez, também não são fixas. Essas esferas operam em conjunto promovendo, apagando, (re)inventando no fluxo de informações ao qual somos expostos todos os dias. Lèvy (1999, p. 119) explica que

⁸⁴ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags* e uma foto/meme em preto e branco de três mulheres fumando caximbo na praia, com textos escritos em caixa alta. Embora a foto seja descrita como sendo Rosa Luxemburgo, Simone de Beauvoir e Emma Goldman, sabemos que não se tratam das três personalidades históricas.

é bem verdade que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio informacional, mas a densidade dos links e a rapidez de circulação são tais que os atores da comunicação não possuem mais nenhuma dificuldade séria para compartilhar o mesmo contexto, ainda que essa situação seja ligeiramente escorregadia e muitas vezes confusa.

Isso se dá porque o ciberespaço é uma esfera de comunicação muito veloz e que opera sob um cronotopo diferenciado, pois um *tweet* mesmo recém-publicado pode se perder no emaranhado de novas publicações simultâneas. Essa velocidade e desobediência à forma linear do tempo, assim como também à necessidade de suprir a demanda alta de informações em pouco tempo, faz com que esses enunciados sejam um universo fértil, por essa razão, para a hibridez dos gêneros que se fundem fazendo brotar outros novos, cada vez mais dialogizados.

Esse processo de fundição e surgimento de novos gêneros ocorre, como já mencionado, de maneira mais acelerada para dar conta de tanta informação e da necessidade de interação entre os internautas, sendo, pois, o exotopo e o cronotopo dois importantes catalizadores desses gêneros e, conseqüentemente, das identidades. Nos *tweets* a seguir temos a presença do diálogo entre gêneros e discursos diferentes, de esferas de comunicação diversas, que são retomados a partir da memória discursiva do enunciador e do destinatário.

T10:

Guria, hj vc consegue prestar uma prova
e visar uma universidade graças as "feminazis". #Enem2015 #enemfeminista⁸⁵



O CHORO A SEGUIR É LIVRE
PARA TODOS OS PÚBLICOS

T12:

#enemfeminista #Enem2015⁸⁶

⁸⁵ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags* e um *repost* em caixa alta, acompanhado de um emblema reconhecido por sua utilidade em programas televisivos para descrever programas “livres para todos os públicos”.

⁸⁶ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags* e um *repost* também em caixa baixa, fazendo alusão ao texto da campanha publicitária dos cartões Mastercard, amplamente conhecido e reutilizado.

Caneta: R\$ 2,50.
 Garrafa de água: R\$ 3,50
 Barra de cereais: R\$ 3,00

Saber que rapazes misóginos
 tiveram uma síncope ao ver que
 a redação do Enem foi sobre a
 persistência da violência contra
 a mulher: Não tem preço.

1 MIN · PUBLIC

T15:

Uma prova do #Enem2015 sem doutrinação marxista #Enem #enemfeminista⁸⁷

Uma prova do ENEM sem doutrinação esquerdista seria tipo assim: "ao dizer que 'combustível fóssil é o cu da sua mãe'", o filósofo Olavo de Carvalho pretendeu denunciar:

- a) a pseudociência da arqueologia e a desconstrução da narrativa bíblica da criação.
- b) o domínio do Foro de São Paulo sobre a imprensa e o empresariado no Brasil.
- c) a farsa do aquecimento global e seu papel na orquestração illuminati.
- d) a ideologia de gênero e sua função emasculadora sobre a sociedade ocidental.
- e) seu cu, ora porra.

Os três casos acima possuem textos que pertencem a outras esferas comunicativas, a saber, respectivamente: indicação/legenda de programa de televisão⁸⁸, campanha publicitária de um cartão de crédito⁸⁹ e enunciado de uma prova de múltipla escolha⁹⁰. Embora possam parecer estar fora de seu contexto e perder sua função original, esses gêneros são utilizados aqui como constituintes da narrativa, o enunciado é formado pela junção entre eles, ressignificando-os, sem, contudo, tirar sua essência original, pois é essa essência que contribui para o efeito de humor. Isso é dialogismo puro, resposta a outros enunciados.

Nessa direção, podemos verificar que T10, T12 e T15 fazem um jogo de diálogo não apenas entre as vozes dos grupos contrários, mas também com as esferas comunicativas e temporais diferentes as suas. T8, por exemplo, faz um diálogo com a esfera de comunicação televisiva, ao colocar o símbolo de “livre para todos os públicos”, imagem que reforça o

⁸⁷ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags* e um *repost* com um texto escrito no formato típico de uma questão de alguma prova objetiva (como o ENEM, por exemplo), com múltiplas opções de resposta.

⁸⁸ Vide anexo 4.

⁸⁹ Vide anexo 5.

⁹⁰ Vide anexo 6.

posicionamento do sujeito a favor do movimento feminista de maneira mais ampla, ainda que não mencione em seu discurso de que lugar do movimento (quadro 3, p. 129) está falando. É a essa ideia mais ampla do feminismo que o sujeito atribui a conquista do direito a fazer a prova e ter ingresso nas universidades, como uma resposta às vozes contrárias. A palavra “livre” aqui ganha especial significado, pois não apenas mostra o sarcasmo para com os opositores, como também a própria ideia de liberdade que é tão cara ao feminismo, a liberdade de controlar seu próprio corpo, inclusive o direito de chorar.

O enunciado ainda trabalha com a figura da ironia ao colocar “feminazis” entre aspas, uma vez que o sujeito entende que essa palavra pertence ao campo semântico do seu grupo oposto e é utilizada em tom pejorativo, uma vez que recupera a ideia do nazismo, de algo terrível e totalitário, ou seja, reupera-se o Exotopo. Outra expressão retomada do campo semântico oposto é “o choro é livre”, uma vez que os grupos que consideram o feminismo como um movimento de vitimização a utilizam para mostrar a fragilidade feminina e sua tendência, segundo eles, ao “drama”. Vemos novamente a carnavalização de que trata Bakhtin, no qual o choro e o riso possuem um lugar especial de (des)equilíbrio.

Por sua vez, T12 resgata uma publicidade da marca de cartões *Mastercard* que ganhou muita notoriedade no Brasil, nos anos 2000, por ter como mote de sua campanha publicitária a possibilidade de aquisição de produtos caros que poderiam ser comprados com o uso do cartão de crédito e que, por causa disso, proporcionariam momentos que não teriam preço. Essa imagem desmitificaria o caráter capitalista da marca e lhe conferiria o papel de “amigo” capaz de proporcionar ao seu portador experiências únicas e emotivas. Enfim, o cartão evidenciava que objetos materiais podem e devem ser comprados com o cartão, ao passo que os sentimentos e sensações, que não podem ser quantificados monetariamente, viriam em seguida como valor agregado. Vejamos o slogan:



Em uma brincadeira de jogo de palavras, o sujeito apresenta três objetos simbólicos para o momento de avaliação, por estarem presentes na maioria das cadeiras dos candidatos e reforçarem a memória discursiva desses, que seriam: a caneta, a garrafa de água e a barra de cereais, com seus respectivos valores de mercado, bem baratos se comparados com os produtos veiculados nas propagandas originais do cartão Mastercard. O elemento novo, acompanhando a mesma sequência do roteiro da propaganda do referido cartão, é o enunciado que afirma: “saber que rapazes misóginos tiveram uma síncope ao ver que a redação do Enem foi sobre a persistência da violência contra a mulher”, para o qual não há correspondência de valor monetário, mas há valorização simbólica, da mesma forma que as sensações apresentadas na

propaganda. Entender o tom emotivo-volitivo presente nesse texto requer do interlocutor a memória discursiva da propaganda dos cartões de bandeira *Mastercard*, assim como a experiência em fazer o Exame e o conhecimento da existência de pessoas contrárias ao tema.

Por fim, T15 também dialoga com outro gênero discursivo, nesse caso, a própria estrutura de uma prova de múltipla escolha. No entanto, no lugar de questões reais, ele aborda a questão da “doutrinação marxista”, também utilizando a ironia para colocar em xeque os argumentos do grupo com o qual ele não tem identificação: os antifeministas e representantes de um perfil partidário contrário ao seu. Para tanto, ele retoma não uma, mas cinco frases proferidas por um dos ícones da extrema direita brasileira, Olavo de Carvalho, considerado por muitos como uma espécie de intelectual autodidata, e reproduzidas pelo grupo ao qual ele supostamente pertence, terminando com uma frase de baixo calão, fazendo menção ao uso constante de palavrões do “guru” Carvalho, como é conhecido por alguns. Para recuperar essas informações é preciso que o interlocutor conheça o “guru”, ou pelo menos sua tendência a um discurso mais agressivo com uso de injúrias, palavrões e ataques sistemáticos aos opositores.

Nos três casos, a mistura de gêneros faz com que a propaganda, a prova de múltipla escolha e o signo televisivo ganhem novos *status*, os enunciados extrapolam a função social de seu gênero e assumem uma nova função comunicativa, são respostas a outras vozes e passam a provocar novas respostas, conseqüentemente, novas vozes para dialogar. Nesse caso, não há preocupação em encaminhar para um destinatário único, idealizado e que somente concorde com que é dito, o interlocutor preenche as lacunas, ele é plural, tanto pode ser alguém que concorda, como alguém que diverge do pensamento apresentado, ou ainda alguém que concorda em partes, tornando-se um companheiro de militância, um simpatizante ou um opositor.

Todavia, esse diálogo nem sempre estará tão explícito. Se prestarmos atenção à imagem e à mensagem de T13, a seguir, na qual veremos que o diálogo é mais restrito ao próprio universo das *hashtags*, uma vez que ela recupera outra *hashtag* também utilizada no período e até mesmo antes dele⁹¹, a saber, *#machistasnãopassarão* – uma palavra de ordem apresentada tanto pelos movimentos feministas, como pelos militantes das questões das minorias.

⁹¹ A primeira aparição no Twitter data de 2013.

T13:

Michely Coutinho**@michelycoutinho****Oct 25, 2015****Machistas não passarão... no vestibular! #enemfeminista #Enem2015⁹²**

O sujeito faz um trocadilho com o verbo passar no futuro – “passarão” –, que tanto está presente na *hashtag*/palavra de ordem supracitada, como também pode ser assumido, como no caso do enunciado, como sinônimo para “ingressar na universidade”. Para ganhar esse novo sentido e conseguir produzir o efeito de humor, o sujeito utiliza as reticências, seguidas de “no vestibular”, assim como as fotos do tema da redação apresentados pelo MEC nas redes sociais e uma foto da prova de 2015.

Há ainda a correlação com outros discursos de esferas mais institucionais como Leis⁹³, Pactos⁹⁴ e Instituições representadas pelos seus dirigentes – Exército, Legislativo e Igreja. Como veremos a seguir:

T6:

Back to this bitch that had a lot to say about me the other day in the press; Bolsonaro, what's good?⁹⁵ #Enem2015 #enemfeminista⁹⁶

⁹² Enunciado em caixa baixa, seguida de hashtags e uma colagem com imagens cedidas pelo MEC sobre a temática da redação e um *repost* também em caixa baixa acompanhado de uma foto da prova de Ciências humanas e suas tecnologias.

⁹³ Vide anexo 7.

⁹⁴ Vide anexos 2 e 3.

⁹⁵ “E agora, voltem com esta vadia que tinha muito a dizer sobre mim esses dias para a imprensa? E aí, Bolsonaro?” (tradução livre).

⁹⁶ Enunciado em caixa baixa, em língua inglesa, seguida de *hashtags*.

Esse enunciado faz referência direta a um diálogo com outro enunciado proferido no mesmo ano pela rapper Nicki Minaj⁹⁷, trocando apenas o nome de Miley Cyrus pelo do então deputado e hoje presidente Bolsonaro. Na época, a cantora que estava em um evento de premiação no qual era homenageada, em seu discurso de agradecimento citou seu desafeto, sua colega de profissão Miley, com quem tinha se desentendido em razão de Miley ter dado uma entrevista em que falava mal de suas músicas. O sujeito recupera o diálogo e lhe confere um novo sentido, fazendo alusão também ao discurso do então deputado Jair Bolsonaro que havia dito “tão grave quanto a corrupção é a doutrinação imposta pelo PT junto a nossa juventude” e ironizou afirmando que ENEM seria uma sigla para “Exame Nacional do Ensino Marxista”. Com isso, percebemos a existência de alguns nós interpretativos que se entrelaçam em uma cadeia infinita de comunicação entre enunciados, ou seja, “enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com que concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem” (GERALDI, 2012, p. 33).

A escolha por um discurso proferido por um mulher negra, cantora de Funk e estadunidense também foi intencional, uma vez que o então deputado estava envolto em algumas polêmicas que o ligavam diretamente a discursos de ódio contra mulheres, lgbtq+, negros, nordestinos e também tinha (ainda tem) uma grande admiração por toda a cultura norte americana, chegando várias vezes a reverenciar a bandeira dos EUA. O sujeito, aqui, consegue trazer todos esses discursos à superfície e convida diretamente o então deputado ao desafio de voltar a falar mal do Exame na imprensa, o que recupera diretamente a constante presença do parlamentar (e em 2020 presidente da república) em discursos nas redes sociais e ligado sempre a matérias em mídias convencionais por seu discurso de ódio.

T14:

O **#ENEM** ensina o aluno lúcido a mentir e escrever bobagens! 90% dos quase 60 mil assassinados são homens. **#enemfeminista** **#feminazi**⁹⁸

T14, por sua vez, informa, ainda que de forma especulativa e sem apresentar as fontes das estatísticas apresentadas, dados referentes ao número de assassinatos no país, os quais se transformam em base para seu posicionamento, afinal, “contra fatos não há argumentos”. Logo, ser lúcido é entender que não existe feminicídio, uma vez que homens são, em números, mais

⁹⁷ Ver original no anexo 9.

⁹⁸ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags*.

vítimas de assassinato do que mulheres e que o ENEM provoca no aluno um “retardo”, impondo a ele a obrigação de “mentir” e “escrever bobagens”.

Ao trazer números, porcentagens e ainda a maneira afirmativa com que aborda o dado, o autor confere ao seu discurso o *status* de verdade absoluta e inquestionável, ainda que perante uma análise mais detalhada e crítica percebamos que não há fontes e respaldo para suas afirmações. Nesse sentido, o sujeito se apropria, mesmo que de maneira imprópria, do discurso institucional público de autoridade divulgado por delegacias e tribunais que coletam e fornecem dados estatísticos sobre a violência na sociedade, para legitimar o seu discurso. Assumir esse discurso é também assumir a valorização que estas instituições possuem e tentar circunscrever as respostas a um discurso hegemônico de pessoas favoráveis ao seu posicionamento antifeminista.

T23:

Um pastor e um militar reclamando de doutrinação no ENEM. #euvivipraverisso #Enem2015 #enemfeminista⁹⁹

Da mesma forma, T23 também recorre a duas grandes instituições, a saber, o Exército Brasileiro e a Igreja para compor seu enunciado. Para resgatar o sentido no enunciado, precisamos de antemão entender o contexto ou a esfera de comunicação ao qual fazem parte.

O exército possui em seu histórico nacional a implementação da “ditadura militar”¹⁰⁰, a qual durante onze anos reprimiu e oprimiu a sociedade brasileira de forma violenta. A Igreja, ou o conservadorismo de uma maneira geral, por outro lado, também possui em seu histórico inúmeros momentos de intolerância¹⁰¹, como episódios de quebra de santos e insultos a outras religiões, dentre outros. Assim como o Exército, a Igreja possui dogmas, regras, chamadas de doutrinas que regem e ditam as práticas dentro dessas esferas.

Ao colocar as figuras do “militar” e do “pastor”¹⁰², o internauta ironiza a palavra “doutrinação” e retoma toda a memória discursiva não somente sua, como também de seu interlocutor, apontando para a disparidade em pessoas que estão imbuídas de doutrinas ideológicas considerar uma prova que traz a temática da violência contra a mulher como uma “doutrinação”. Nesse caso, o sujeito mostra, assim como T15 e T16, que não há discurso sem

⁹⁹ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags*.

¹⁰⁰ Ditadura Militar do Brasil diz respeito ao regime instaurado em 1 de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de militares. De caráter autoritário e nacionalista, teve início com o golpe que destituiu o governo de João Goulart, o então presidente democraticamente eleito.

¹⁰¹ Não são todas as igrejas, nem todos os praticantes.

¹⁰² Referência direta aos então deputados Bolsonaro e Feliciano, respectivamente.

ideologia e que a doutrinação é um conceito de que as pessoas se apropriam independentemente do lugar que ocupam, cada qual, é claro, empregando-o da forma que lhes convém.

Assim como T14, T20 também retoma o discurso das esferas institucionais de coleta de dados, pois compara novamente a violência de gênero, o feminicídio, com a violência que caracteriza o homicídio – assassinato sem importar o gênero, etnia, idade, religião. Vejamos:

T20:

Não existe violência contra o homem, idosos, crianças no país. Segurança pra todos pra que né!? As feminazis agradecem. Eca! **#EnemFeminista**¹⁰³

Novamente temos a presença marcante da ironia, transmitida pelo uso da interrogação e pela afirmação posterior “as feminazis agradecem. Eca!”. Essa colocação deixa subentendido que a violência contra a mulher não existe, sendo uma criação do grupo adversário, “as feminazis”, para desvirtuar a verdadeira preocupação, que segundo o sujeito seria “a segurança para todos”. O uso da onomatopeia “eca” mostra a tridimensionalidade do discurso verbivovovisual, pois é uma mostra do som, que remete ao tom emotivo-volitivo do sujeito que se sente enojado pelo discurso do grupo feminista, mais precisamente das “feminazis”, e, conseqüentemente, não quer ser colocada no mesmo grupo, ou seja, sua identidade se constitui na negação do outro que lhe causa repulsa.

Esse discurso evoca outras vozes, ao colocar “segurança para todos”, o sujeito remete-se ao discurso da “igualdade perante a lei” e faz o apagamento do real sentido da Lei do Feminicídio, o qual diz respeito ao homicídio cometido por razões exclusivamente de gênero. Esse discurso mais tarde forçou o MEC a repensar alguns pactos nacionais¹⁰⁴, como em 2019, quando o presidente sancionou um pacto que previa não somente proteger as crianças vítimas de violência, como também as crianças que presenciavam a violência, sendo o foco a violência em si e não especificações como o feminicídio, ou a violência por homofobia, conceitos que não fazem parte da lista de prioridades do nosso atual governo.

Trazer à baila a temática da “igualdade” é, de certa forma, utilizar o discurso do grupo adversário contra ele mesmo, recurso que também verificamos em T9.

¹⁰³ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags*.

¹⁰⁴ Vide anexo 2.

T9:

Ele e o Suplicy querendo agredir mulheres nas manifestações vergonha
#enemfeminista
Paula
 @paulacamara_Oct 25, 2015
 O tema da redação do ENEM foi uma homenagem ao Zeca do PT- Zeca do PT ameaça
 dar tapa na cara de uma manifestante¹⁰⁵

O sujeito se coloca aqui como alguém contrário à ideologia que ele acredita ser de cunho esquerdista, evidenciado pela presença nas manifestações dos partidos de direita e pela acusação aos políticos de esquerda “Zeca do PT” e “Suplicy”. Assim como T20, T9 aborda um tema cativo aos participantes do grupo prófeminismo para mostrar as incongruências da esquerda e explicar como o tema usado na redação foi incoerente, ao colocar a palavra “homenagem” para descrever a prova. Essa interpretação é possível ao olharmos as esferas em que estão inseridos, ambos possuem uma identidade politizada, no entanto, T20 também pode ser identificada como conservadora.

Ademais, a condução do MEC e consequente gerência da prova do ENEM estava, no ano de 2015, ligada a um governo de esquerda, no caso o PT, e os agressores também estavam ligados ao partido do PT, logo, não fazia sentido o reforço de que a violência era algo que precisava ser combatido. Nesse sentido, o uso da palavra “homenagem” reforça a ironia no enunciado. Em T21, também temos a “incongruência” como fio tensor do enunciado. Vejamos:

T21:

#enemfeminista O tema da redação é violência contra a **mulher** mas não fale dos casos em que ela volta para o agressor e retira a queixa heim¹⁰⁶

Para o internauta, a violência contra a mulher não vem a ser um tema adequado pois no caso dessa prática de violência, especificamente, a “culpa” é da mulher que “volta para o agressor e retira a queixa”. Por meio de um verbo no imperativo precedido de uma negação “não fale”, T21 ironiza e mostra que não há correspondência entre o tema e a realidade, isto é, traz à baila as vozes contrárias à prova por entender que a violência existe porque há mulheres que se submetem e aceitam a violência. Como muitas delas voltam para o agressor e retiraram as queixas, o sujeito dá a entender que isso se deve porque as vítimas gostam daquela prática, daquele tratamento.

¹⁰⁵ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags* e um *repost* também em caixa baixa.

¹⁰⁶ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags*.

Esse mesmo discurso é visto em T22 e T24, abaixo, que colocam na mulher toda responsabilidade pela violência sofrida, sempre fazendo uso da ironia para justificar sua posição antifeminista. No caso de T24, ele resolve o problema da violência fazendo um trocadilho com a frase de Beauvoir, dizendo que “se ninguém nasce mulher, logo não há violência contra a mulher”, minimizando e retirando de seu contexto original, transformando em uma sátira de humor raso, dois conceitos profundos e necessários socialmente.

T22:

Francisco Amado
 @revistacalibre
 Oct 26, 2015
 #EnemFeminista Existe algo mais MACHISTA do que afirmar que: "NINGUÉM NASCE MULHER"?¹⁰⁷

T24:

Mário, que Mário? 
 @Marioayalla
 Oct 26, 2015
 Se ninguém nasce **mulher**, não existe **mulher**, se não tem **mulher** não tem violência contra **mulher** #enemfeminista¹⁰⁸

Novamente percebemos o uso equivocado do conceito apresentado em *Segundo Sexo*, de Simone Beauvoir, mostrando claramente que esses sujeitos não tiveram a oportunidade de ler o texto na íntegra, minimizando todo o construto filosófico imputado aos verbos “nascer” e tornar”, sempre de maneira descontextualizada e superficial, para servir de argumento para um conservadorismo e para ativismos antifeministas.

Já T16, assim como T15 e T23, também aborda a relação entre a prova e a doutrinação ideológica e faz um diálogo direto com o discurso de outro internauta que, por sua vez, dialoga com ideais do Marxismo. Vejamos:

¹⁰⁷ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags*.

¹⁰⁸ Enunciado em caixa baixa, com a palavra “mulher” em negrito para destaque, seguida de *hashtags*.

T16:

Sobre a “doutrinação ideológica” do ENEM. #Enem2015 #Enem #enemfeminista #enemdia2¹⁰⁹



Thiago Tuzi Nunes

5 h • 🌐

Chega a ser curioso falarem em doutrinação ideológica no ENEM. Somos doutrinados para servir ao sistema desde que nascemos. O consumismo, a competição social, o trabalho servil com aparência de dignidade, prosperidade e sucesso, o patriarcado, a família tradicional, o machismo, a propriedade privada, tudo isso são construções ideológicas impostas a todos nós. Fazer um contraponto a ideologia dominante é mais do que saudável, é necessário.

O enunciado nesse caso começa com “sobre a “doutrinação ideológica” do ENEM”, para em seguida utilizar as palavras de um outro internauta que para ele resumem sua própria opinião sobre o fato. O segundo enunciado mostra que a doutrinação e até mesmo a ideologia não são uma exclusividade de Marx, mas uma condição humana, uma vez que, segundo ele, somos doutrinados desde o momento do nascimento pelo sistema vigente, representado por: consumismo, competição social, trabalho servil, prosperidade, patriarcado, família tradicional, machismo e propriedade privada.

Ao fazer essa leitura e evidenciar a ideologia como uma construção e que precisa ser abordada e questionada, o internauta recupera a sobriedade e a necessidade da prova, fazendo com que seu destinatário a veja como algo “necessário e saudável”. Isso implica dizer que o sujeito se vê como um ativista, um militante que, ao construir a imagem de si, também carrega as vozes, os discursos de outros dos quais se apropria como arma para argumentar, tais como o que seria uma doutrinação, o que seria uma opressão e qual seria seu lugar de fala nesse discurso. Assim, unem-se o individual e o social.

De fato, a *conclusibilidade* do enunciado, isto é, o fato do falante ter dito tudo aquilo que queria, lhe “assegura a possibilidade de resposta” (BAKHTIN, 2003). É a responsabilidade pelo dito e a sua característica responsiva que possibilita o estudo das identidades. Nessa

¹⁰⁹ Enunciado em caixa baixa, seguida de *hashtags* e um *repost* também em caixa baixa.

direção, esta seção serviu para refletir sobre as identidades fluidas que se (des)construíram por meio do discurso, mais precisamente dos *tweets* que refletiram as narrativas do “eu”¹¹⁰ sobre a temática do ENEM 2015: “a persistência da violência contra a mulher”.

5.4 PERCURSO FINAL: #ASSIMEXISTO?

Sabemos que em meio a uma realidade dúbia em que podemos viver no mundo físico e no mundo virtual simultaneamente, nesse entrelaçado de informações, filtramos aquilo que nos interessa, descartamos o que consideramos desnecessário, reciclamos conceitos e moldamos todas essas informações para traçar o fio condutor para nossa identidade, cambiando a depender das esferas e dos impulsos/respostas que obtemos ou damos no percurso. Como consequência, posicionamo-nos no mundo seja de forma mais contundente, revestido de uma identidade ativista, ou de forma mais distante, defendendo a própria face, a partir de uma atitude mais simpatizante, ou seja, nossas escolhas constituem nossa identidade.

Por fim, pudemos perceber que, por meio das ideologias que emergiram no discurso, foi possível traçar as esferas, o lugar de fala dos sujeitos e, assim, verificar o movimento das identidades coletivas e individuais. A utilização de gêneros híbridos, a resignificação e o acesso à memória ajudou no processo de responsividade, contribuindo para que as identidades, em uma dança descompassada, pudessem ser constituídas. Através do verbal e do não verbal (som e imagem) no discurso, o sujeito se coloca no mundo e atribui valores, demonstra emoções, opera na alteridade, (des)caracterizando-se quantas vezes considerar importante. De maneira mais ampla, seria o discurso a mola propulsora dessas transformações necessárias, orgânicas, tal qual seu caminho percorrido e a finalidade pelo sujeito almejada.

¹¹⁰ Referência a Hall (2005).

Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo, não
[...]
Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim
[...]
Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera minha visão
Foi tanto sim, que agora digo não
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

(Trecho da letra da música *Dona de mim* da cantora Iza)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: #SERÁ?

As discussões desta pesquisa mostraram a dinâmica oriunda de um novo tipo de sociedade, cuja linha que separa o real e o virtual tem se tornado cada vez mais tênue. Nela, assim como aborda Bakhtin e seu Círculo, os signos virtuais refletem e refratam na vida real, gerenciando as identidades e ideologia dos indivíduos e seus respectivos grupos sociais. As novas tecnologias conseguiram adentrar o espaço privado misturando-o ao público, entrelaçando ou refazendo o modo de se relacionar consigo e com o outro.

É nessa direção que pesquisas que procuram compreender a temática da identidade e sua construção no campo midiático se torna fulcral, é sob essa ótica virtual que revisitamos questões de gênero, embates sociais, mudanças sociais e lutas políticas que, embora façam parte e existam desde que o mundo é mundo, tornaram-se cada vez mais presentes nas vidas das pessoas. Isso porque a tecnologia possibilitou que as vozes daqueles que antes eram silenciados fossem, mesmo que timidamente, ouvidas, isto é, todos possuem um espaço de fala, ainda que dentro de seu círculo mais próximo na rede virtual. Mesmo que pequeno, esses micro-círculos se estendem a outras redes, em oscilações simultâneas e constantes. Dessa forma, o campo da informações deixa de ser um espaço fechado, reservado a grupos específicos que procuram a todo modo manter sua hegemonia, e passa a ser um local aberto para as mais diversas opiniões serem dadas e também refutas.

É, nessa perspectiva, que vemos a temática da luta de classes, racismo, questões de gênero, dentre outros tópicos, a tomarem o lugar de mais comentados nas mídias, os chamados *trending topics*, e, conseqüentemente, tornarem-se comuns nas rodas de conversa do cotidiano das pessoas, o que Bakhtin e seu Círculo veriam como um processo de refratar a vida. A violência contra a mulher, por exemplo, assunto antes considerado tabu e até hoje gerador de controvérsias, passa a ser tema de redações em grande escala e incita, mesmo que de maneira acanhada ainda, a sociedade a repensar o papel ou os multi-papéis femininos, encarar de frente a objetivação do corpo feminino e a velada prática do micromachismo nosso de todos os dias.

Sob esse viés, constatamos a importância de trabalhos como este que tiram o véu e mostram a existência desse universo de luta das mulheres, porque a luta é contínua e, diferente do que muitos pensam, ainda necessária para alcançar a plenitude na equidade entre todos os sujeitos sociais.

O feminismo, ou os feminismos, de maneira plural e diversificada, uma vez que não existe apenas uma maneira de enxergar o mundo (as mulheres não são todas iguais), são extremamente necessários. Mulheres brancas, negras, trans, todas com suas dores e seus

temores próprios, como aborda o quadro 2 (p. 81), mas capazes de se unir em atos de sororidade, precisam ter a voz ativa e ouvida. Os movimentos de cunho feminista são uma tentativa de garantir que esse direito, desde tão cedo negado, seja possível. É ainda relevante lembrar que a variedade de feminismos não é sinal de fraqueza do movimento, mas sinal de que a luta é muito maior e que precisa de várias frentes, em nenhum momento isso pode ser confundido com o femismo – termo atribuído ao que seria uma famigerada birra atribuída às mulheres que desejam ser superiores aos homens. Antes de tudo, o feminismo precisa ser encarado como é: uma forte compreensão de que o mundo ainda precisa de mudança e revoluções não são feitas do dia para a noite, precisam maturar e crescer, levam, às vezes passam por momentos difíceis, mas acima de tudo, requerem resiliência.

Por isso, estudamos o movimento dialógico e a construção identitária, pois é no jogo da alteridade, na procura de quem somos e por quem não somos, nossos axiomas, emoções que estabelecemos as ressignificações que o Círculo menciona ou a dessolidificação apontada por Bauman das estruturas opressoras vigentes. Por isso situamos nossa pesquisa no campo fértil da LA, para que possamos pensar a mudança social, ou pelo menos estabelecer uma franca conversa sobre construtos socioideológicos para dessolidificá-los. É através do embate social, do diálogo, da não naturalização que ela acontece e, para isso, é preciso que se fale sobre, retire-se seu caráter de normalidade, é a não naturalização, o processo de real compreensão de nosso lugar na cadeia de vozes.

Por esse motivo, utilizamos as categorias de análises evidenciadas na terceira seção desta tese. Essas categorias, aliadas aos conceitos oriundos da proposta de Análise Dialógica do Discursos com base em Bakhtin e Círculo, permitiram responder ou suscitar novos questionamentos feitos no decorrer da pesquisa e entender como as identidades fluidas se desconstruíram para voltar a se construir, em movimentos de idas e vindas dos sujeitos.

Ao estudar essas identidades, entendemos que também estamos estudando o discurso, e ao estudar o discurso na sua tridimensionalidade verbivocovisual, chegamos a ideia de sujeito social e de múltiplas identidades, pois formam uma prática social. Segundo Paula (2017, p. 294), “o enunciado verbivocovisual é considerado, em sua potencialidade valorativa, como unidade complexa”. Considerando o exposto, apresentaremos as nossas considerações finais seguindo uma linha de pensamento de forma mais didática em que retomaremos os diálogos teóricos, o trabalho metodológico e os resultados analíticos, seguidos das reflexões a que chegamos.

É por meio do pensamento crítico, de uma perspectiva inovadora e transformadora (PENNYCOOK, 2006) de uma LA indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) que procuramos

engendrar práticas inovadoras, revolucionárias. Portanto, “isso significa dizer que a resolução do problema gerará conhecimento útil para participantes do mundo social e que seus interesses e suas perspectivas são considerados na investigação” (MOITA LOPES, 1998, p. 106).

É nessa direção que entendemos que fazer pesquisa em LA é enxergar as questões sociais como orgânicas, vivas, mutantes e, exatamente por isso, não podemos enxergar nosso objeto de estudo como um objeto “purificado”, antes é preciso deixar “a torre de marfim” (RAJAGOPALAN, 2013) e lançar-se na busca pelos “resíduos”, sem medo de investigar o “objeto híbrido” (SIGNORINI, 1998).

O Círculo mantém diálogo com outras teorias e articula perspectivas diferentes em relação ao estudo do discurso. Nessas formulações, encontramos conceitos cujas nomenclaturas foram emprestadas de outras áreas¹¹¹, em textos escritos, muitas vezes, a várias mãos. Além das nomenclaturas, podemos dizer que o diálogo é mantido com campos como os Estudos Culturais, Feminismo, Sociologia, principalmente a sociologia marxista presente principalmente nos textos de Volochinov e Medvedev. Nesta tese, pudemos beber dessas áreas a fim de compor as categorias de análise e através delas poder olhar para o *corpus* e ouvir o que ele queria dizer.

No que confere ao contexto metodológico da pesquisa, a escolha do método dialógico do discurso, inerentemente qualitativo-interpretativista, garantiu-nos a possibilidade de ver o objeto de estudo sob um prisma que respeita as diferentes perspectivas: de classe, de gênero, de raça, de cultura e de comunidade étnica (DENZIN; LINCOLN, 2006). Assim como o *corpus* desta pesquisa, possibilitou-nos fazer a interpretação dos enunciados, chegando a um cenário no qual as identidades se revelam por meio da linguagem, em suas tendências, comportamentos, atitudes, axiomas. Utilizar os métodos de Análise Dialógica do Discurso é, nas palavras de Sobral e Giacomelli (2018, p. 308), pensar que

os contextos de uso podem fazer que uma palavra de significação negativa no dicionário adquira sentidos positivos. Tudo depende de quem diz o que a quem, em que circunstância, quando e de que maneira, envolvendo a negociação de sentidos na situação de produção de discursos. É, portanto, a relação enunciativa que determina os sentidos possíveis realizados nas interações.

É possível imaginar o processo de análise como uma longa e detalhada cirurgia, em que o resultado final não é simplesmente mostrar a maestria nos pontos bem traçados e na capacidade de fazê-lo, a cirurgia que aplicamos em nosso *corpus* envolve uma investigação preciosa e meticulosa em que buscamos verificar onde está o problema, verificar o melhor meio de tratá-lo e assim salvar o paciente, levando em consideração todo o contexto em que ele se

¹¹¹ Podemos utilizar como exemplos as palavras: polifonia, cronotopo e exotopia.

encontra. Entretanto, essa analogia não é perfeita, pois sabemos que a linguagem é fluida e mutável e que a sociedade não se comporta sempre de maneira sólida, tornando o trabalho de um pesquisador mais moroso e com vários fracassos durante o percurso de observação/diagnóstico. A analogia de uma cirurgia mostra um trabalho que requer atenção, concentração e ética, cuidado com o próximo, e mostra que em todas as áreas temos um fazer científico sério. Esse é o trabalho do pesquisador que, mais que levantar dados e mostrar números em sua pesquisa, procura indicar os problemas ou problemáticas e encontrar meios para promover a transformação social.

Sendo assim, deparamo-nos antes de tudo com os conceitos, sendo o primeiro a ideologia, ou ideologias, de forma plural. Esse conceito empregado inúmeras vezes pelo Círculo, assim como por tantos outros pesquisadores na ADD, não tem uma definição pré-estabelecida, podendo ser vista, como já mencionado, como algo que não se reduz a uma única coisa fixa e irreduzível, e sim multifacetada, mutável, negociável pelos sujeitos por meio da linguagem. Se pegarmos a palavra feminismo, por exemplo, podemos verificar que pode ganhar valores diferentes a depender de quem a utiliza (verificar quadro 2, p. 81). Ainda assim há quem a entenda como um conceito único e fechado, mesmo com uma comprovada pluralidade do movimento que possui nomenclaturas e palavras de ordem variadas. Isso mostra que há ideologias diferentes presentes mesmo dentro dos movimentos feministas.

Outro fator relevante, quanto ao signo feminismo, é a sua influência direta na luta pelos direitos das mulheres e o que esse embate social e semiótico provoca na costura social, o que nos leva a um outro ponto de discussão: se os movimentos feministas são considerados eficazes, poderíamos acreditar, como é o caso de alguns acusadores do feminismo, que o movimento perdeu a relevância, visto que, ao projetar sua eficácia, projetaríamos também sua vitória, o que o faria perder sua meta. Logo, os direitos femininos pretendidos pela luta teriam sido ganhos e isso retiraria sua necessidade em existir.

Em contrapartida, o que essa argumentação antifeminista não leva em consideração é que a sociedade se movimenta sempre de forma cíclica, em oscilações entre seu estado sólido e seu estado líquido, e que, quando está em seu estado líquido, a sociedade tende a ganhar a forma que mais lhe convém nesse dado momento. Isso fica bem claro se olharmos atentamente para o movimento da política nacional brasileira que se deu do ano de 2015, ano dos *tweets* e do Exame aqui desnudado, até o presente ano (2020), em que houve um retrocesso em políticas públicas voltadas para as minorias e os movimentos feministas passaram a ter uma agenda de luta atualizada e repleta de apontamentos.

Essa caminhada pela conjuntura do país, e na semiótica da palavra feminismo, leva-nos à primeira pergunta feita acima, assim como ao primeiro objetivo específico desta tese, a saber: identificar e nomear nos discursos analisados a construção ou a desconstrução de identidades em sua ressignificação na mídia social em análise. É a partir desse exotopo e desse cronotopo que verificamos dois grupos distintos se formarem e passarem a atuar como gladiadores na arena de embates sociais, como podemos verificar no quadro 3 (p. 129), os sujeitos que se identificavam com o feminismo e utilizavam a *#enemfeminista* para se posicionar em defesa do(s) movimento(s) e os antifeministas que utilizavam a mesma *hashtag* com um intuito diferente, posicionando-se contra as premissas ou o que eles entenderam como premissas do(s) referido(s) movimento(s).

Nessa direção, encontramos no decorrer da análise os seguintes questionamentos: considerando o caráter híbrido, plural e de constantes transformações das identidades assumidas pelos sujeitos face aos sistemas sociais em que se inserem, que identidades emergem nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista*? Considerando a ideologia como constitutiva dos enunciados que formulamos no uso social da linguagem, que ideologias podem ser identificadas nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista*? Considerando o processo de construção identitária em uma relação não indiferente eu-outro, que relações podemos estabelecer entre as identidades e os posicionamentos ideológicos identificadas nos discursos dos *tweets* postados sob a *#enemfeminista*? E foram essas perguntas feitas ao *corpus* que nos levaram à abordagem da ADD, seus métodos de pesquisa, as leituras dos trabalhos feitos por Bakhtin e seu Círculo, aos passeios por outras áreas de conhecimento e, finalmente, aos resultados aqui encontrados. As respostas encontradas, seguem abaixo, respectivamente.

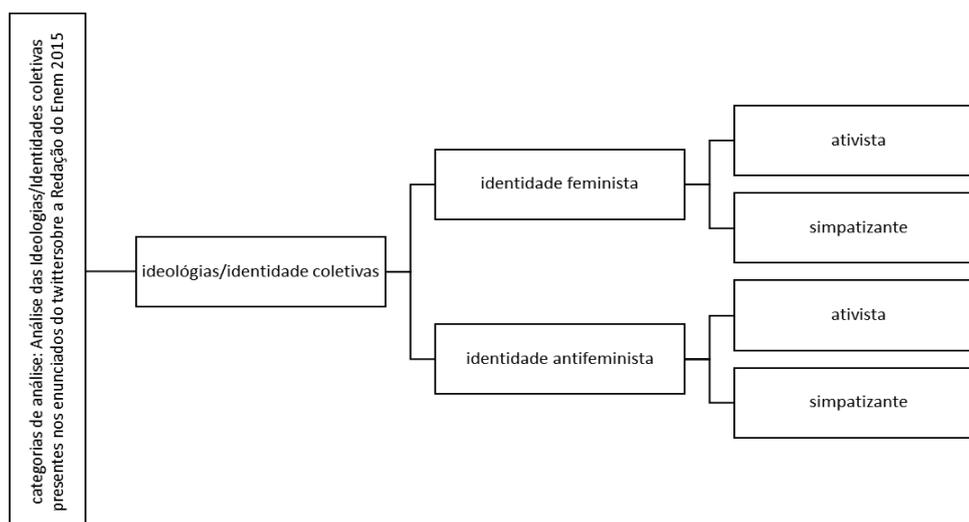
A grosso modo, os sujeitos de forma responsiva formulam seus enunciados e constituem seus respectivos discursos a partir da tridimensionalidade essencial da linguagem, evocando o som, a imagem e o verbal como fonte e suporte para apresentar juízo de valor sobre o assunto, que, nesse caso, seria o tema feminismo dentro do Exame Nacional (ENEM) e como ele influenciou o tema da redação. O quadro 3, como uma resposta a figura 2 da seção metodológica, mostra uma dinâmica de pertencimento, na qual as identidades coletivas se bifurcam em dois grandes grupos, como podemos visualizar abaixo:

Quadro 3: Identidades coletivas feministas e antifeministas

Identidades Feministas	Identidades Antifeministas
T1, T2, T4, T6, T8, T10, T11, T12, T13, T16, T18, T23.	T3, T5, T7, T9, T14, T15, T17, T19, T20, T21, T22, T24

Fonte: própria autora

Figura 2: Esquema macro das categorias de análise



Fonte: própria autora

Se pensarmos em questões quantitativas, poderíamos afirmar que os sujeitos que se posicionam como feministas, ou pró-feminismo, compõem um grupo relativamente maior que aquele que se posiciona como antifeminista. Mas, é importante ressaltar, como apontado na metodologia desta tese, que não temos uma finalidade quantitativa, nem de levantar estatísticas, principalmente por entendermos que o recorte dos dados foi feito a partir da maior incidência e número de curtidas que cada enunciado recebeu, assim como a tridimensionalidade com o verbivocovisual. Portanto, a cronologia sendo, pois, um retrato de apenas uma parcela de um universo de mais de três mil enunciados sob a mesma *hashtag*.

Além disso, o posicionamento dos sujeitos nem sempre é feito de maneira aberta, ficando a cargo da análise da tridimensionalidade verbivocovisual e do tom emotivo-volitivo fazer emergir esse posicionamento. Isto é, as identidades coletivas partem de um sentimento de

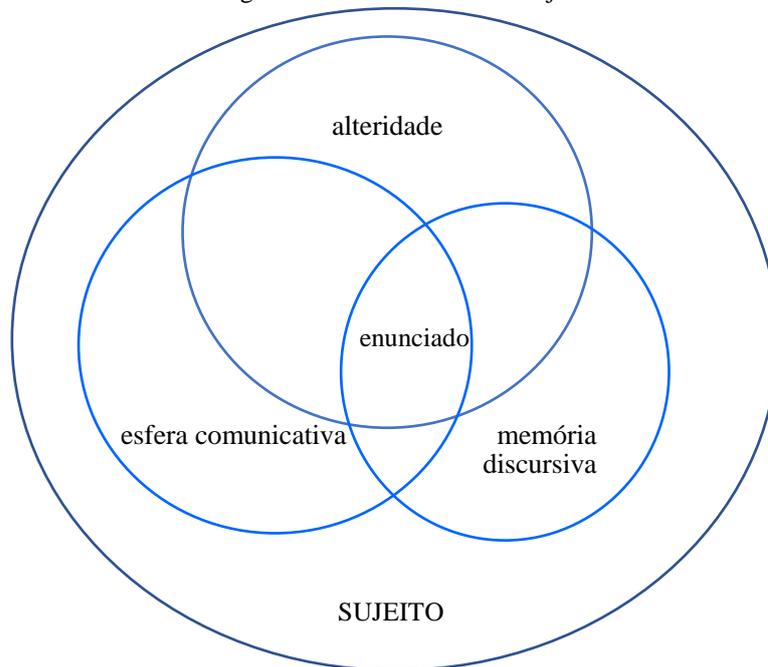
pertencimento e reverberam em um embate social que busca na arena virtual questões de poder, posicionamentos políticos, sociais, culturais e econômicos. É através da alteridade, da semelhança com seus pares e da diferença, que se vislumbra no outro, assim como na interação direta e indireta com a ferramenta virtual que serve de suporte para os enunciados, sempre de maneira dialética e também dialógica enquanto simulacro da vida, que se constroem essas identidades.

Como visto na seção de análise, essa relação é sempre dialógica e não precisa ser concretizada na vida material/real, uma vez que o sujeito pode entrar em um processo responsivo com outro sujeito que não pertence ao seu círculo de amigos próximos. Da mesma forma, não parece ser necessário manter-se uma relação entre sujeitos em outras esferas e redes sociais de maneira direta, opondo-se ou concordando com o dito, quase-dito ou não-dito. Ou seja, um diálogo aberto, ao mesmo tempo em que o sujeito também mantém um diálogo com muitas vozes sociais que ecoam em seu texto de forma centrípeta e centrífuga, vozes que o compõem sua identidade. Nesse caso, a ferramenta constrói e resulta no embate de muitas vozes sociais.

Por isso, a importância do exotopo e do cronotopo para essa análise, o *Twitter*, pois é nessa esfera que circulam os enunciados, em um gênero relativamente estável e regular, que ao mesmo tempo possui sua flexibilidade/particularidade e pode ser reinventado de acordo com os avanços tecnológicos promovidos pelos aplicativos. Essa funcionalidade do gênero, assim como o conteúdo, a forma, o estilo e o uso de determinado símbolo são as pistas que, como pesquisador, usamos para entender a desenvolvimento dessas identidades.

Sendo assim, são nessas escolhas que se revela o posicionamento axiológico do sujeito, e percebemos assim tanto as identidades coletivas a que eles recorrem, quanto as identidades mais individuais que emergem nas *hashtags* supracitadas. Aqui recuperamos a figura 1 desta tese, na qual é possível ver a confluência do sujeito, isto é, essas identidades insurgem a partir dessa confluência, em processos de significação e ressignificação.

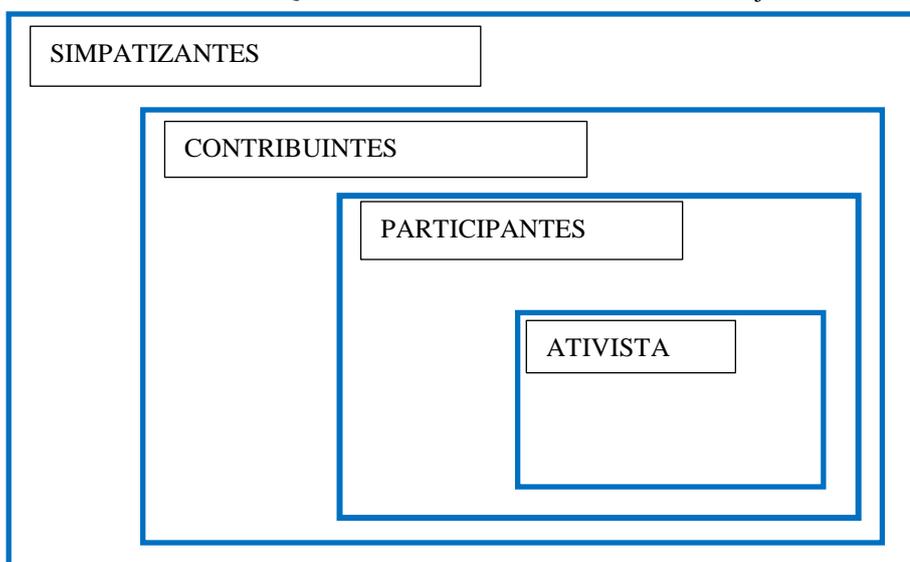
Figura 1: A Confluência do Sujeito



Fonte: a autora.

Algumas identidades que despontaram durante a análise estariam sempre relacionadas ao conjunto de atividades do sujeito, ou seja, as ideologias em conjunto com o posicionamento axiológico, a escolha por um dos dois extremos do jogo de pertencimento do movimento social, visto que, esse sujeito poderia se mostrar ativista ou simpatizante (quadro 1, p. 72), corroboram para a identificação de que identidade individual estaria em destaque no enunciado.

Quadro 1: Movimento social baseado em Tejerina



Fonte: TEJERINA 2010 quadro I, p. 70.

Esse movimento responde às nossas categorias de análise apontadas na seção metodológica, ilustradas a partir de duas figuras (Figura 2 e Figura 3). No entanto, é correto afirmar que esse trajeto utilizado nos esquemas 1 e 2 das categorias de análise não funcionam como uma ilustração que limita e encerra o signo e o sujeito, pois, os posicionamentos ostentados e o jogo de alternância de identidades assumidos pelo sujeito não são feitos de forma linear e prototípica. Esse movimento contínuo exercido pelo sujeito com relação ao que lhe exterior e o que lhe interior é simultâneo, isto é, acontece tudo ao mesmo tempo por meio de forças que operam na construção da identidade, como nos mostra a figura 4 (p. 137).

Dessa forma, cada sujeito, a partir de uma identidade plural, fragmentada, pode alternar entre as categorias apresentadas na figura 3 (p. 102), quais sejam: reacionário, militante, politizado, conservador, rebelde ou otimista. Essas dimensões facetas ou mesmo identidades, que o sujeito assume, podem em algum momento aparecer ao mesmo tempo, como é o caso de T5, T4 e T9.

Analisar a relação dialógica e ideológica entre os posicionamentos assumidos pelo sujeito também nos possibilitou verificar o comportamento dessas identidades a partir de suas esferas de comunicação, fornecendo assim uma resposta para o nosso segundo objetivo específico. É assim, com base no lugar de fala, no momento político-social, na escolha do gênero e da ferramenta de circulação deste, assim como na escolha da tipologia da letra, no uso de recursos de visuais nos enunciados concretos (escritos e orais) e na maneira como eles se relacionam nesses diferentes campos da atividade humana e da comunicação, como aborda Bakhtin, que percebemos a complexidade e a instabilidade que o gênero aqui estudado é utilizado como instrumento na formação do sujeito e de suas identidades.

Sendo assim, a tridimensionalidade da linguagem, sua verbivocovisualidade (PAULA, 2017), opera também para a ressignificação do gênero *tweet* (comentário, *post*, *repost*) dentro do *Twitter*. Como mencionado em nossa seção teórica, é na mediação proporcionada pela Era Digital que temos definido também nossas relações sociais. Sendo assim são da mesma forma essas ferramentas digitais que trabalham e até certo ponto têm definido esferas de comunicação em que as relações e interações são feitas. Os dados selecionados nos mostram que a vida que poderia ser vista como uma bifurcação entre o real e o virtual tem, cada vez mais, caminhado para uma unificação, isto é, o simulacro passa a ser tão real quanto o material, realizando tanto fisicamente quanto virtualmente. Já não há uma dicotomia, pois temos uma osmose, um amalgama entre o virtual e o real.

Os *tweets* T3, T8, T11, T12 e T15 nos mostram essa dinâmica de costura entre gêneros, tornando um gênero primário que é o comentário em um gênero mais complexo, em que o sujeito ressignifica outros gêneros e os incorpora ao seu enunciado, mudando a esfera comunicativa inicial desses a serviço da produção de sentido naquele. Esse efeito nos mostra como as esferas de comunicação interagem na formação identitária, como nos propúnhamos no terceiro e último objetivo específico, a saber: ressignificar os enunciados das postagens nas relações que se estabelecem entre as identidades assumidas e os posicionamentos valorados, buscando compreendê-los no mais amplo contexto das esferas de comunicação em que se inserem.

Consequentemente, a esfera de comunicação escolhida serve como arena de disputas políticas e de negociação de sentidos, demarcando ideologias e posicionamentos axiológicos. Lembrando que essa negociação é feita por meio da linguagem para tratar essas ideologias, assim como, as relações interindividuais de forma ininterrupta. É, assim, a plataforma uma continuação do sujeito e o palco no qual ele performa. Nessa interação percebemos como a linguagem trabalha em interação, nela o sujeito utiliza os signos originalmente abstratos para, em seguida, compor um sistema de significação que, junto as realidades as quais o sujeito é exposto, geram o sentido.

Foi, a partir dos sentidos criados e empregados pelo sujeito, que chegamos na fragmentação identitária e nas tensões criadas por essas identidades. O que Hall (2005) aborda como crise identitária e a necessidade de aliviar essa tensão por meio da linguagem. Bakhtin/Voloshinov (2002), por sua vez, chama de “socializar os sentimentos”. Esse socializar, essa narrativa necessária para aliviar as tensões e se posicionar no mundo garantem ao indivíduo a ressignificação, ou o que Bauman (2006) acrescenta como a forma líquida com que o sujeito se adequa a uma sociedade também líquida. Essa forma não está pré-estabelecida, ela se molda, entretanto, ela pode voltar a solidificar, e, nesse ponto, temos uma ligação entre os autores, a liquidez é a ressignificação pela qual o sujeito passa em seu discurso.

Analisar, sob o viés da Análise Dialógica do Discurso, os textos veiculados nos enunciados nos mostra como construções discursivas de sujeitos sociais, por meio do ciberespaço do *Twitter* com a hashtag *#enemfeminista*, fazem emergir identidades que ora convergem, ora divergem pela e na linguagem. Também nos direciona para a necessidade de entender a pluralidade do sujeito, entendendo que esse não é um produto pronto e acabado, mas uma constante negociação de sentidos oriundo do que lhe é interior e as influências e mediações do que lhe são exteriores.

Com o intuito da reflexão, procuramos, portanto, mostrar a constituição das identidades coletivas e individuais identificadas nos enunciados produzidos no gênero *tweet*, na ferramenta *Twitter*, a partir das esferas de comunicação própria da Era Digital tão comum a modernidade recente. Os questionamentos feitos e os resultados alcançados nos levam à conclusão de que a teoria e a metodologia na ADD cooperam para uma pesquisa qualitativa das práticas sociais, arrematamos com a certeza de que o diálogo foi o meio, o objeto, a teoria e o método aqui apresentado. Com efeito, foi o dialético-dialógico do Círculo que nos proporcionou vislumbrar a linguagem pelo que ela é: o cerne das relações, o cerne da questão. Pudemos, assim, responder as perguntas feitas durante a pesquisa, formulando, a partir dela, hipóteses e possíveis informações relevantes às práticas sociais e não somente aos pares.

Ademais, como mulheres feministas e pesquisadoras, logramos nos identificar durante a pesquisa, seja pela proximidade ou seja pelo afastamento com alguns dos discursos aqui expressos. Conseguimos, assim, discutir sobre uma problemática que nos afeta diretamente, fazendo parte de nossa própria luta diária contra os micromachismos ainda presentes em nossa sociedade. Dessa forma, convém pontuar o que verificamos, por meio das análises do *corpus* aqui estudado, como sendo profundas marcas das barreiras que as mulheres ainda encontram em nossa sociedade, como o lugar de fala, o direito a expor seu pensamento, ou ainda a negação do direito ao seu próprio corpo, os quais ainda são pautas dentro do(s) feminismo(s). Mesmo em um gênero discursivo como o *tweet* que circula em um ambiente virtual e “livre”, no sentido de poder compartilhar ideias plurais, a discussão sobre os feminismos e a tentativa de romper estereótipos comportamentais, impostos pela sociedade machista e conservadora, ainda são atos de luta. Tais resquícios da dominação masculina nos mostra a importância dessa tese em problematizar esse tema, tirando o leitor de sua zona de conforto e buscando dialogar sobre esses embates sociais para, assim, projetar uma possível mudança social.

Outro fator que destacamos como um dos resultados de pesquisa foi o impacto social que a temática nos apresentou, não apenas para a prova ENEM, mas para toda a sociedade que precisa discutir essas questões. É importante ressaltar que, embora a redação e os tweets tenham sido produzidos em meados de 2015, a repercussão se dá até os dias atuais (2020), visto que, a forte pressão contrária as ideias e posicionamentos feministas personificados na prova do ENEM, ou ainda, própria figura da então presidente Dilma, foi um dos fatores que levou o nosso país ao estado sociopolítico de extrema direita que vivenciamos hoje. Isso nos prova que a luta feminista ainda é necessária e que olhar para o passado, nos ajuda a entender e (re)construir o futuro.

Por fim, é importante lembrar que não há pesquisa estanque, que novos questionamentos sempre haverá e que, como todas as pesquisas que abordem às práticas sociais, as análises nesta pesquisa são extremamente necessárias para estudos presentes e futuros na área da LA e da ADD, podendo potencializar as leituras sobre os discursos dos sujeitos, a (des)(re)construção das identidades, embates sociais, estudos sobre ideologia e ressignificação que estão imbuídas no discurso.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Cronotopo e Exotopia. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: outros conceitos chave*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2018, p. 95-114.

_____. O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2001.

BAKHTIN, M. VOLOCHINOV, V. N. Le discours dans l'ave et le discours dans la poésie. Contribution à une poétique sociologique. In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 1981, pp. 181-215. (Original russo, 1926)

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética; a teoria do Romance*. [Trad. Aurora Fornoni e equipe]. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1990

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. [Trad. Paulo Bezerra]. 3ed. Rio: Forense Universitária, 2003a.

_____. *Estética da criação verbal*. [Trad. Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

_____. Dialogismo. In: RENFREW, A. *Mikhail Bakhtin*. [Trad. Marcos Marcionilo] . 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2017, p. 101-120.

BAJOIT, G. *El cambio social, análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas*. Madrid: Siglo, 2008.

_____. La tiranía del “grand ISA”. *Rev Cultura y representações sociales*. Ano 3, No 6, março de 2009, p. 9-24. Disponível: <www.culturayrs.org.mx/revista/.../Bajoit.HTML>. Acessado em: 05 jan. 2013.

BALOCCO, A. E. Políticas de ação afirmativa: Discurso, identidade e inclusão social. In: MOITA LOPES, P.; BASTOS, L. C. (Org.). *Para além da identidade*. Belo Horizonte: Editora UMG, 2010. p. 107-128.

BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, D. L. P. de.; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.

BARROS, M. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2000.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*, vol. 1 e vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOGDAN, R.; BIKLEL, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BONINO, L. Varones y abuso doméstico. In: SANROMAN, P. (coord.). *Salud mental y ley*, Madrid: AEN, 1991.

_____. MICROMACHISMOS: La violencia invisible en la pareja. In: CORSI, J.. *Violencia Masculina en la pareja*. Argentina: Paidós, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. [Trad. Maria Helena Kühner]. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BRAIT, B. “Análise e teoria do discurso”. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. “Introdução. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana”. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin/Voice, sense and dialogue on Bakhtin. [Trad. Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli]. *Rev. Bakhtiniana*, São Paulo, 6 (1): 268-280, Ago./Dez. 2011.

BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renati Aguiar. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CASTRO, G. O marxismo e a ideologia em Bakhtin. In: STAFUZZA, G. PAULA, L. (org). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 175-234.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. SP, Brasil: Paz e Terra, 2013.

CELANI, M. A. A. A relevância da Linguística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira. In: FORTKAMP, M.B.M. *Aspectos da Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CUNHA, Danielle Brito da. *Análise crítica da (des)(re)construção identitária em produções de narrativas de mulheres vítimas de violência de gênero*. 151 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2015.

DE CONTI, L. *O Estudo das Narrativas Biográficas em Psicologia e suas Implicações Metodológicas*. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Luciane%20De%20Conti%20\(UFPE\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Luciane%20De%20Conti%20(UFPE).pdf)>. Acessado em: 14 set. 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. [Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (1980).

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In.: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S (Org.). *Planejament da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.

DUSCHATZKY, S.; SKLIAR, C. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FARACO, C.A. *Linguagem & diálogo as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

_____. *Linguagem e diálogo: as ideias do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FREITAS, M. T. A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana de construção do conhecimento. In.: FREITAS, M. T. A; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Org.) *Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo, Cortez, 2003. p. 26-38.

FREITAS, L.; PINHEIRO, V. *Violência de Gênero, Linguagem e Direito: Análise Crítica em Processos na Lei Maria da Penha*. Jundiaí, Paco Editorial:2013.

GERALDI, J.W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In.:_ FREITAS, M. T. A; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Org.) *Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo, Cortez, 2003. p. 39-55.

_____. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org). *Círculo: teoria inclassificável*. Campinas: 2010. p 279-292.

_____. *Ancoragens: Estudos bakhtiniano*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

_____. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGE. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GINZBURG, C. Sinais raízes de um paradigma indiciário. In.: GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo Cia. das Letras, 1989.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *Mundo em descontrole*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.

GREGG, K. R. Second Language Acquisition Theory: The Case for a Generative Perspective. In: GASS, S. M.; SCHACHTER, J. (Org). *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 69-78.

GRILLO, S. V. C. Esfera e Campo. In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: outros conceitos chave*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2018, p. 133-160.

HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. [Trad. de José N. Heck]. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. [Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro]. Rio de Janeiro: DP e A, 2005.

_____. Quem precisa de identidade. In.: SILVA, T. T. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.p. 103-133.

HELLER, M.; PIETKÄINEM, S.; PUJOLAR, J. *Critical Sociolinguistic Research Methods: Studying language issues that matter*. New Your: Routledg, 2018.

KLEIMAN, A. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In.: MOITA LOPES, L. P. da (Org.) *Linguística Aplicada na Modernidade Recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. da. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LAKOFF, R. Linguagem e Lugar da Mulher. In.: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. *Linguagem, Gênero, Sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: Cronotopia e Exotopia. In.: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 203-2234.

MAIA, R. Mídia e Vida Pública: Modos de abordagem. In.: MAIA, R.; CASTRO, M. P. C. S. (Org). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 11-46.

MARCHEZAN, R.C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: outros conceitos chave*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 115-131.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In.: MOITA LOPES, L. P. da. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. Identidades Fragmentadas. In: MOITA LOPES, L. P. da. *A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

_____. A experiência identitária na lógica dos fluxos. In: MOITA LOPES, P. L. da; BASTOS, L. C. (Org.). *Para além da identidade*. Belo Horizonte: Editora UMG, 2010. p. 9-24.

_____. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. In.: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.) *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial.

MEDEIROS, João Luiz. A identidade em questão: notas acerca de uma abordagem complexa. In: DUARTE, M. B. (Org.). *Mosaico de identidades*. Curitiba: Juruá, 2009.

NARDI, Henrique Caetano. Sexo e poder nas tramas pós(?)identitária. In.: MOITA LOPES, P. L. da; BASTOS, L. C. (Org.). *Para além da identidade*. Belo Horizonte: Editora UMG, 2010. p. 215 -234.

PAULA, L. de. *Análise Dialógica de Discursos verbo-voco-visuais*. (Projeto de pesquisa). São Paulo, Assis: 2014. Disponível em:<http://docs.wixstatic.com/ugd/1309a5_340b1adfa5874db390eae8fb3b1cb4b6.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2020.

_____. *Análise Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem*. (Projeto de pesquisa). São Paulo, Assis: 2017. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/1309a5_b8d67b356fb849be88036d26487d33d9.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2020.

_____. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In.: MOITA LOPES, L. P. da. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In.: MOITA LOPES, L. P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RECUERO, R.; ZAGO, G. *A economia do retweet: redes, difusões de informações e capital social no Twitter*. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 20., Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011. Disponível em:<<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/180/101>>. Acesso em: 24 de mai. 2018.

RITT, C. F.; CAGLIARI, C. T. S. ; COSTA, M. M. . Violência cometida contra a mulher compreendida como violência de gênero. In: Seminário Nacional de Ciência Política da Universidade Federal do Porto Alegre. *Anais: América Latina em debate*. II Seminário Nacional de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. PORTO ALEGRE/RS: Nova Prova, 2009. p. 1764-1785.

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, R. S. da. Twitter e ciberativismo: o movimento social da hashtag #ForaMicarla em Natal-RN. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, T. T. (Org). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Lingüística Aplicada. In.: I. SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Orgs). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SKLIAR, C. *Pedagogia (improvável) da diferença*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018.

SOIBERT, R. Movimento de Mulheres. In.: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. 218-217.

SOUZA, E. M. de. Janelas indiscretas. In.: MOITA LOPES, L. P. da; BASTOS, L. C. (Org.). *Para além da identidade*. Belo Horizonte: Editora UMG, 2010. p. 49-59.

SOUZA, G. T; SCHNAIDERMAN, B.; BAKHTIN, M. M. Entrevista. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*, vol.11 no.3 São Paulo Sept./Dec. 2016.

SOUZA SANTOS, B. *Um discurso sobre la ciência*. Porto: Ediciones Afrontamiento, 1987.

TEJERINA, B. *La sociedad: Movimentos Sociales y cambio cultural en España imaginada*. Madri: Trotta, 2010.

TELES, M. A.; MELO, M. O que é violência contra a mulher. São Paulo: Brasiliense, 2012.

TIBURI, M. *Feminismo em comum: Para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

THOMPSON, J.B. *Ideología y Cultura Morderna: Teoría Crítica Social en la era de la comunicacion de masas*. [Trad. Gilda Fantinati Caviedes]. Ciudad del México, 2002.

WEST, C.; ZIMMERMAN, D. H. Pequenos insultos: estudo sobre interrupções em conversas entre pessoas desconhecidas e de diferentes sexos. In.: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org). *Linguagem, Gênero, Sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

WIDDONWSON, H.G. On the Limitations of Linguistics Applied, *Applied Linguistics*. In: WODAK, R. (Org). *Language, Power and Ideology: studies in Political Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2000, p. 21: 3-25.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ANEXO 1

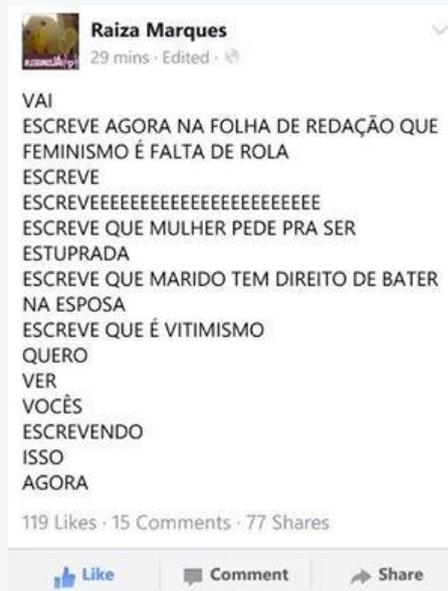
T1

Paloma Santos

@palomadoss

Oct 25, 2015

What? I can't hear you sir. Louder! #Enem2015 #enem #enemfeminista



T2

eai irmão

@AffTaees

Oct 25, 2015

ESCREVE ISSO AGORA #enemfeminista #Enem2015



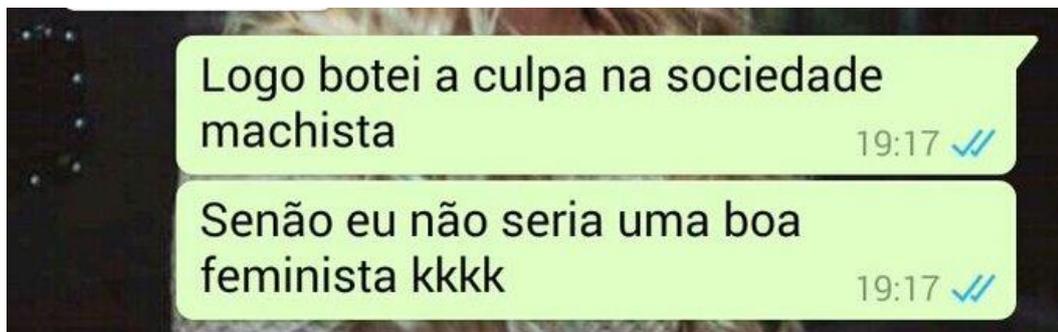
T3

Brown Skin Girl

@vitorinoiris

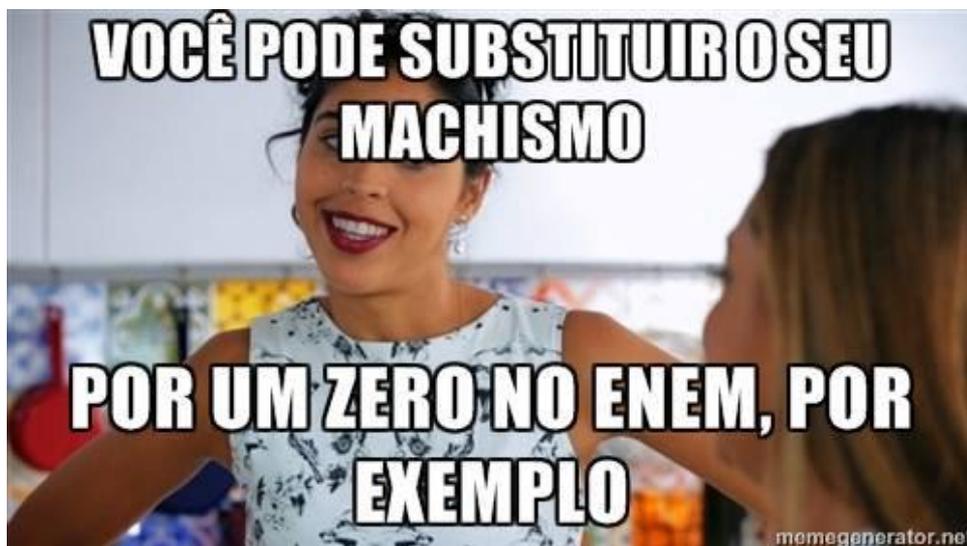
Oct 25, 2015

Sobre a redação #Enem2015 #enemfeminista



T4

#enemfeminista Rindo até 2018!!! Hahahahahaha



T5

#AprendiNoEnem que ninguém nasce mulher, se torna mulher. #Enem2015 #enemfeminista



T6

Raphu Amorim

@RaphuAmorim

Oct 25, 2015

Back to this bitch that had a lot to say about me the other day in the press; Bolsonaro, what's good? #Enem2015 #enemfeminista

T7

Laércio Ribeiro Lima

@Laercio_R_Lima

Oct 25, 2015

Realmente esse tema da redação é em homenagem a chimbinha e Joelma
#enem #ENEMFeminista #feminazi #

T8

Bruna dos Anjos

@brubsdosanjos

Oct 25, 2015

Rosa Luxemburgo, Simone de Beauvoir e Emma Goldman <3 *chola mais, machistas*
 #Enem2015 **#enemfeminista** #Enem



T9

FocoBrasil

@Focaremudar

Oct 25, 2015

Ele e o Suplicy querendo agredir mulheres nas manifestações vergonha **#enemfeminista**

Paula

@paulacamara_Oct 25, 2015

O tema da redação do ENEM foi uma homenagem ao Zeca do PT- Zeca do PT ameaça dar tapa na cara de uma manifestante

T10**Juliana Adolpho**

@jvadolpho

Oct 25, 2015

Guria, hj vc consegue prestar uma prova e visar uma universidade graças as "feminazis".

#Enem2015 **#enemfeminista****O CHORO A SEGUIR É LIVRE
PARA TODOS OS PÚBLICOS**

T11**Renato Conde**

@renato_conde

Oct 28, 2015

Replying to

@JornalOGlobo

@JornalOGlobo

@laurojardim

a mulher de Lula tem nome. Custa identificá-la como indivíduo que é? Ainda precisamos de muitos **#Enemfeminista..**

T12

Michely Coutinho

@michelycoutinho

Oct 25, 2015

#enemfeminista #Enem2015

Caneta: R\$ 2,50.
 Garrafa de água: R\$ 3,50
 Barra de cereais: R\$ 3,00

Saber que rapazes misóginos
 tiveram uma síncope ao ver que
 a redação do Enem foi sobre a
 persistência da violência contra
 a mulher: Não tem preço.

1 MIN · PUBLIC

T13

Michely Coutinho

@michelycoutinho

Oct 25, 2015

Machistas não passarão... no vestibular! #enemfeminista #Enem2015



T14

William Ferreira

@WillFerreira

Oct 25, 2015

#EnemFeminista comunista indigenista negrista ateuista classista esquerdista socialista:
Gov.faz lavagem cerebral em vc.Cuidado! #ForaDilma

T15

Rogério Marcus

@rog_marcus

Oct 26, 2015

Uma prova do **#Enem2015** sem doutrinação marxista **#Enem #enemfeminista**

Uma prova do ENEM sem doutrinação esquerdista seria tipo assim: "ao dizer que 'combustível fóssil é o cu da sua mãe'", o filósofo Olavo de Carvalho pretendeu denunciar:

- a) a pseudociência da arqueologia e a desconstrução da narrativa bíblica da criação.
- b) o domínio do Foro de São Paulo sobre a imprensa e o empresariado no Brasil.
- c) a farsa do aquecimento global e seu papel na orquestração illuminati.
- d) a ideologia de gênero e sua função emasculadora sobre a sociedade ocidental.
- e) seu cu, ora porra.

T16

Os Mortadelas

@OsMortadelas

Oct 25, 2015

Sobre a "doutrinação ideológica" do ENEM. **#Enem2015 #Enem #enemfeminista #enemdia2**

**Thiago Tuzi Nunes**

5 h • 🌐

Chega a ser curioso falarem em doutrinação ideológica no ENEM. Somos doutrinados para servir ao sistema desde que nascemos. O consumismo, a competição social, o trabalho servil com aparência de dignidade, prosperidade e sucesso, o patriarcado, a família tradicional, o machismo, a propriedade privada, tudo isso são construções ideológicas impostas a todos nós. Fazer um contraponto a ideologia dominante é mais do que saudável, é necessário.

T17**Wictor Luccas**

@wlucas

Oct 29, 2015

Violência NÃO se combate com mais violência... Assim como machismo NÃO se combate com feminismo. #Enem2015 **#enemfeminista**

T18**Nathi**

@naathi_CG

Oct 25, 2015

Dos criadores de "n passei no vestibular por causa de cotista" vem aí o: "as feministas roubaram minha vaga" HAHAH **#enemfeminista** #ENEM2015

T19**João Pedro M. F.**

@MFJoaoPedroMF

Oct 25, 2015

#enemfeminista Se as mulheres ficassem em casa fznd comida e lavando roupa não existiria violência contra **mulher**

T20**Silvia F.**

@alexibelake

Oct 25, 2015

Não existe violência contra o homem, idosos, crianças no país. Segurança pra todos pra que né!? As feminazis agradecem. Eca! **#EnemFeminista**

T21

NATANAEL FRANCISCO

@natanjf3

Oct 25, 2015

#enemfeminista O tema da redação é violência contra a **mulher** mas não fale dos casos em que ela volta para o agressor e retira a queixa heim

T22

Francisco Amado

@revistacalibre

Oct 26, 2015

#EnemFeminista Existe algo mais MACHISTA do que afirmar que: "NINGUÉM NASCE MULHER"?

T23

Virgil Van Dijk

@MarcolaJones

Oct 25, 2015

Um pastor e um militar reclamando de doutrinação no ENEM. **#euvivipraverisso #Enem2015 #enemfeminista**

T24

Mário, que Mário? ©

@Marioayalla

Oct 26, 2015

Se ninguém nasce **mulher**, não existe **mulher**, se não tem **mulher** não tem violência contra **mulher #enemfeminista**

T25

Rosana

@rosanaozorio

Oct 25, 2015

Pressinto que tem gente que vai continuar pagando faculdade.. O jogo virou !! [#Enem2015](#)
[#enemfeminista](#)

**Álison da Hora**

@alissondahora



é o enem dizendo "quer passar numa universidade? aprenda a ser gente, primeiro"

1:20 PM · 25 out 15

662 RETWEETS 242 CURTIRAM

T26

Diego Soares Nicolau

@diegosnicolau

Oct 25, 2015

Essa redação sambou de salto 15 nos machistas [#Enem2015](#) [#enemfeminista](#) [#soufeminista](#)

T27

gabriela

@misspescadora

Oct 26, 2015

HISTÓRIA HISTÓRI HISTÓR HISTÓ HIST HIS HI H Hoje tem promoção senhora, vai levar o big mac+batata+refri? [#Enem2015](#) [#enemdia2](#) [#enemfeminista](#)

T28

ARDUINI

@guiarduini

Oct 25, 2015

OLHA A VERGONHA GENT... PARA QUE TÁ FEIO MIGO #ENEM
 #ENEMFEMINISTA #ENEM2015 #REACAREVOLTS



2 h · 🌐

Fala sério hein, vc abrir mão de sua dignidade pra fazer uma prova completamente ideologizada, tendo que concordar com uma baboseira de um bando de lunáticos, para depois conseguir uma vaga numa universidade federal que estão um lixo, que vivem em greve. Isso não é pra mim.

➦ Compartilhar

T29

Ani Hao

@aniphao

Oct 25, 2015

Nunca a expressão "machistas não passarão" fez tanto sentido. #Enem2015 #Enem
 #enemfeminista #brasil #orgulho

T30

Lola Aronovich

@lolaescreva

Oct 26, 2015

Machista, não desista! (link: <http://bit.ly/1N12LuH>) bit.ly/1N12LuH #Enem2015
 #EnemFeminista



T31

Lola Aronovich

@lolaescreva

Oct 25, 2015

O "p" do meu meme ficou um pouco apagado, mas espero q vcs entendam #Enem2015
 #EnemFeminista (link: <http://bit.ly/1N12LuH>) bit.ly/1N12LuH

**Virgil Van Dijk**

@MarcolaJones

Oct 25, 2015

Um pastor e um militar reclamando de doutrinação no ENEM. #euvivipraverisso #Enem2015
 #enemfeminista

T32

fogo na babilonia

@AARONWARNXER

Oct 25, 2015

tô rindo litros com os ignorantes reclamando do tema da redação, mas aposto que pagou de
 igualitário na prova #enemfeminista

T33

D.Ora aventureia

@WTFis_amarilac

Oct 26, 2015

Não sei o que é mais bosta,o comentário ou o nome da conta [#Enem2015](#) [#enemfeminista](#)
[#CombateAViolenciaContraAMulher](#)



Rogerio Opressor Homem mente 24h por dia pra comer vocês, vocês como sempre burras pra caralho caem, e agora estão se achando porquê os homens tiveram que mentir em 30 linhas em um papel achando que a gente se incomodou? "Queria ver a cara dos machista" KKKKKKKKKKKKKK meu deus, vocês são muito burras, se contentam com tão pouco que chega dar dó, o mais engraçado vai ser um monte de vagabunda zerando a redação porquê bostejou lá achando que enem é internet. Mulher sempre mais burra e inferior mesmo, não aprendem nunca. A maioria que paga de feminista aqui ainda mora com a Mãe, tem as contas paga pelo pai, lavam louça quando a mãe manda e ainda apanham se não obedecem KKKKKKKKKKKK vocês são a piada da internet, vão continuar perdendo vaga pros homens, seja com tema vitimista ou não.

Curtir · Responder · 47 min

T34

iArA

@iaraalbuquerqs

Oct 25, 2015

na good com esse [#enemfeminista](#) :)

T35

RegisGalo13

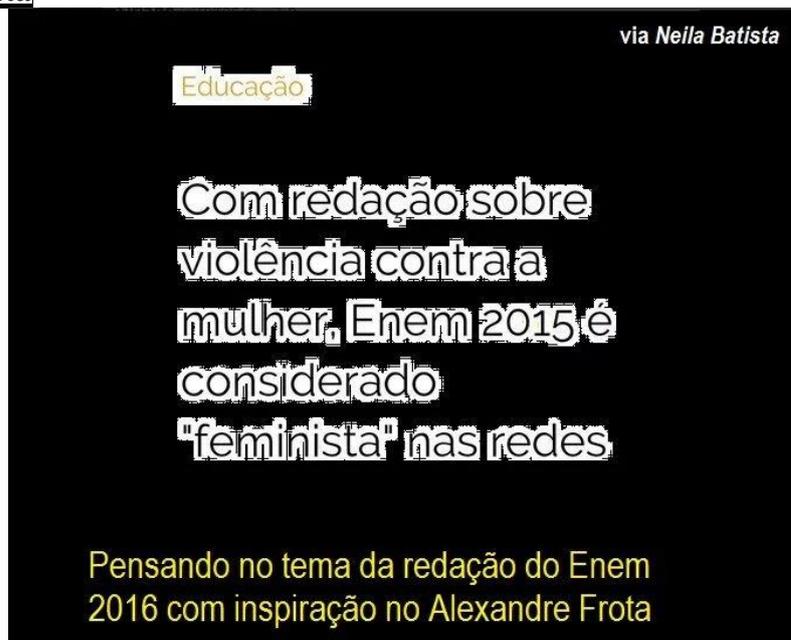
@RegisGalo_13

May 27, 2016

Replying to

@luisk2017

Educação não pode tratar de temas difíceis. Educação não pode fazer jovens pensarem
#EnemFeminista



T36

Débora Cruz

@deboracruz

Jan 8, 2016

Alguém faz um estudo do número de mulheres aprovadas no #EnemFeminista ? Deve ter sido maior q o número de machões. Machistas, #NãoPassaraM

T37

Só Gostosa

@_So_Gostosa

Oct 30, 2015

Vídeo: (link: <http://migre.me/rWy64>) migre.me/rWy64 #Enem2015 #Enem #enemfeminista #MegapixEmChamas #VaiQueColaEp10



T38

é jules tá ok

@ab_jules

Oct 29, 2015

que pessoal mais maluco. #enemfeminista rendeu mesmo pano pra manga. yeah. (link: <http://nfde.tk/7rk3>) nfde.tk/7rk3

T39

JM Sunday Morning

@petrova_stefan

Oct 25, 2015

30 linhas foi pouco para tudo o q as mulheres precisavam falar haha #Enem2015 #enemfeminista

T40**Andrieli Peres**

@andriiperes

Oct 29, 2015

#enemfeminista o tema da Redação não poderia ser melhor;

T41**Eduardo Vinicius**

@eduardogurgel28

Oct 25, 2015

Amei o tema da redação. Espero que ano que vem seja um tema a altura desse

#enemfeminista

T42**Renato Universo**

@NatoMelos

Oct 25, 2015

Depressão pós #enemfeminista

T43**Janio BR**

@JanioGr

Oct 25, 2015

O #ENEM ensina o aluno lúcido a mentir e escrever bobagens! 90% dos quase 60 mil assassinados são homens. #enemfeminista #feminazi

T44**André Maronezi**

@maaionezi

Oct 25, 2015

Quando eu li o tema da redação, eu imaginei as feminazi tudo loca tirando a blusa, mostrando a suvaquera peluda comemorando #enemfeminista

T45**Phil Buarque**

@feelbuarque

Oct 25, 2015

Dos assassinatos, mulheres são somente 8,6%. Tema do **#enemfeminista** : violência contra a
elas. É Tipo se o tema fosse racismo contra brancos

T46**DRACARYS**

@flordemorango

Oct 25, 2015

ganhei meu ano com esse tema feminista do enem **#enem2015 #enemfeminista #feminazi**
#machistasnãopassarão

T47**Rafael**

@rafacardodo2012

Oct 26, 2015

HAHAHA **#enemfeminista #Enem2015**

Não gostou que o tema da redação foi
"violência contra mulher"? Só espero que ano
que vem seja "homofobia"! Beijinhos para a
ignorância e conservadorismo 🙄

T48

Oli

@fundodeoli

Oct 25, 2015

#EnemFeminista parece q o jogo virou não é mesmo

**sapatona opressora**

@_ibrasil

reclamou de textão feminista o ano inteiro
vai ter que fazer um textão feminista na
redação do enem
PARECE QUE O JOGO VIROU NÃO É
QUERIDINHA

NATANAEL FRANCISCO

@natanjf3

Oct 25, 2015

#enemfeminista O tema da redação é violência contra a **mulher** mas não fale dos casos em que ela volta para o agressor e retira a queixa heim

T49

Isolda Dantas

@Isoldadantaspt

Oct 25, 2015

E viva ao #Enem2015 q fez 7 milhões de jovens refletirem sobre o feminismo.

#enemfeminista

T50

amanda lampreia

@amandowns

Oct 25, 2015

VAI TER MACHINHO CIS DIZENDO QUE O ESTUPRO FOI A ROUPA? OU VAI TER REACINHA FALANDO QUE FEMINISMO É FALTA DE ROLA? #enemfeminista

#Enem2015

ANEXO 2

Pacto é lançado para garantir direitos de crianças e adolescentes vítimas de violência¹¹²

Quinta-feira, 13 de junho de 2019, 13h45

Guilherme Pera, do Portal MEC

O Ministério da Educação e outros 11 órgãos lançaram nesta quinta-feira, 13 de junho, um pacto nacional pela implementação da lei que estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência, assim como do decreto que regulamenta a norma.

A lei estabelece que entrevistas ou oitivas de crianças e adolescentes – seja pela rede de proteção (escuta especializada), seja perante autoridades policiais ou judiciárias (depoimento especial) – ocorram o menor número de vezes possível. A ideia é evitar que as vítimas revivam a situação de violência que sofreram.

Os 12 órgãos que assinaram o pacto deverão atuar de forma coordenada e integrada para assegurar que os direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência sejam efetivamente concretizados.

"Uma criança maltratada não é maltratada uma vez. Ela é repetidamente maltratada. E cabe a nós, brasileiros, aqui, representado por esse pacto de todos nós, nos mobilizarmos", disse o ministro da Educação, Abraham Weintraub, ao assinar o pacto.

Fazem parte do acordo:

- Ministério da Justiça e Segurança Pública
- Conselho Nacional de Justiça
- Casa Civil da Presidência da República
- Ministério da Educação
- Ministério da Saúde
- Ministério da Cidadania
- Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos
- Conselho Nacional do Ministério Público
- Ordem dos Advogados do Brasil
- Conselho Nacional dos Chefes da Polícia Civil

¹¹² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/index.php?option=com_content&view=article&id=77151:pacto-e-lancado-para-garantir-direitos-de-criancas-e-adolescentes-vitimas-de-violencia&catid=222&Itemid=86>. Acesso em: 02 ago. 2019.

- Defensoria Pública da União
- Colégio Nacional dos Defensores Públicos Gerais.

A primeira-dama, Michelle Bolsonaro, também assinou o documento. O pacto estabelece:

1. Diretrizes para proteção interinstitucional
2. Protocolos de depoimento especial com a finalidade de produção de provas
3. Garantir a escuta especializada
4. Criar uma matriz intersetorial de capacitação para os profissionais do sistema de garantia de direitos
5. Definir metodologia específica e condições de trabalho adequadas para os profissionais do sistema de garantia de direitos
6. Criar fluxos e regulação necessária em cada instituição responsável pela elaboração de políticas públicas
7. Criar prêmio com o objetivo de identificar, divulgar e difundir boas práticas que contribuam para implementação e aperfeiçoamento da lei
8. Criar um modelo de registro e compartilhamento de informações do atendimento
9. Desenvolver campanhas educativas integradas
10. Garantir a acessibilidade aos espaços de atendimento da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência
11. Incentivar a realização de acordos de cooperação ou instrumentos congêneres entre as instituições para a realização do depoimento especial, sempre que possível, em sede de produção antecipada de provas, nos termos da legislação pertinente
12. Monitorar e avaliar a implementação da lei e do decreto.

ANEXO 3

MEC e Ministério da Justiça firmam pacto pelo respeito à diversidade no âmbito universitário¹¹³

Quinta-feira, 24 de novembro de 2016, 20h06

De acordo com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), o preconceito atinge 99,3% do ambiente escolar no Brasil. Seja com relação a portadores de necessidades especiais, negros, mulheres, além da discriminação sexual. Disposto a combater esse tipo de violência, o Ministério da Educação, em parceria com o Ministério da Justiça e Cidadania, lançou o Pacto Nacional Universitário pela Promoção do Respeito à Diversidade, da Cultura de Paz e Direitos Humanos. A meta é combater o preconceito e a discriminação no ambiente acadêmico.

A partir de adesões, as instituições de educação superior devem promover a educação em direitos humanos no ambiente universitário. Na solenidade, cerca de 20 representantes dessas instituições e de entidades ligadas à educação e aos direitos humanos assinaram o pacto.

Para o ministro da Educação, Mendonça Filho, o pacto é motivo de orgulho para sua gestão. “Desde que assumi o MEC, tenho como meta o fortalecimento da Secadi, que está muito envolvida em políticas públicas voltadas para os direitos humanos”, afirmou. “Agradeço a parceria com o Ministério da Justiça e garanto que o MEC vai sempre apoiar políticas que visem à dignidade e à igualdade entre os estudantes.”

A titular da Secadi, Ivana de Siqueira, comemorou o avanço da pauta. “Sabemos que nossa universidade, hoje, é um campo de diversidade. Precisamos eliminar as violências, as discriminações e as intolerâncias porque não compete ao governo apenas uma ação afirmativa, como conceder cotas ao aluno negro, indígena ou com deficiência”, disse. “Mais do que isso, precisamos garantir que ele possa seguir sua trajetória num ambiente de acolhida, de respeito e de tolerância.”

O ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, demonstrou preocupação com a necessidade de o conteúdo de direitos humanos ser ensinado em outras etapas de ensino. “Qualquer forma de não aceitação da diversidade é crime; temos de naturalizar a diferença”,

¹¹³ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/index.php?option=com_content&view=article&id=42121:mec-e-ministerio-da-justica-firmam-pacto-pelo-respeito-a-diversidade-no-ambito-universitariomec-e-ministerio-da-justica-firmam-pacto-pelo-respeito-a-diversidade-no-ambito-universitario&catid=212&Itemid=86>. Acesso em: 02 ago. 2019.

disse. “É inadmissível que um aluno aprenda na escola trigonometria e tabela periódica, mas não aprenda nada sobre direitos humanos. Precisamos dessas discussões na grade escolar da molecada.”

A secretária Ivana de Siqueira falou sobre a necessidade de eliminar a violência e a intolerância: “Precisamos garantir que o estudante possa seguir sua trajetória num ambiente de acolhida e de respeito” (foto: Mariana Leal/MEC) A secretária especial de direitos humanos do Ministério da Justiça, Flávia Piovesan, descreveu as ações que cada instituição de ensino pode tomar a partir da assinatura do pacto. “Seja por meio da realização de campanhas para a sensibilização da comunidade; a criação de canais institucionais para recebimento e apuração de denúncias; a inclusão da educação em direitos humanos nos currículos das universidades; a implementação de medidas que valorizem melhores práticas”, destacou. “Cada universidade que adere ao nosso pacto tem o compromisso de assumir o plano de ação.”

Adesão — Nas universidades, os planos de trabalhos devem estar ancorados em uma filosofia de cultura de paz e de respeito à diversidade e contemplar um ou mais dos cinco eixos eleitos no pacto: ensino, pesquisa, extensão, gestão ou convivência universitária e comunitária. Empresas, associações e organismos nacionais e internacionais que quiserem atuar em parceria com os órgãos do governo ou com as instituições de ensino podem também fazer a adesão, na condição de entidades apoiadoras.

A adesão pode ser feita por meio do Portal de Educação em Direitos Humanos do MEC, plataforma criada para orientar e apoiar a execução da nova política em nível de instituições, e na Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério da Justiça.

Assessoria de Comunicação Social

ANEXO 4



ANEXO 5

Propagando veiculada nas mídias do cartão Mastercard.



ANEXO 6

Página da prova de multipla escolha do Enem 2015


**LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS
TECNOLOGIAS**
Questões de 91 a 135
Questões de 91 a 95 (opção inglês)
QUESTÃO 91

Why am I compelled to write? Because the writing saves me from this complacency I fear. Because I have no choice. Because I must keep the spirit of my revolt and myself alive. Because the world I create in the writing compensates for what the real world does not give me. By writing I put order in the world, give it a handle so I can grasp it.

ANZALDÚA, G. E. *Speaking in tongues: a letter to third world women writers*. In: HERNANDEZ, J. B. (Ed.). *Women writing resistance: essays on Latin America and the Caribbean*. Boston: South End, 2003.

Gloria Evangelina Anzaldúa, falecida em 2004, foi uma escritora americana de origem mexicana que escreveu sobre questões culturais e raciais. Na citação, o intuito da autora é evidenciar as

- A razões pelas quais ela escreve.
- B compensações advindas da escrita.
- C possibilidades de mudar o mundo real.
- D maneiras de ela lidar com seus medos.
- E escolhas que ela faz para ordenar o mundo.

QUESTÃO 92
How fake images change our memory and behaviour

For decades, researchers have been exploring just how unreliable our own memories are. Not only is memory fickle when we access it, but it's also quite easily subverted and rewritten. Combine this susceptibility with modern image-editing software at our fingertips like Photoshop, and it's a recipe for disaster. In a world where we can witness news and world events as they unfold, fake images surround us, and our minds accept these pictures as real, and remember them later. These fake memories don't just distort how we see our past, they affect our current and future behaviour too – from what we eat, to how we protest and vote. The problem is there's virtually nothing we can do to stop it.

Old memories seem to be the easiest to manipulate. In one study, subjects were showed images from their childhood. Along with real images, researchers snuck in manipulated photographs of the subject taking a hot-air balloon ride with his or her family. After seeing those images, 50% of subjects recalled some part of that hot-air balloon ride – though the event was entirely made up.

EVELETH, R. Disponível em: www.bbc.com. Acesso em: 16 jan. 2013 (adaptado).

A reportagem apresenta consequências do uso de novas tecnologias para a mente humana. Nesse contexto, a memória das pessoas é influenciada pelo(a)

- A alteração de imagens.
- B exposição ao mundo virtual.
- C acesso a novas informações.
- D fascínio por softwares inovadores.
- E interferência dos meios de comunicação.

QUESTÃO 93
NOTICE OF BAGGAGE INSPECTION

To protect you and your fellow passengers, the Transportation Security Administration (TSA) is required by law to inspect all checked baggage. As part of this process, some bags are opened and physically inspected. Your bag was among those selected for physical inspection.

During the inspection, your bag and its contents may have been searched for prohibited items. At the completion of the inspection, the contents were returned to your bag.

If the TSA security officer was unable to open your bag for inspection because it was locked, the officer may have been forced to break the locks on your bag. TSA sincerely regrets having to do this, however TSA is not liable for damage to your locks resulting from this necessary security precaution.

For packing tips and suggestions on how to secure your baggage during your next trip, please visit:

www.tsa.gov

Smart Security Saves Time

Transportation Security Administration. Disponível em: www.tsa.gov. Acesso em: 13 jan. 2010 (adaptado).

As instituições públicas fazem uso de avisos como instrumento de comunicação com o cidadão. Esse aviso, voltado a passageiros, tem o objetivo de

- A solicitar que as malas sejam apresentadas para inspeção.
- B notificar o passageiro pelo transporte de produtos proibidos.
- C informar que a mala foi revistada pelos oficiais de segurança.
- D dar instruções de como arrumar malas de forma a evitar inspeções.
- E apresentar desculpas pelo dano causado à mala durante a viagem.

ANEXO 7¹¹⁴

A Lei Maria da Penha, em seu artigo 7º do capítulo II, considera:

- I- A violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
- II- A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamento, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;
- III- A violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;
- IV- A violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
- V- A violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

¹¹⁴ Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/lei-maria-da-penha>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

ANEXO 8

Trecho de notícia e entrevista de Joelma em 2015 para a Globo¹¹⁵

Joelma fala na TV sobre polêmicas e agressões: ‘Foram várias traições’

Em entrevista ao “Fantástico”, a cantora disse que chegou a apanhar algumas vezes do ex-marido: “Não denunciei pela família e por vergonha”.

Joelma recebeu a equipe do “Fantástico”, da Globo, para uma entrevista exclusiva, que foi ao ar na noite deste domingo,1. A cantora, vocalista da Calypso, abriu o verbo e falou sobre as polêmicas que envolveram ela e Chimbinha nos últimos meses. Segundo a artista, as traições do músico não foram somente no casamento, mas também em questões profissionais. Ela também contou que foi agredida diversas vezes fisicamente pelo ex-marido e que chegou a ficar trancada em um quarto de hotel até as marcas de seu rosto sumirem.

A cantora disse que tem 60% da banda Calypso e fez um raio-x sobre a situação do grupo: “Realmente ele (Chimbinha) estava fazendo outros projetos fora da banda, sem a minha permissão, sem me consultar, e saiu muita verba”.

Apontando a traição profissional, ela também comenta em que momento desistiu do casamento: “Não foi apenas uma traição, foram várias traições, né? Eu perdoei muitas vezes. As mulheres que passam por isso vão entender. O homem faz uma traição aí chora, pede perdão, e você passa por cima por conta da família e trabalho. Aí vem uma segunda traição, aí você perdoa. Tem uma hora que você não aguenta mais. Quando isso começou a afetar os meus filhos, quando meu filho teve que se meter entre eu e ele para que eu não apanhasse, aí chegou o ponto final”.

¹¹⁵ Disponível em: <<http://ego.globo.com/televisao/noticia/2015/11/joelma-quebra-o-silencio-e-fala-sobre-polemicas-foram-varias-traicoes.html>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

ANEXO 9

Trecho da notícia de 2015 sobre a briga entre Nicki Minaj e Miley Cyrus¹¹⁶

NICKI MINAJ XINGA MILEY CYRUS EM PREMIAÇÃO

‘E agora, voltem com esta vadia que tinha muito a dizer sobre mim esses dias para a imprensa? E aí, Miley?’, disse a rapper no VMA no domingo. 30.

Nicki Minaj criou o maior climão durante o MTV Video Music Awards que aconteceu na noite do domingo, 31, em Los Angeles. Ao subir ao palco para receber o prêmio de melhor vídeo de hip-hop com “Anaconda”, Minaj agradeceu seu pastor e, em seguida, xingou Miley Cyrus ao vivo e fez cara feia. “E agora, voltem com esta vadia que tinha muito a dizer sobre mim esses dias para a imprensa. E aí, Miley?”, disse Minaj.

Toda esta raiva pode ser explicada por causa de uma entrevista de Miley Cyrus ao “New York Times” na última semana. Mas Miley não ficou quieta e respondeu com um breve comentário sobre a entrevista, dizendo que suas respostas teriam sido distorcidas pelo jornal. “Estamos todos na indústria, todos nós fazemos entrevistas, e todos nós sabemos como eles manipulam tudo”, disse Cyrus, antes de continuar com seu roteiro no programa.

¹¹⁶ Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/08/nicki-minaj-xinga-miley-cyrus-em-premiacao.html>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

GLOSSÁRIO

<i>Fake News</i>	Notícia falsa
<i>Hashtag</i>	Recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos, através do símbolo "#" antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual esse símbolo se relaciona.
<i>Feed</i>	O termo Feed vem do verbo em inglês "alimentar". Na internet, este sistema também é conhecido como "RSS Feeds" (RDF Site Summary ou Really Simple Syndication). Na prática, sempre que um novo conteúdo for publicado em determinado site, o "assinante" do feed poderá ler imediatamente.
<i>Post</i>	Publicação online.
<i>Repost</i>	Utilização de uma publicação online anterior.
<i>Timeline</i>	Timeline é um termo em inglês que significa "linha do tempo". Na Internet, essa expressão é utilizada para mostrar as atualizações em redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter.
<i>Trending topics</i>	Ranking de twitters mais comentados.
<i>Tweets</i>	Uma publicada no Twitter que contém texto, fotos, um GIF e/ou um vídeo.
<i>Twitte</i>	Plataforma digital.